

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CRISTINA OLIVEIRA DOS SANTOS**

**BORBOLETAS NA REDE: UMA NETNOGRAFIA SOBRE PRÁTICAS  
DE ANOREXIA E BULIMIA ENTRE JOVENS MULHERES NO  
CIBERESPAÇO**

**VITÓRIA  
2016**

**CRISTINA OLIVEIRA DOS SANTOS**

**BORBOLETAS NA REDE:**

**Uma Netnografia sobre Práticas de Anorexia e Bulimia entre Jovens  
Mulheres no Ciberespaço**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Sandra Regina Soares da Costa Martins.

**VITÓRIA  
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

S237b Santos, Cristina Oliveira dos, 1984-  
Borboletas na rede: uma netnografia sobre práticas de  
anorexia e bulimia entre jovens mulheres no ciberespaço /  
Cristina Oliveira dos Santos. – 2016.  
161 f. : il.

Orientador: Sandra Regina Soares da Costa Martins.  
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e  
Naturais.

1. Anorexia. 2. Bulimia. 3. Interação social. 4. Comunidades  
virtuais. 5. Sociabilidade. 6. Redes sociais. I. Martins, Sandra  
Regina Soares da Costa. II. Universidade Federal do Espírito  
Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 316

---

**CRISTINA OLIVEIRA DOS SANTOS**

**BORBOLETAS NA REDE: UMA NETNOGRAFIA SOBRE PRÁTICAS  
DE ANOREXIA E BULIMIA ENTRE JOVENS MULHERES NO  
CIBERESPAÇO**

Dissertação apresentada para o cumprimento das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. SANDRA REGINA SOARES DA COSTA MARTINS  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. ELIANA SANTOS JUNQUEIRA CREADO  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES (PGCS/UFES)  
(Membro Interno)

---

PROF. Dr. PEDRO DAVID RUSSI DUARTE  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – UNB (FAC/UNB)  
(Membro Externo)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. PATRÍCIA PEREIRA PAVESI  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES (PGCS/UFES)  
(Membro Interno Suplente)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. MANUELA VIEIRA BLANC  
Programa de Pós-graduação em Sociologia Política – UVV (PPGSP/UVV)  
(Membro Externo Suplente)

**VITÓRIA- ES  
2016**

“A Igreja diz: O corpo é uma culpa. A ciência diz: O corpo é uma máquina. A publicidade diz: O corpo é um negócio. O corpo diz: Eu sou uma festa.”

Eduardo Galeano, jornalista e escritor uruguaio.

## AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas e seres que tenho que agradecer que uma folha não seria suficiente para demonstrar toda minha gratidão. Primeiramente agradeço ao Deus em que eu acredito que me deu força, sabedoria e muita paciência para conseguir passar por tantos momentos de angústia durante a trajetória dessa pesquisa.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe, minha irmã e meu noivo que sempre estiveram presentes nos momentos em que mais precisei e quando não precisei também.

A todos os professores do Departamento de Pós-Graduação de Ciências Sociais da Ufes sempre tão dispostos a me auxiliar e, principalmente, à minha orientadora Sandra Costa cuja orientação ultrapassou muito mais do que dois anos. Não tenho palavra para te agradecer por ter confiado em mim e por ter me aberto às portas das Ciências Sociais, um curso complexo por suas riquezas e que ainda era um mistério para mim. Se eu consegui chegar até aqui, você tem total participação nisso. Muito obrigada.

A toda equipe do Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura (Labic) da Ufes, especialmente aos professores Fábio Malini e Fábio Goveia, à coordenadora Marianne Malini, aos jovens e talentosos pesquisadores Milena, Nelson e Tasso que me ajudaram a desvendar o ciberespaço e a trabalhar com os dados.

Ao professor Pedro Russi que, mesmo sem me conhecer, aceitou prontamente ao meu pedido para ser membro da banca, respondendo a todos os meus infindáveis e-mails.

À Silvinha que esteve ao meu lado nas horas mais complicadas, tirando todas minhas dúvidas e me dando uma mão amiga sempre que precisei.

Aos meus amigos da pós que passaram dois intensos anos comigo. Uma amizade que se fortaleceu na “sofrência” e nas alegrias proporcionadas pelo grupo no WhatsApp e nos encontros fora do virtual.

A CAPES/FAPES que ofereceu um importante e fundamental suporte financeiro para a realização desta pesquisa.

E a todos os colegas e amigos que ofereceram seu apoio emocional e teórico. A todos vocês, minha imensa gratidão.

## **RESUMO**

Esta pesquisa consiste em investigar a comunidade virtual do grupo Borboletas no WhatsApp que promove interação entre pessoas do sexo feminino com idades entre 10 e 35 anos que são pró-transtornos alimentares, as chamadas “pró-anas” e “pró-mias” brasileiras, adeptas da prática da anorexia e bulimia, respectivamente. O recorte desse grupo se justifica por elas serem mais ativas dentro das comunidades virtuais, interagindo com maior frequência e construindo vínculos sociais. Utilizarei a etnografia virtual ou netnografia para descobrir as visões de mundo, construções de identidades e relações de sociabilidade que estão sendo criadas pelas participantes, além da análise de redes sociais virtuais. Como resultado dessa dissertação foi possível concluir que as pró-anas e pró-mias têm conhecimento dos efeitos negativos desses transtornos em seus corpos e em suas vidas, mas acreditam que todo o sacrifício para conseguirem alcançar seus desejos de ter um corpo magro são válidos porque as afastam da lipofobia, uma forma de demonização da gordura. Além disso, o apoio constante das participantes nas comunidades virtuais mostrou ser algo tão forte a ponto de criar vínculos entre pessoas que outrora eram desconhecidas e que agora assumiram tal importância na vida das pró-anas e pró-mias que suas vidas giram em torno do transtorno alimentar e das amizades estabelecidas dentro do grupo Borboletas.

**Palavras-chave:** anorexia; bulimia; interação, comunidade on-line; ana; mia; sociabilidade

## **ABSTRACT**

The aim of this research is to explore the virtual community of the butterflies' WhatsApp group that promotes interaction between females people between the ages of 10 to 35 years old. The members of said group are pro-eating disorders of the so called brazilian “pro-Anas” and “pro-Mias”, adept to practice anorexia and/or bulimia, respectively. The approach to this work is justified because members are more active in virtual communities, interacting more frequently and building social ties. I will use the virtual ethnography or netnography to discover the world views, identity construction and personal relations that are created by participants, as well as analysis of virtual social networks. As a result of this dissertation was concluded that pro-Ana is pro-Mia are aware of the negative effects of these disorders in their bodies and their lives, but believe that all the sacrifice to get achieve their desire to have a lean body are valid because away from the lipophobicity, a form of fat's demonization. Moreover, the constant support of the participants in virtual communities proved to be something so strong as to create links between people who were once unknown and now assumed a big importance to the pro-Ana and pro-Mia that their lives revolve around the eating disorder and friendships established within the Butterflies group.

**Keywords:** anorexia; bulimia; interaction, online's community; ana; mia; sociability

## LISTA DE FIGURAS E GRAFOS

Figura 1: As Borboletas de Sucesso.....	p.128
Figura 2: As Formas da Bulimia.....	p.130
Figura 3: Muitos Tons de Cinza.....	p.132
Grafo 1: Primeira Semana no Twitter.....	p.135
Grafo 2: Segunda Semana no Twitter.....	p.136
Grafo 3: Terceira Semana no Twitter.....	p.137
Grafo 4: Quarta Semana no Twitter.....	p.139
Grafo 5: Comparação dos grafos 1, 2, 3 e 4.....	p.140
Grafo 6: Nuvem de Tags do WhatsApp.....	p.141

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1 - Das Sociedades Complexas ao Martírio da Anorexia.....</b>	<b>18</b>
1.1 Identidades fluidas.....	25
1.2 Metamorfoses da beleza brasileira.....	30
1.3 Uma nova mulher.....	45
<b>Capítulo 2 – O Despertar de uma Lagarta.....</b>	<b>54</b>
2.1 Das Santas às Anas.....	57
2.2 Ana me Faça Perfeita.....	65
2.3 A Rede das Borboletas.....	82
2.4 O Sofrimento que Liberta.....	95
2.5 Seremos Princesas.....	103
<b>Capítulo 3 – A Fuga das Borboletas: um novo olhar metodológico.....</b>	<b>108</b>
3.1 Miatização da Vida Social e Resistência na Rede.....	118
3.2 Análise do Instagram.....	123
3.3 Análise do Twitter.....	133
3.4 Análise do WhatsApp.....	140
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>143</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>153</b>

## Introdução

Na Grécia Antiga, na época de Péricles, a fisiologia humana era baseada no calor do corpo humano, segundo Sennett (2003). De acordo com essa filosofia grega, os seres que poderiam absorver o calor e manter o equilíbrio térmico não precisariam usar roupas. Para os gregos, o corpo quente era considerado mais forte, reativo e ágil, que correspondia ao corpo dos homens no qual o calor corporal, fala e ação estavam diretamente associados. Em contrapartida, o corpo das mulheres era visto como inerte e frio e, por isso, elas eram consideradas lentas de raciocínio e incapazes de se expressar. Como somente o homem poderia exibir sua nudez, já que possuía corpo quente, ele era digno de ser cultuado. “No ginásio, ensinava-se como usar o corpo de forma que ele pudesse desejar e ser desejado com honra” (SENNETT, 2003, p.42).

O corpo humano, como se percebe na literatura de Sennett, era digno de grande admiração no mundo antigo, porém se limitava ao corpo masculino. Para o crítico John Boardman, no Parthenon a imagem do corpo humano é “mística e idealizada, mais do que individualizada (...); (nunca) o divino foi tão humano, nem o humano tão divino” (BOARDMAN, 1986, apud SENNETT, 2003, p.38). Nos dias atuais, diferentemente do que acontecia na Grécia Antiga, o corpo da mulher ganhou destaque na sociedade ocidental moderno-contemporânea, na qual o culto ao corpo mantém-se em evidência. Por meio de **técnicas corporais** (MAUSS, 1974) elas podem construir um “corpo ideal” baseado em um dos modelos de beleza ocidental. O corpo passa a ser supervalorizado, sendo visto como algo que precisa ser idolatrado, cultivado, moldado, esculpido.

Com apenas 21 anos, a jovem Daiane Dornelles, do Rio Grande do Sul, morreu no dia 23 de agosto de 2013 vítima de anorexia. Segundo relatos de familiares e amigos na web<sup>1</sup>, a jovem contraiu hepatite viral por conta de complicações com o transtorno alimentar. Daiane pesava 48 kg e tinha 1,65 de altura. Nas redes sociais, ela exibia em suas fotos o que é chamado de

---

<sup>1</sup> Conforme: [www.diariodocentrodomundo.com.br/anorexia-e-morte-no-instagram/](http://www.diariodocentrodomundo.com.br/anorexia-e-morte-no-instagram/)

barriga negativa<sup>2</sup>, que consiste numa barriga chapada na qual os ossos do quadril se tornam mais evidentes do que o abdômen.

Nas publicações ela relatava o hábito de se alimentar apenas duas vezes ao dia e, usualmente, utilizava a hashtag #vamoanorexia em suas redes sociais. Daiane Dornelles utilizava o perfil @MeganFoces no Twitter, como uma analogia a artista Megan Fox, mas usando a palavra “foces” de “foco” para poder se comparar à atriz. Com postagens frequentes sobre o tema, a jovem conquistou diversos adeptos à prática da anorexia e bulimia, contabilizando mais de 17 mil seguidores. Popular também no Instagram, Daiane contava com o apoio de 5,4 mil perfis que a seguiam na rede social. Segundo o site do jornal O Dia<sup>3</sup>, ela era considerada uma webcelebridade. Ponte, Rapetti e Porém (2009) definem webcelebridade como um termo utilizado para “designar pessoas que expõem suas vidas na Web através da publicação de materiais pessoais e, com isso, ganham a simpatia de milhares de pessoas, chegando a conquistar um enorme número de fãs (idem, p.2)”.

Por ser antes uma questão que envolvia mulheres adultas, estudos apontam que o problema agora se estende a adolescentes e até crianças, que hoje são submetidas pelas mesmas pressões, buscando incorporar um modelo de corpo perfeito. A organização norte-americana, *Common Sense Media*, dedicada a auxiliar pais e filhos a lidarem com a demasiada influência da tecnologia e mídia na sociedade, realizou uma pesquisa sobre autoimagem denominada *Children, Teens, Media, and Body Image*<sup>4</sup> (2015) em que foi revelada que mais da metade das meninas com idades entre sete e oito anos, nos Estados Unidos, acredita que o corpo ideal é mais magro do que o seu. Além disso, dados da mesma pesquisa apontam que uma em cada quatro crianças já tentaram fazer dieta após os sete anos.

Assim como no caso de Daiane Dornelles, é cada vez mais comum e precoce a insatisfação com o corpo, principalmente no período em que os adolescentes estão formando sua identidade corporal (CAMPAGNA e SOUZA, 2006). Nesta fase há uma maior preocupação com a aparência física e, com isso, começam a frequentar cada vez mais cedo academias de

---

<sup>2</sup> Conforme: <http://www.minhavidade.com.br/fitness/galerias/17076-entenda-os-riscos-que-a-busca-pela-barriga-negativa-oferece-a-saude>. Acesso em 07 de junho de 2015.

<sup>3</sup> Informações do jornal O Dia disponível em <http://odia.ig.com.br/noticia/mundoeciencia/2013-08-24/jovem-morta-por-anorexia-nervosa.html>. Acesso em 15 de dezembro de 2014.

<sup>4</sup> Ver: Pesquisa completa no link <https://www.common sense media.org/file/csm-body-image-report-012615-interactivepdf/download>. Acesso em 04 de abril de 2015.

ginástica, escolas de dança com o propósito de emagrecer, se submetem às cirurgias plásticas, fazem dietas e estabelecem pactos entre as amigas para realizarem um regime coletivo como propõem alguns blogs e sites voltados para a boa forma física<sup>5</sup>. Todas essas ações têm por finalidade a conquista de um corpo magro e com musculatura aparente, dando fim à gordura corporal.

Autores como Sant'Anna (2014) e Eco (2010) mostram que as estratégias de controle voltadas para o corpo feminino se modificam em cada época, aparecendo sobre diferentes modos em diversas culturas. Porém, com a globalização, há uma maior amplificação e dispersão dos padrões ocidentais de beleza. E em busca desse modelo, mulheres de variadas culturas e faixas etárias utilizam cosméticos diversos e realizam inúmeras intervenções estéticas para se adequarem a determinado padrão. Pode-se citar o caso da cantora nigeriana Dencia, que desenvolveu um creme clareador de “manchas escuras” chamado *Whitenicous*, que propõe transformar a pele negra em branca. Segundo a matéria publicada no site UOL Notícias Internacional<sup>6</sup>, o creme é à base de aloe vera e vitamina C, cujo frasco com 60 ml custa cerca de U\$S 160 e é voltado para o público indiano, norte-americano e africano, principalmente. O produto se tornou polêmico após sua desenvolvedora, que tem a pele negra, aparecer com a pele muito mais clara.

A cirurgia de ocidentalização das pálpebras ganhou destaque, inicialmente, nos países orientais, como Japão e Coreia do Sul, e tem se popularizado no Brasil e nos Estados Unidos de acordo com o site Portal Bragança<sup>7</sup>. A blefaroplastia, que consiste na eliminação das bolsas de gordura da pálpebra superior, foi desenvolvida na segunda metade do século XIX. A finalidade da cirurgia é “proporcionar um olhar mais expressivo e vívido” (AKI, SAKAE e BARACAT, 2003) para que orientais possam ter olhos mais arredondados, assemelhando-se aos ocidentais. Outro exemplo de intervenção estética em busca de novos padrões corporais são as cirurgias para alongamentos ósseos, onde são colocados “extensores nas pernas para

---

<sup>5</sup> Alguns exemplos de pactos para emagrecer podem ser encontrados nos sites <http://wp.clicrbs.com.br/blogdepeso/2012/12/13/dieta-coletiva-consulta-coletiva-emagrecer-entre-amigos-e-mais-facil/?topo=52,1,1,,219,e219> e <http://www.corpoemdieta.com/dieta-entre-amigas-ajuda-a-emagrecer/>. Acesso em 27 de novembro de 2015.

<sup>6</sup> Cantora africana clareia a pele e abre discussão sobre a autoestima dos negros: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/04/14/cantora-africana-clareia-a-pele-e-abre-discussao-sobre-autoestima-de-negros.htm>. Acesso em 7 de janeiro de 2015.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://esteticaesaude.portalbraganca.com.br/cirurgia-de-ocidentalizacao-das-palpebras.html>. Acesso em 3 de março de 2015.

umentar a estatura<sup>8</sup>”, favorecendo jovens que querem seguir a carreira de modelo, mas não tem o tamanho exigido pela indústria da moda.

Além disso, há ainda o *thig gap*<sup>9</sup>, que em tradução literal significa “espaço entre as coxas”, realçando o vão entre as pernas, acima da circunferência das coxas para evitar que elas encostem uma na outra. Para conseguir o resultado, só com dieta e exercícios específicos, mesmo que para isso o Índice de Massa Corpórea (IMC) fique abaixo do considerado normal. E o que dizer da “Cirurgia Cinderela” para reduzir o tamanho dos pés? Mesmo que a maioria dos sapatos femininos ofereça numeração até 39, mulheres têm procurado clínicas cirúrgicas e estéticas para realizarem diversos procedimentos para a redução da medida, encurtando o tamanho dos dedos, afinando os pés e alterando sua forma<sup>10</sup>.

Muito além da simples vaidade feminina, jovens mulheres em diversas partes do mundo abusam da produção de maquiagem, dietas, uso de espartilhos, apliques de cabelo loiros e longos, lentes especiais que dão certo brilho ao olhar e até cirurgias plásticas para retirada de costelas e mudanças na face com a finalidade de se parecem com a boneca Barbie, produzida há mais de cinco décadas pela companhia norte-americana de brinquedos, a Mattel<sup>11</sup>. Conhecidas como barbies humanas<sup>12</sup>, no período de construção de seus corpos, a beleza plástica é o ponto de chegada, baseando-se em taxas, índices, médias, normas e projetos para que se cheguem à identificação ideal com a boneca da Mattel.

Posso continuar citando outros inúmeros exemplos de procedimentos e práticas corporais de adequação aos valores e padrões de uma cultura de consumo realizados no mundo (BORGES, 2007), incentivados pela indústria da beleza e pela mídia. Mas o que pretendo mostrar são algumas das consequências desses discursos que aparecem de forma constante na atualidade. Os ideais de corpo magro para a mulher, difundidos pela sociedade e divulgado

---

<sup>8</sup> Ver: <http://diariodebiologia.com/2015/02/para-se-tornar-modelo-jovem-gasta-milhares-de-dolares-com-cirurgias-para-alongar-as-pernas/#.VUFQFCFViko>. Acesso em 03 de março de 2015.

<sup>9</sup> Conforme: <http://ela.oglobo.globo.com/beleza/thigh-gap-espaco-entre-as-coxas-a-nova-mania-11074606>. Acesso em 10 de março de 2015.

<sup>10</sup> “Em nome da vaidade, mulheres fazem cirurgia para reduzirem o tamanho dos pés” disponível em <http://www.sidneyrezende.com/noticia/233494+em+nome+da+vaidade+mulheres+fazem+cirurgia+para+diminuir+tamanho+dos+pes>

<sup>11</sup> Conforme: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020428\\_barbie.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020428_barbie.shtml). Acesso em 8 de março de 2015.

<sup>12</sup> Ver: [http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/04/10/noticia\\_saudeplena,148242/barbies-humanas-inspiram-meninas-no-brasil-e-no-mundo-especialistas-a.shtml](http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/04/10/noticia_saudeplena,148242/barbies-humanas-inspiram-meninas-no-brasil-e-no-mundo-especialistas-a.shtml). Acesso em 12 de março de 2015.

constantemente pela mídia, têm desencadeado uma série de transtornos alimentares, como a própria anorexia e a bulimia, que hoje são estimulados em comunidades eletrônicas e redes sociais, como afirma Recuero (2005).

Aparentemente, a rede social é vista como o elemento de conexão mais importante para as meninas. A interação é tão fundamental que é fundamentalmente cooperativa entre os membros da rede. As pró-anas e pró-mias são generosas e suportam umas às outras com carinho, cooperando para que todas atinjam seus objetivos, deixando recados nos blogs e fazendo promessas umas às outras (RECUERO, 2005).

Recuero (2005) define essas comunidades on-line como “um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais, que permaneçam um tempo suficiente para que elas possam constituir um corpo organizado através da comunicação mediada por computador” (idem, p.12), associada a um *virtual settlement* (estabelecimento virtual). Nessas comunidades, o contato físico deixa de ser fundamental e passa a se tornar um complemento do contato social.

Nas comunidades eletrônicas, Giacomozzi e Bousfield (2010), que realizaram o estudo sobre a “Representação Social do Corpo de Participantes de Comunidades Pró-Anorexias do Orkut”, constataram que as participantes começam a se relacionar com outras que têm a mesma representação negativa de si e da gordura corporal, além de muitas aparentarem ter problemas depressivos por não aceitarem seu aspecto físico. E são nessas comunidades que elas encontram o apoio necessário para melhorar a autoimagem, a criar e fortalecer **laços sociais** e descobrir um sentido para a vida. Assim, o processo de **sociação** de Simmel (1983) começa a ocorrer dentro da **cibercultura**. Elas saem da condição do **estigma** de Goffman (1988) onde se veem gordas, feias e rejeitadas, de um **desvio** proposto por Becker (2008) na qual são “condenadas” pela sociedade, contraditoriamente, ou por estarem acima do peso ou por quererem emagrecer, para a sensação de normalidade encontrada nas comunidades.

Cria-se assim uma rede de interação social, por meio de uma amizade virtual que é fortalecida pelo sentimento de pertencimento do grupo. Nesse espaço on-line, essas jovens encontram garotas que pensam como elas, que as entendem e apoiam na busca pela magreza excessiva e na conquista de um corpo considerado perfeito no padrão da alta costura. Porém, essa estrutura corporal parece ser algo inatingível, pois elas não sabem qual seria o ponto ideal já que em cada post a magreza é cada vez mais estimulada. Nesse momento, a bulimia e

anorexia adquirem uma nova significação para essas jovens mulheres, deixando de pertencer à categoria “doença” para se transformarem em **estilo de vida** (GIACOMOZZI e BOUSFIELD, 2010) no momento em que os comportamentos de privação e expurgação da comida passam a serem rituais normalizados.

Neste trabalho, especificamente tenho como foco de pesquisa as jovens com transtornos alimentares que se reúnem em comunidades eletrônicas para fortalecerem sua luta pró-bulimia e pró-anorexia. O campo de pesquisa desse trabalho é uma comunidade virtual específica do WhatsApp que chamarei de “Borboletas” para preservar a identidade das participantes, muitas menores de idade. Dessa maneira, o objeto central dessa pesquisa é uma investigação sobre como se dão as relações de sociabilidade entre essas jovens no mundo on-line que transformaram uma doença em estilo de vida e decidiram unir forças, fortalecendo vínculos sociais no ciberespaço, para conseguirem chegar a um dos padrões ocidental de beleza, ou seja, um corpo de manequim, considerado por elas como um modelo de perfeição.

No primeiro capítulo abordarei como a beleza foi sendo construída dos primeiros anos da República brasileira até os dias atuais por meio de um percurso teórico e histórico a fim de se mostrar como foram moldados os ideais de beleza das pró-anoréxicas (pró-anas) e pró-bulímicas (pró-mias).

O segundo capítulo compreende, de fato, uma etnografia virtual realizada por meio da observação flutuante e de dados coletados, no período de um ano, do WhatsApp pelo Laboratório de estudos de Imagens e Cíbercultura (Labic). Assim, apresentarei as formas de interação, sociabilidades criadas, temas de maior relevância dentro do período estudado e a idealização da perfeição corporal buscado pelas participantes do Borboletas dentro da comunidade virtual do WhatsApp. Além disso, mostrarei as origens e consequências sociais e corporais advindas do transtorno alimentar da bulimia e anorexia.

No terceiro e último capítulo procurarei levantar uma discussão sobre novas formas metodológicas de se pesquisar assuntos como a pró-anorexia e pró-bulimia dentro do ciberespaço. Para isso foram analisados o Instagram e Twitter os quais procurei descrever o comportamento das Anas e Mias dentro dessas redes sociais.

Ao final de todo o processo, depois de muitas observações realizadas e muitos dados analisados, percebi que esse é apenas um pequeno passo para desvendar os mistérios que regem as dinâmicas socioculturais de um grupo tão complexo quanto o das pró-ana s e Mias (ou pró-anemias como elas mesmas se denominam). Esta pesquisa saciou minhas dúvidas acerca de como elas veem seu próprio corpo, da enorme importância que tem a interação numa comunidade virtual, de como a figura da mãe é importante em todo o processo, como as identidades se tornaram tão fluidas dentro da sociedade de consumo e o quanto ainda há para se pesquisar sobre o modo de como elas enxergam a anorexia, que foi levada a uma categoria que foge do conceito de doença.

Sem dúvida, embora essa pesquisa tenha me causado muita angústia por ver tão de perto a degradação de mulheres tão jovens, não há como negar as intrigantes especificidades e subjetividades presentes no mundo da anorexia e bulimia. E tanto o pesquisador antropólogo quanto o de outras ciências das humanidades tem um longo caminho a percorrer para descobrir ferramentas para coleta e análise de dados que o auxiliem no processo de compreensão de uma forma mais profunda desses grupos sociais que utilizam o ciberespaço para se relacionarem.

## **1. DAS SOCIEDADES COMPLEXAS AO MARTÍRIO DA ANOREXIA**

Devido à complexidade do universo que envolve toda uma rede de promoção à beleza que influencia diretamente na formação de um padrão corporal copiado e difundido pelas pró-anas e pró-mias, inicio a discussão deste capítulo tomando como base uma perspectiva teórica sobre as sociedades complexas relativizadas por Velho (1989). Além disso, parto também de uma perspectiva histórica baseada na obra “História da Beleza no Brasil” de Denise Sant’Anna (2014) na qual se permitiu criar uma linha do tempo mostrando como o conceito do que é belo foi sendo construído no Brasil desde os primeiros anos da República até os dias atuais.

Odiar a gordura e tudo o que ela representa faz parte do repertório lipofóbico das sociedades modernas ocidentais. Criou-se um pavor nos indivíduos, principalmente nas mulheres, quando adquirirem uns quilos a mais ou pior, um medo que se baseia na mais simples possibilidade de engordar. O tecido adiposo e/ou seu excesso se tornou o grande vilão da modernidade, perseguido tanto pela cultura de massa, que produz incontáveis imagens de pessoas com corpos esbeltos, invejados e admirados, quanto da medicina que o vê como o grande malfeitor da saúde, causador de inúmeros males. E uma dessas mazelas é a baixa autoestima, problema que será um dos pilares dessa discussão (GIACOMOZZI e BOUSFIELD, 2010).

Mas enquanto esse medo era visto como um estímulo para “entrar em forma” e atingir níveis considerados normais para a saúde humana, talvez não houvesse tanta inquietação. No entanto, essa fobia saiu do plano das ideias e tomou forma física nos corpos de mulheres e meninas cada vez mais jovens que se vestem diariamente da Anorexia e Bulimia nervosas.

Na busca de um corpo perfeito, elas se amparam num padrão de beleza que partiu da alta costura europeia e norte-americana para construírem um perfil corporal que não respeita sua genética, cultura ou modo de vida (SANT’ANNA, 2014). E para conseguirem chegar a um dos modelos de beleza propagados pela mídia e pela sociedade moderna ocidental, elas agora se reúnem em grupos por meios de redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter e principalmente o WhatsApp, que promove um nível considerado de interação. São as

chamadas Anas (pró-anorexia) e Mias (pró-bulimia). Em conjunto, elas trocam “figurinhas” para se manterem fortes e conquistarem seu objetivo, que a grosso modo se resume em descobrir artimanhas para emagrecer ao ponto de poderem exibir, com orgulho, seus ossos.

Porém, para melhor entender o que levou a sociedade brasileira a se remodelar corporalmente no decorrer dos anos, é preciso assimilar a dinâmica da sociedade moderna ocidental que teve suas bases construídas no individualismo se tornando cada vez mais complexa. E para isso, alguns conceitos precisam ser mais bem esmiuçados. Partindo de uma perspectiva histórica que mostra a transição da economia da sociedade feudal para a sociedade ocidental moderna, Simmel (1998) mostra que, na Idade Média, as relações econômicas apresentavam um caráter mais pessoal devido às condições sociais em que as pessoas viviam, havendo um maior estreitamento das relações sociais realizadas nas comunidades, propriedades feudais, poucas associações e corporações.

Na segunda metade do século XX, período pós-Revolução Industrial, essas relações se ampliaram tornando-se mais impessoais. A sociedade mudou sua base econômica, não sendo mais fundamentada na produção agrícola nem na industrial, mas sim na produção de informações, símbolos, serviços e estética. Época que passou a ser conhecida como Era da Informação e do Conhecimento (TONI, 2003). Com o advento do dinheiro, essa relação entre pessoa e posse passa a sofrer uma mediação, causando um distanciamento entre esses vínculos que antes tinha uma especificidade mais intimista (SIMMEL, 1998). Embora o monetário proporcionasse a formação de mais laços na modernidade do que na era medieval, as relações agora se tornaram mais objetivas, independentes e superficiais, libertando o indivíduo de laços sociais mais profundos.

Na perspectiva de Simmel (1998), a modernidade deu ao homem a autonomia da personalidade, além de uma liberdade de movimentação proporcionando um “caráter objetivado incomensurável aos conteúdos práticos da vida” (idem, 1998, p.2). O autor apresenta uma visão mais positiva do individualismo como uma possibilidade do sujeito exercer suas subjetividades por meio da individualidade, já que na Idade Medieval o homem tinha sua personalidade vinculada aos círculos de interesses sociais, tornando suas relações mais complexas.

Precisamente uma tal relação tem de gerar um forte individualismo, por não é o isolamento em si que aliena e distancia os homens, reduzindo-os a si próprios. Pelo contrário, é uma forma específica de se relacionar com eles, de tal modo que implica anonimidade e desinteresse pela individualista do outro, que provoca o individualismo (SIMMEL, 1998, p.6).

Por sua vez Dumont (2000) estabelece seus fundamentos sobre o individualismo baseado numa hierarquia holista na qual o indivíduo se encontra na sociedade como um todo, como na Índia. Segundo seus conceitos, se ignorarmos a hierarquia social, na qual o Estado alcança o nível superior, os homens tornam-se livres e iguais perante a ele. Se não existe posição social, os homens passam a ter um nível de igualdade e liberdade com o Estado e esse não consegue mais administrar a vida social e individual daquele ator social. No individualismo de Dumont, o indivíduo ocidental não se submete a ninguém. São suas regras pessoais que movem sua existência.

Se o individualismo deve aparecer numa sociedade do tipo tradicional, holista, será em oposição à sociedade e como uma espécie de suplemento em relação a ela, ou seja, sob a forma de indivíduo-fora-do-mundo. Será possível pensar que o individualismo começou desse modo no ocidente? É precisamente isso o que vou tentar mostrar; quaisquer que sejam as diferenças no conteúdo das representações, o mesmo tipo sociológico que encontramos na Índia - o indivíduo-fora-do-mundo - está inegavelmente presente no cristianismo e em torno dele no começo da nossa era (DUMONT, 2000, p. 38).

Sem posição social, negando uma hierarquia, o indivíduo já não tem a quem se espelhar e almejar, perdendo a noção de direitos e deveres. Nessa contextualização, o homem moderno ocidental abdica suas crenças e valores, negligenciando sua trajetória social a fim de consagrar suas experiências e satisfação pessoal, se desintegrando de sua relação com a sociedade. A conexão do indivíduo com o outro passa a ser feita para satisfazer suas necessidades e escolhas pessoais, mudando de acordo com suas finalidades. Essa definição de Dumont (2000) partiu de uma perspectiva religiosa do cristianismo na qual o indivíduo não precisa mais de uma mediação da religião para se ligar a um ser superior, numa concepção de “indivíduo-no-mundo” na qual o cristão passa a ser um “indivíduo-em-relação-com-Deus”. Mas essa ideologia, na visão do autor francês, seria uma exceção na qual a regra se fundamenta na questão da hierarquia/holista estudada na sociedade de castas indianas, onde a totalidade se sobrepõe a parte.

Invertendo a premissa individualista, nas sociedades hierárquicas, a parte só adquire sentido quando relacionada ao conjunto. Tal “sentido” é permeado pela ideia de

“valor”, que seria o elemento classificador e diferenciador na sociedade hierárquica. Assim, em tais contextos, pode-se falar em “pessoa”, cuja concepção será sempre relativizada diante do contexto que a qualifica. Ao contrário do indivíduo, que pode ser atomizado do todo social, a “pessoa” está sempre relacionada a um elemento conjunto qualificador (PEREIRA, 2014, p.21).

Nessa análise dumoniana, o sujeito ocidental é concebido como valor em si mesmo, com a valorização de suas necessidades pessoais, liberdade individual e a não dependência do outro, caracterizando uma sociedade individualista. Isso contraria a tradicional sociedade holista onde a totalidade do corpo social, a hierarquia tem valor universal. No corpo social, cada indivíduo ocupa um lugar na escala social, como nas castas indianas, obedecendo a suas regras e exercendo suas funções na sociedade e, dessa forma, contribui para a organização do social. Não se prevalecem às escolhas individuais e sim as sociais.

A sociedade moderna ocidental permite essa construção da percepção de si, do individualismo por causa da crença do ser universal. Vieira e Stengel (2012) explicam que a falta de uma hierarquia social que delimita lugares sociais faz com que a sociedade se torne “uma associação de indivíduos autônomos constituindo-se como algo externo aos indivíduos ou até mesmo em relação a eles” (idem, p.347). Na perspectiva individualista ocidental, a sociedade passa a ser negada, a ser vista como um obstáculo a ser superado e que ela está a serviço do indivíduo e não o contrário.

Velho (2004) relativiza Dumont (2000) ao dizer que individualismo e hierarquia são ordens simbólicas alternativas, que tanto podem se complementar quanto se contradizer. Na nossa sociedade dinâmica pode-se ter pessoa e indivíduo em um curto período de tempo. O que define esse trânsito é uma relação circunstancial. Para Dumont, numa sociedade simples como a indiana, não há indivíduo, há pessoa que faz parte de uma hierarquia. Nessa perspectiva, Velho acredita que o agente empírico pode ser tanto indivíduo quanto pessoa na sociedade complexa, e isso no mesmo dia. O que vai definir a posição do sujeito na sociedade são as circunstâncias de seu trânsito, de onde ele estará em determinado tempo, podendo ser tanto um umbandista (pessoa), por exemplo, quanto um indivíduo que sai do centro e vai para o trabalho, deixando de ser reconhecido como pessoa. E é justamente esse dinamismo de fluxos e fronteiras nos centros urbanos que definem a identidade e caracteriza a sociedade moderno-contemporânea. Relativizando Dumont, Velho diz:

Mas não só e nem sempre existe um padrão explícito e claro mas, mesmo existindo, constitui a alternativa individualizadora dentro do campo de possibilidades daquele grupo e universo moral. Não defendo uma teoria voluntarista da vida social. Chamo a atenção para o espaço que possibilita a emergência de situações em que o indivíduo, enquanto sujeito moral, se destaque e onde um ethos individualista possa existir mesmo subordinado a uma ordem holista dominante (VELHO, 2004, p.48).

No entanto, Velho destaca que essa coexistência nem sempre é pacífica e o sujeito moral está suscetível a todo tipo de acusações por causa desse sucesso que tem vertentes contraditórias. Para ele, o desviante é o sujeito moral que mais se individualiza na medida em que, diante da própria trajetória, não terá tendência a ser “ortodoxo aos costumes e normas de onde saiu” (VELHO, 2004, p.49). Porém, o desviante sai de onde veio para poder sofrer esse processo de individualização, que é dificultada pelo controle social de seu meio e, por isso, sofre críticas e acusações.

Mesmo nos ambientes supostamente mais tradicionalistas e conservadores encontram-se indivíduos e grupos cuja visão de mundo e ethos são discrepantes e contraditórios com a ordem moral dominante (VELHO, 2004, p.49).

Segundo o autor, o agente empírico precisa assumir papéis sociais dentro da sociedade a qual desenvolve mecanismos para definir um lugar para esse indivíduo-agente empírico. Os papéis sociais são definidos levando em consideração diversos fatores, tais como gênero, idade e posição social, sendo que essa ação gera uma tensão na sociedade. Entretanto, na sociedade individualista nem sempre esses papéis sociais são postos de forma clara, pois “nem todo comportamento ou atitude individualista, no sentido de servir aos interesses do indivíduo, expressa uma visão de mundo em que o agente empírico é o sujeito moral e unidade mínima significativa” (VELHO, 2004, p.49).

De acordo com o antropólogo, encontrar um papel social que proporcione prestígio dentro da sociedade possibilita atingir as expectativas culturalmente elaboradas. E a individualidade de um ator social se expressa por meio da **performance** (VELHO, 1994) mais ou menos bem sucedida na sociedade, sendo proferida por meio de paradigmas culturais pré-existentes. Para Velho, prestígio está associado a certa estabilidade. As normas e valores estão estabelecidos e os indivíduos estão postos dentro de uma hierarquia. E a ascensão está relacionada a uma transformação desde a trajetória do indivíduo, como no contexto social.

No entanto, grupos da sociedade não devem ser vistos somente como unidades heterogêneas, autocontidas e independentes. O conceito de sociedade complexa traz a ideia de heterogeneidade porque são formadas identidades diferenciadas. Apesar de suas diversidades culturais, de suas dessemelhanças, nessa sociedade fragmentada há um processo de interação entre os grupos e trocas de sociabilidades, que mesmo tendo características que apontam para uma fragmentação, esses fragmentos de ideias, de culturas, formam uma unidade que compõe a sociedade complexa moderno-contemporânea.

O sociólogo retoma alguns conceitos de Dumont (2000) e os relativiza dizendo que, mesmo em comunidades mais hierarquizadas, como a Índia, há a possibilidade de individualização. Em contrapartida, ele afirma que a sociedade moderna industrial individualista também proporciona “dimensões e instâncias desindividualizadoras” (VELHO, 2004, p.24). Ou seja, no contexto das sociedades complexas não se pode generalizar e dizer que existe somente hierarquia ou individualismo porque o indivíduo ocidental está imerso numa **província de significados** (VELHO, 2004). Essas **províncias de significados** ou domínios conseguem agregar áreas comuns como escola, religião, carreira e família, permitindo o trânsito simbólico entre os participantes dessas instituições, compartilhando os mais diversos sentidos e significados, de forma que eles possam encontrar um ponto em comum, organizando esse conjunto de experiências. Nesse trecho, Velho destaca qual seria um dos problemas centrais da própria experiência humana quando nos referimos à cultura. É saber o que pode ser comunicado, como compartilhar as experiências e negociar a realidade.

Mesmo que os atores sociais transitem por espaços diversificados, por instâncias desindividualizadoras e com múltiplos sentidos, quando os mesmos formam os grupos, eles precisam fazer uma **negociação da realidade** para encontrarem semelhanças em meio a tantos atores heterogêneos. Na visão de Velho (1994), as sociedades complexas devem ser entendidas dentro de suas formas heterogêneas, tendo como importantes características a fragmentação individual e totalização social. E essa ambiguidade favorece o surgimento de **projetos** individuais. Sobre esse conceito, Velho diz:

É evidente que, nos termos de Schutz, havendo agentes empíricos, há conduta desde que está não pressupõe um projeto. Quando há ação com algum objetivo pré-determinado ter-se-á o projeto (SCHUTZ, 1971, apud VELHO, 2004, p.26).

O projeto revela a relação entre indivíduo, que tem anseios pré-definidos, e o meio social. Mas esse indivíduo se torna autônomo na medida em que consegue renunciar seus meios, sua identidade por meio dos projetos individuais. Nesse contexto das sociedades complexas, Velho (2004) explica que o trânsito cotidiano faz com que o sujeito se torne autônomo na medida em que consegue renunciar e manipular seus meios, sua identidade. Ou ainda pode desindividualizar-se quando ele se insere nessas instâncias e encontra um significado em comum com um grupo. Porém, Velho enfatiza que ao mesmo tempo em que somos indivíduos, não temos tanta autonomia porque somos signatários de um **campo de possibilidades** (VELHO, 1994), construindo nossa trajetória pessoal.

*Campo de possibilidades* trata do que é dado como alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura (VELHO, 1994, p.28).

Dentro de um **campo de possibilidades**, nas palavras de Schutz (1970, apud VELHO, 1994) podemos organizar nossa conduta para atingir objetivos específicos por meio do **projeto**. Ao sintetizar a noção de projeto, Velho diz que não há um projeto individual puro, sem referências externas, já que o indivíduo está inserido num círculo social onde suas experiências socioculturais são construídas, tendo suas interações interpretadas. O indivíduo é produto de sua cultura. É uma construção social e seu projeto individual também faz parte disso. A interpretação de Velho sugere que, mesmo que haja uma especulação sobre os motivos que levaram à identificação de um projeto, a questão é saber se o resultado corresponde às expectativas sobre o que os indivíduos realmente projetaram, entre o que se passou na mente dos atores sociais e o que foi executado. Para o sociólogo, é a verbalização do discurso que fornecerá as “indicações mais precisas sobre projetos individuais” (VELHO, 2004, p.27).

De qualquer forma, o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes (...). O projeto é algo que pode ser comunicado. A própria condição de sua existência é *a possibilidade de comunicação* (VELHO, 2004, p.27).

Velho defende que o projeto precisa de “cálculo e planejamento” para ser realizado, servindo para dar uma coerência a esta experiência fragmentadora presente na sociedade moderno-

contemporânea, que é repleta de contradições. E para ele, o individualismo é uma “solução encontrada diante dessa diversidade de domínios e áreas” (VELHO, 2004, p.31).

Embora, com a mundialização a tendência seja caminhar para uma homogeneização de formas de vida e universalização dos hábitos culturais, a sociedade moderno-contemporânea ocidental, em sua complexidade, é constituída por grupos heterogêneos que só chegam a se identificar quando há um senso de unidade, como a formação de um grupo ou mesmo “**teia**” (GEERTZ, 1978), permitindo entrarem em contato e formarem uma coesão, constituindo uma **província de significados**, de forma que a interação, essa relação de troca cultural, favoreça uma socialização e, posteriormente, uma sociabilidade, pertencendo, nesse momento, ao mesmo universo simbólico, como no caso das Anas e Mias.

### 1.1 IDENTIDADES FLUIDAS

Dentro desse contexto das sociedades moderno-contemporâneas, várias modificações ocorreram nas relações humanas e na construção de sua identidade. Bauman (1999) diz que, atualmente, há uma fluidez nos vínculos humanos no qual o permanente não é valorizado, e sim o que é temporário, sendo essa efemeridade outra característica importante da modernidade. Com a passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo, as sociedades sofreram um processo de individualização com a fragmentação da vida humana, havendo uma necessidade de se criar a própria identidade. Ela deixou de ser uma característica herdada para ser uma particularidade construída. Já não se pensa no todo, se pensa na fração, havendo uma constante redefinição da identidade e dos aspectos que a compõem. O que é atraente hoje, amanhã pode não ser, o que é belo agora pode vir a ser o feio no futuro. É uma **sociedade líquida** em que está em constante transformação e que facilmente se adequa a essas mudanças (BAUMAN, 1999).

Pessoas que antes eram ligadas às tradições, aos costumes, aos fatos que exerciam uma coerção coletiva vivem agora focadas em si mesmas, na sua própria vida, na sua individualidade. As relações sociais tornaram-se efêmeras em virtude da ação da inovação tecnológica e da globalização que juntas surtiram efeito na sociedade pós-moderna. Giddens (1990) define globalização como:

“[...] a intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice-versa” (GIDDENS, 1990, p.64).

De acordo com Bauman (1999) a rede de computadores expandiu a velocidade da transmissão da informação. E com a globalização aumentou também o fluxo de informações entre indivíduos, grupos e sociedades das mais diversas categorias, desde alimentos, linguagens e até comportamentos, tornando o homem um ser mundial. Para o sociólogo, o fenômeno da multinacionalização se tornou a causa da felicidade de uns e de infelicidade de outros de forma irremediável e irreversível. Assim, o acesso aos meios mais velozes de mobilidade e a rapidez do movimento chegaram à atualidade como uma importante ferramenta de poder e dominação. Essa nova noção de espaço-tempo dá aos indivíduos uma nova forma de perceber o mundo como se fosse um único país e não como países espalhados por vários continentes. Um novo modelo econômico ou político, um ataque terrorista, um desastre natural podem acontecer em lugares distintos, porém são capazes de impactar várias esferas do globo em diferentes níveis de intensidade.

Com as tecnologias e as plataformas digitais no cenário do ciberespaço, ficou mais fácil perceber a fluidez da modernidade: podem-se representar vários papéis e circular por diversos círculos por simplesmente querer criar vínculos sociais. Segundo Bauman (1999), hoje a intimidade é compartilhada e a partir daí surgem novas questões, como o narcisismo coletivo que, segundo o autor pode estar ligado ao nosso compartilhamento do cotidiano. Lasch (1986) diz que a sociedade moderno-contemporânea ocidental perdeu a confiança no futuro e constantemente se prepara para o pior, face às crescentes pressões sociais, pois “as condições sociais vigentes, especialmente as fantásticas imagens da produção de massa que formam nossas concepções de mundo não só encorajam uma contração defensiva do eu como colaboram para apagar as fronteiras entre o indivíduo e seu meio” (LASCH, 1986, p.10).

Nesse sentido, ele relata que o indivíduo contemporâneo vive numa constante dúvida na qual o “eu” mínimo ou narcisista é um “eu” que não tem segurança de seus limites individuais e vive na ambiguidade de não saber se constrói o mundo à sua imagem e semelhança ou tenta se fundir na realidade mundial. Por isso se torna difícil definir as fronteiras da individualidade quando se fala de identidade. Há, para o autor, uma dificuldade nos dias atuais em se distinguir realidade de fantasia na cultura pós-industrial porque a todo o momento ocorre um

bombardeamento de imagens oscilantes que substitui um mundo confiável de objetos duráveis. Lasch (1986) diz que a cultura de massa, em relação aos padrões estéticos, está mais voltada para o desenvolvimento e difusão de novas tecnologias do que para o gosto do público. E as avançadas técnicas de comunicação impedem a circulação de novas ideias e concentram a informação “nas mãos” de grandes organizações, servindo como um controle social.

O autor problematiza a questão da indústria moderna que passou a se basear nas ideologias do fordismo<sup>13</sup> e sloanismo<sup>14</sup>, desestimulando o espírito de independência e fazendo com que os indivíduos não mais acreditassem em seus gostos, estilos e julgamentos próprios. Suas preferências precisam sempre ser aperfeiçoadas porque constantemente se veem atrasadas em relação à moda vigente. Lasch (1986) entende que o consumo é outra fase da rotina de trabalho industrial na qual o sujeito repete constantemente o exercício de autovigilância constrangida, se submete ao julgamento de especialistas e desacredita na sua capacidade de tomar decisões em relação a ele mesmo e ao mundo em que vivem.

Seja como trabalhador ou como consumidor, o indivíduo não apenas aprende a avaliar-se face aos outros, mas a ver a si próprio através dos olhos alheios; aprende que a autoimagem projetada conta mais que a experiência e as habilidades adquiridas. Uma vez que será julgado (por seus colegas e superiores no trabalho e pelos estranhos que encontra na rua) em virtude de suas posses, suas roupas e sua “personalidade” – e não, como ocorria no século XIX, por seu “caráter” – ele adota uma visão teatral de sua própria performance, estando ou não em atividade (LASCH, 1986, p.21).

Impressões superficiais e uma superatenção sem precedentes nas imagens são algumas das características estimuladas nas sociedades baseadas na produção e consumo de massa. As mercadorias são produzidas para consumo imediato e para serem substituídas tão logo se lancem uma nova mercadoria, tornando-se ultrapassadas. E isso acontece com os objetos, tecnologias, produtos, moda e até com o corpo. O “eu” passa a ser moldado aos olhos dos outros.

---

<sup>13</sup> O sistema de organização do trabalho industrial conhecido como Fordismo foi desenvolvido por Henry Ford (1863 – 1947). Sua principal característica foi a introdução das linhas de montagem na qual cada operário realizava uma atividade específica em determinado local enquanto o automóvel se deslocava numa esteira pelo interior da fábrica. Mais tarde o fordismo foi expandido para outros tipos de produto. Ver: <http://www.brasilecola.com/geografia/taylorismo-fordismo.htm>

<sup>14</sup> O sloanismo é um conjunto de ideias do ex-administrador da General Motors (1923-1946), Alfred Sloan, que criou um novo padrão de produção e consumo no qual se valorizava o individualismo e os prazeres do consumo e, por isso, financiamentos deveriam sempre estar disponíveis. Ver <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30638/000766269.pdf?...1>

Era a durabilidade das coisas e das pessoas que dava ao indivíduo a estabilidade necessária para se viver em sociedade. Entretanto as pessoas e as coisas, na visão de Lasch (1986), perderam sua solidez na sociedade ocidental moderno-contemporânea. Para o autor, não é mais possível se falar de identidade como uma “continuidade da personalidade”, pois não existe mais “um mundo público durável, tranquilizador em sua solidez, que sobrevive à vida individual e emite dela uma espécie de julgamento” (LASCH, 1986, p.23).

“A identidade tornou-se incerta e problemática, não porque as pessoas não ocupem mais posições sociais fixas [...], mas porque elas não mais habitam um mundo que exista independentemente delas” (LASCH, 1986, p.23).

Na cultura de massa, os ganhos materiais superam as perdas culturais. Theodore Roszak (1969), citado por Lasch (1986), diz que é importante não confundir narcisismo ou egocentria com a emergente ética da personalidade. De acordo com Roszak (1969), os críticos da nova cultura interpretam de forma equivocada o novo *ethos* de autodescobrimento, confundindo a busca simples por satisfação com o excesso de hedonismo presente na nossa economia altamente consumista. Lasch diz que não se pode confundir narcisismo com egoísmo exacerbado, pois o narcisismo, na perspectiva do autor, é uma perda da individualidade e não a autoafirmação, referindo-se a um “eu” perturbado com a desintegração, sentindo um inexplicável vazio interior.

Lasch (1986) acredita que o narcisismo é estimulado na cultura que se organiza em volta do consumo de massa, tornando as pessoas dependentes e frágeis. Ele define o narcisismo como “a disposição de ver o mundo como um espelho” (idem, 1984, p.24) como uma projeção dos medos e desejos individuais. Em sua concepção, a liberdade de escolha que a sociedade moderna externaliza, na qual o sujeito pode ser qualquer coisa que desejar, possibilita que novas identidades sejam adotadas ou descartadas a todo o momento, a bel prazer. E essas mudanças de identidade ou de estilo podem estar associadas a uma forma de evitar a discriminação ou estigmatização. Conforme disse Goffman (1988), na nossa relação com o outro, nos baseamos em preconceções, fazendo afirmações a todo o momento sobre o que o indivíduo em contato deveria ser. O estigma nos faz tratar o outro como se fosse inferior a nós, como se não fosse completamente humano. Os estigmas, as diferenças em geral são vistos como um perigo.

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de reações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é em si mesmo, nem horroroso nem desonroso (GOFFMAN, 1988, p.6).

Para evitar sofrer com o estigma, o estigmatizado tenta consertar seu “defeito” a fim de se buscar a normalidade. Para Goffman (1988) a insegurança provocada no indivíduo estigmatizado em relação à maneira como os “normais” irão tratá-lo faz com que ele procure medidas restauradoras para consertar e se adequar aos padrões vigentes, que tanto podem ser aplicadas pelo sujeito quanto pela sociedade.

Aqui deve-se mencionar a predisposição a “vitimização” como um resultado da exposição da pessoa estigmatizada a servidores que vendem meios para corrigir a fala, clarear a cor da pele, para esticar o corpo, para restaurar a juventude (como no rejuvenescimento através do tratamento com gema de ovo fertilizada), curas pela fé e meios para se obter fluência na conversação (GOFFMAN, 1988, p.11).

Se recusando a aceitarem o lugar social em que lhes foi destinado, muitas vezes considerado inferior, os indivíduos estigmatizados passam por um processo de manipulação de identidade para não serem vistos como desviantes. Goffman define esse comportamento desviante:

Começando com a noção muito geral de um grupo de indivíduos que compartilham alguns valores e aderem a um conjunto de normas sociais referentes à conduta e a atributos pessoais, pode-se chamar “destoante” a qualquer membro individual que não adere às normas, e denomina “desvio” a sua peculiaridade (GOFFMAN, 1988, p.118).

Em ponto de vista semelhante, Becker (1985) afirma que desvio é “qualquer coisa que difere do que é mais comum. Nesse ângulo, ser canhoto ou ser ruivo é desviante porque a maioria das pessoas é destra e morena” (idem, 1985, p.18). Diante dessas interpretações nota-se que as transformações nas identidades corporais podem estar relacionadas ao receio do indivíduo de se tornar um **outsider**, definido por Becker como alguém que se recusa a seguir determinada regra imposta por um grupo social e está sujeito às sanções sociais, que tanto podem ser informais impostas, por exemplo, pela tradição, ou em forma de lei. E quem formula esse julgamento são os valores de cada grupo. No entanto, Becker diz que para a sociologia, a determinação do que é ou não desvio parte do discurso médico. No estudo do comportamento desviante, Velho (1985) diz que a medicina se preocupa em separar e denominar, distinguir os

sãos dos não são, sendo que o mal estaria localizado no próprio indivíduo que destoa em seu comportamento.

A noção básica é que não existem desviantes em si mesmos, mas sim uma relação entre os atores (indivíduos, grupos) que acusam outros atores de estarem consciente ou inconscientemente quebrando comportamento, limites e valores de determinada situação sociocultural (VELHO, 1985, p.23).

Para se reconhecer os desvios, a medicina da beleza, por meio de estudos como a antropometria, define os padrões de normalidade, procurando catalogar dados para uma conduta biológica. Essa seria uma forma de buscar uma harmonia corporal e assim determinar um padrão de beleza. Para Neto e Caponi (2007) esses conceitos são passíveis de críticas, pois negam a participação da cultura na construção de padrões estéticos.

Além dos estudos antropométricos, há vários outros segmentos que tentam definir padrões de beleza, mas há uma dificuldade em se definir normas biológicas para conceituar o que é bonito ou feio. Segundo os autores supracitados, estudos que têm como finalidade estabelecer uma norma natural de beleza possuem toda uma contextualização evolucionista na qual se determinou que algumas características físicas nos seres humanos seriam resultado de uma vantagem seletiva com o objetivo de encontrar parceiros e ajudar na propagação da espécie. Dessa forma, características simétricas, juvenis e medianas seriam mais valorizadas por pertencerem às espécies que melhor se adaptaram à evolução.

## 1.2 METAMORFOSES DA BELEZA BRASILEIRA

A respeito dessa beleza efêmera moldada aos olhos da sociedade complexa moderno-contemporânea, Sant'Anna (2014) faz um panorama histórico sobre como o conceito de beleza se modificou no Brasil desde os primeiros anos da República até o início do século XXI e como as pessoas se esforçaram para cuidar da estética corporal de forma que o corpo pudesse sempre estar belo e vistoso. Além disso, ela aborda os esforços para combater feiura e velhice, que geralmente estão associadas ao fracasso.

Antes da proclamação da República, Sant'Anna (2014) explica que a beleza estava ligada a ter um guarda-roupa repleto de vestimentas como trajes bem engomados, adereços, sapatos de couro, perfumes, perucas, pós, além de um bom penteado e gestos comedidos. As costureiras e os alfaiates ocupavam um lugar importante no centro da cidade. A difusão das fotografias acentuou a importância da aparência física, enquanto a paulatina banalização dos espelhos fez da contemplação de si mesmo uma necessidade diária, apurando o apreço e também o desgosto pela própria silhueta (SANT'ANNA, 2014, p.19).

Nessa época a moda europeia ainda não dominava o imaginário brasileiro devido às diferenças de clima. Porém, depois dos anos de 1820, catálogos da moda francesa se adaptaram e ganharam destaque entre a elite brasileira. O vestuário e os penteados das jovens ricas começavam a se espelhar nos exemplos vindos de Paris e, a partir de 1865, modistas francesas começavam a se instalar no centro do Rio de Janeiro. Mesmo com as influências europeias, as numerosas receitas caseiras e produtos nacionais voltados para melhorar a aparência não perderam espaço como a banha para cabelo, cujas porções eram vendidas até perfumadas. O produto deixava os cabelos brilhosos e com a aparência de bem-cuidados, como a época pedia.

“Para ambos os sexos, cabelo belo devia ser “lustroso”, especialmente em *soirées*, envolta pela luz das velas: essa iluminação permitia que os cabelos untados reluzissem” (SANT'ANNA, 2014, p.22).

O uso de espartilhos ganhou mais espaço a partir de 1870 onde já se evidenciava o gosto de cuidar do corpo. A beleza, além das vestimentas, começou a ter seu repertório modificado e passou a ser relacionada com uma boa postura corporal, mesmo que isso significasse desconforto devido ao incômodo causado por esses acessórios. Mas diferentemente dos dias atuais, a beleza permanecia na superfície dos corpos. A elegância estava centrada no porte físico e no uso de boas roupas. Ser deselegante deixava a feiura em evidência e por isso a boa desenvoltura e o cuidado com a aparência era cultivada.

O ato de se maquiar não era bem visto, mesmo que a moda pedisse. De acordo com Sant'Anna, nesse período, pintar o rosto significava esconder algum defeito, como “falha de

caráter ou alguma imperfeição na alma” (idem, 2014, p.27). Por esse motivo, a maquiagem era reprovada por muitas famílias. A mulher devia ser vista como um “anjo da guarda da família” e era preciso que ela soubesse exercer bem os afazeres domésticos como lavar, passar, cozinhar, bordar, costurar, além de ser carinhosa, fiel boa mãe e esposa, cândida, obediente ao marido e bela de espírito. “A feiura deveria, contudo, ser compensada pela beleza espiritual, esta sim, passível de correção” (ibidem, 2014, p.52). Segundo a autora, a mulher deveria usar medicamentos e cosméticos para melhorar a aparência física desde que não houvesse excessos, pois o bonito era ser natural.

A alfabetização feminina era vista como inútil, sendo voltada para os homens e também para mulheres que não se dedicaram a se tornarem prendadas. E, devido a essa imagem de mulher virtuosa e angelical, Sant’Anna (2014) conta que era difícil introduzir produtos que estimulassem o embelezamento feminino, pois mulheres muito maquiadas eram vistas como vadias. Deu-se início a intensa divulgação de remédios para curar os males da saúde e promover a beleza. As propagandas publicavam imagens de pessoas doentes e relacionava-as à morte, o que estimulou a automedicação. Além de medicamentos, a compra de invenções para cuidar da saúde também foi estimulada. Um exemplo é o aparelho Veedee, um instrumento para massagens que promovia saúde e beleza: além de ajudar a eliminar a tosse e os pigarros, também prometia dar fim as rugas e aos “pés-de-galinha”.

Em 1926 foi inaugurada a primeira piscina da capital paulista no Club Paulistano com horários distintos, separando por sexo para que homens e mulheres pudessem frequentar sem maiores problemas. Nesse novo espaço de lazer, o uso do *maillot* fez com que se estimulasse a depilação das axilas e pernas femininas. Uma coluna da revista feminina Fon-Fon, chamada “Consultório para Senhoras” ganhou mais notoriedade e passou a divulgar produtos para melhorar os aspectos que denunciavam o envelhecimento da pele, como manchas e rugas já que agora ser vista num espaço público com uma menor quantidade de roupa era motivo para exhibir um aspecto mais saudável e jovial.

“‘Roupas de baixo de pura seda, recém-chegadas da França’, cintas em ‘luxuoso creme radio salmon’, além de guarnições de ‘crepe da China’ eram anunciadas com destaque pela imprensa” (SANT’ANNA, 2014, p.29).

Porém, vale destacar que nessa altura os cuidados mais intensivos com a beleza e saúde ainda se restringiam a ter pele e vestimentas bonitas. Os exercícios físicos não eram estimulados no meio feminino porque as pernas das mulheres não poderiam ser musculosas como as das dançarinas já que esse excesso de atividade física, que se tornava evidente nas profissionais da dança, era considerado feio. A publicidade, mesmo que mostrasse imagens de mulheres praticando esporte, sempre as associavam a delicadeza e à feminilidade do balé clássico.

Nos anos de 1920 a expectativa de vida não chegava aos 40 anos sendo que, quem chegasse aos 50 anos, era considerada uma pessoa muito velha. Diante disso, mentir a idade se tornava comum. Geralmente as pessoas tinham duas idades, segundo Sant'Anna (2014), a do nascimento, registrada no cartório, que nem sempre era confiável, e a idade do batismo, sendo que ambas poderiam mudar de acordo com as circunstâncias do momento. “Um velho, em 1920, homem ou mulher, podia muito bem ser alguém de 35 anos” (SANT'ANNA, 2014, p.44).

O tema da velhice virou slogan da publicidade nessa época e, com isso, a mídia conseguiu mais espaço para a divulgação de produtos destinados a disfarçar os anos vividos, como o creme para rosto Pollah que tinha mensagens como “enquanto é tempo nunca passe dos 20 anos” (SANT'ANNA, 2014, p.44), além da maquiagem que mesmo encontrando resistência no meio feminino, era usada para esconder a idade. Outra solução encontrada era tingir os cabelos, mudando sua cor natural e/ou escondendo os fios brancos.

O cinema norte-americano foi uma das grandes referências para a difusão da moda e ornamentação do corpo. Em 1913, atrizes famosas como Norma Talmadge, Glória Swanson e Joan Crawford usavam batons que ultrapassavam o tamanho natural dos lábios, ajudando na sua popularização, porém mais no mundo artístico. Foi o momento em que também se começou a usar os primeiros pares de cílios postiços. Já em 1915, o batom começou a ser usado também fora das telas. “Foi quando o uso de carmim, que dava um aspecto violáceo aos lábios refletidos pela iluminação cinematográfica, foi substituído por outras substâncias” (idem, 2014, p.50).

O estilista francês Paul Poiret, considerado o rei da moda, foi o responsável por libertar as mulheres do uso do espartilho e da cinta na década de 1920. Para ele, a silhueta feminina deveria ter aspectos aerodinâmicos cujos cuidados deveriam vir do interior do corpo por

meios das atividades físicas. Além disso, modernidade física exigia roupas mais leves e menos volumosas. O excesso de pano deveria ser abolido.

“Poiret deu a ela uma nova silhueta com vestidos soltos e chemisiers, enlaçando-se com retângulo de tecido sem costura, livrando-a das cores pálidas do século 19 e transformando-a numa colorida Sherazade ocidental” (CHAGAS, 2007).

A crítica à maquiagem foi revista. Mas agora, maquiarse sem saber fazê-lo direito poderia pesar o rosto e aparentar que a mulher pertencia à outra época. Médicos desaconselhavam o uso de pó de arroz porque poderia fazer mal a saúde. Ao invés dele, o uso de talco era estimulado por profissionais da medicina, obrigando os fabricantes de cosméticos a criarem novas fórmulas menos nocivas a pele. No entanto, mesmo que mudanças fossem feitas, embelezar-se demais era sinônimo de pecado para as mulheres, pois a maquiagem, segundo Sant’Anna (2014), expressava luxo e luxúria. Nessa primeira metade do século XX, as mulheres conquistaram maior autonomia corporal representadas pelo corte de cabelo curto, novos penteados e silhuetas mais longilíneas. Porém, o uso de cosméticos ainda era um tabu, sendo necessário utilizá-los escondidos. O que se vestia ou o que se comia deveria passar pelo viés da opinião pública, já que, nas palavras de Sant’Anna, os corpos não eram vistos como exclusividades individuais.

Até meados do século XX, para ambos os sexos, ter direitos sobre o próprio corpo tendia a ser uma excentricidade típica de pessoa da elite mundana ou um capricho afeito de malandros, libertinos, homossexuais e prostitutas. Mas a propaganda de produtos de beleza diversificava crescentemente suas ofertas (SANT’ANNA, 2014, p.58).

Limpar os corpos das impurezas liberando-o de todo peso inútil tomou fôlego na década de 1920, estimulando tanto o uso de medicamentos para descongestionar os pulmões, “lavar o sangue” e banho de água fria para limpar a pele, quanto o de exercícios físicos. Para limpar o organismo, o corpo, assim como as máquinas, deveria sempre estar em movimento e produzir energia. A gordura começou ser vista como um empecilho para a saúde, e ser gordo começou a ser relacionado à preguiça. “Aliás, o culto ao emagrecimento foi inserido na propaganda e nas imagens impressas principalmente a partir dessa década, quando o Brasil contava com 186 laboratórios farmacêuticos. Vários deles fabricavam medicamentos para emagrecer” (SANT’ANNA, 2014, p.60). Nesse período, nos Estados Unidos se iniciou um investimento

nas atividades físicas e escolas de dança para estimular uma vida mais atlética e por fim ao sedentarismo e ao raquitismo, se tornando um modelo a ser seguido.

Entre as décadas de 1910 e 1920 inúmeros textos de conteúdo higienista foram publicados no País afirmando que a beleza feminina dependia das “raças”. A moda que valorizava vestidos mais curtos que exibiam o corpo feminino, para higienistas como o médico Renato Kehl, deixava à vista as imperfeições corporais, como a “deformação dos pés”. Mulheres de “seios caídos, ventres flácidos e volumosos, pernas curtas e aparência mestiça” (SANT’ANNA, 2014, p.62) foram duramente criticadas, pois a beleza feminina deveria ser inspirada na estética grega clássica, se aproximando da deusa Afrodite. “Kehl não escondia o desejo de ver senhoritas ‘helênicas’ nas praias brasileiras que, segundo ele, eram mulheres com seios e pernas firmes, pele lisa, sem marcas de doenças” (idem, 2014, p.62). Entretanto, essa visão higienista serviu para aumentar a medicalização da saúde, já que os problemas apontados não se restringiam a raça, pois estavam na superfície dos corpos. Dever-se-ia eliminar a aparência de doente. Por isso, a relação entre o bom funcionamento dos órgãos com a beleza foi acentuada. A feiura era causada por problemas como digestões difíceis e doenças uterinas.

Os concursos de beleza da época valorizava a beleza do rosto, dos cabelos e da região geográfica, sendo a pele alva, sem manchas e cicatrizes, as mais desejadas. A pele branca indicava pureza, saúde, ao contrário da pele negra que em alguns anúncios estava relacionada com a sujeira. Além disso, as misses eram pontuadas por suas medidas anatômicas. De acordo com Sant’Anna (2014), publicações como o Correio Paulistano defendiam que a donzela mais elegante deveria ter 70 centímetros de cintura, 83 de busto e 91 de quadril.

Ser morena jambo se tornou um ideal de beleza nesse período. Branquear a pele, inclusive a negra, já era possível por meio de cosméticos como o creme Leir, que também servia para tirar manchas e espinhas. Ter o cabelo liso era também tão importante quanto à cor da pele. Cabelereiros se especializavam em alisar os cabelos das “pessoas de cor preta” no mesmo momento em que se anunciava um novo produto para esticar os fios, o Cabelisador, que incluía um tipo de pente a ser aquecido e uma “pasta mágica” que garantia o alisamento do cabelo crespo de forma eficaz e sem dor.

A falta de beleza era vista com desprezo, escárnio e crueldade e deveria ser abolida. A partir de 1930 as intervenções no corpo deixaram de se restringir aos cosméticos. Com a moderna

anestesia, começaram a se fazer cirurgias reparadoras para por fim a alguns aspectos não agradáveis do corpo. A publicidade deu um tom mais brando às suas propagandas. Ao invés de relacionar a falta de cuidados com o corpo com a doença e a uma maior dificuldade em conseguir marido, começou a associá-la à felicidade e à saúde. E as mãos dos cirurgiões poderiam proporcionar essa beleza. Enfrentar gostos ruins ou sofrer para ficar bonita se tornaram atitudes valorizadas a fim de se evitar a feiura, causadora de infelicidade.

Assim como era comum aos médicos recomendar a todos que evitassem perder energia, agora aconselhava-se, principalmente à mulher, a não perder a oportunidade de embelezar-se, mesmo que fosse por meio das cirurgias (SANT'ANNA, 2014, p.87).

A satisfação de viver ficou em evidência na publicidade. Imagens de pessoas bonitas, felizes e aproveitando a vida fizeram parte da mudança no repertório das propagandas da década de 1930. Na moda, a cor preta deixou de representar luto e integrou-se a imagem de sofisticação e elegância, servindo para realçar joias e os cabelos loiros que começavam a ganhar destaque. A partir de 1935, os batons de cores mais fortes deixaram de ser proibidos e indecentes e foram ressignificados como sendo sensual e não vulgar, ganhando cores mais fortes.

O estilo de vida americano, o *American way of life* foi difundido de forma mais intensa a partir dos anos de 1940, modernizando os manuais de beleza. O corpo passou a ser educado para a vida social. As brasileiras treinavam gestos e posturas em suas casas, em frente ao espelho, antes de se encontrarem com alguém e cada detalhe era visto e revisto. A imprensa passou a propagar que a mulher deveria realçar o interesse do homem por seu corpo. As mulheres deveriam ser belas com um aspecto mais natural, mesmo que os artifícios criados para isso demonstrassem o contrário como a cinta para esconder a barriga, o sutiã com bojo e o uso de laquê.

Na década seguinte, a feiura feminina era expressa num corpo “mal feito”. Expressões como “bucho”, “canhão” e “bacalhau” se tornaram corriqueiras sendo que a primeira se referia à perda das curvas corporais sedutoras que se resolveria com o emagrecimento, a segunda à uma mulher considerada muito feia que dificilmente não teria salvação e a última, à uma mulher muito magra, “reta como uma tábua”. A mulher de 1950 deveria ter curvas, seios grandes e cintura fina. Esse novo conceito de beleza também foi inspirado nas vedetes que além das curvas, se tornavam vistosas com o uso de bijuterias, plumas, sapatos de salto alto e

joias. Também foi o período de propagação da imagem das *pin-up girls* norte-americanas, que ganharam notoriedade a partir de 1941, sendo a atriz Doroty Lamour a precursora no ramo.

A moda internacional do “tomara que caia” chegava ao país colocando em evidência os seios, que deveriam ser grandes, e as cinturas finas. De acordo com Sant’Anna (2014), para afinar a silhueta, a imprensa americana aconselhava às mulheres a resistirem aos três “S”: *sundae*, *sodas* e *segundo prato*.

Em solo nacional, havia a tolerância às cheinhas de corpo exibidas com charme pelas chanchadas cariocas, produzidas pela Atlântica, desde 1941. Mesmo assim, a cintura fina – “cintura de pilão” – permaneceu uma qualidade feminina resistente à passagem dos anos (SANT’ANNA, 2014, p.101).

Na alta costura, o uso de cinta era estimulado com o propósito de ajudar a ter um visual mais sedutor ao usar determinadas roupas, pois ela afinava a cintura. O *New Look*, lançado pelo estilista francês Christian Dior, que se tornou sua marca registrada, associou a cintura fina à elegância e à feminilidade na moda mundial.

Em 1954 surge a miss Martha Rocha, ícone da beleza brasileira, apresentando um corpo com quadris largos, pés delicados, sorriso meigo e, claro, a cintura fina, pré-requisitos para a construção de uma bela mulher. Mas a partir de 1960, segundo Sant’Anna (2014), o corpo das misses ganharam novas formas com quadris mais retos e mulheres mais altas e magras.

Mas apreciava-se, ainda, um corpo feminino cheinho, lembrando o desenho de um “violão”. Em geral, a paixão pelo corpo da mulher ainda estava distante da aparência magra, exemplarmente divulgada pela atriz e manequim Audrey Hepburn (SANT’ANNA, 2014, p.105).

A erotização corporal teve início com a estrela hollywoodiana Marilyn Monroe, primeira mulher a posar para a revista masculina *Playboy*. Grande símbolo sexual da década de 1950, sua imagem paradoxal de “loira burra” e *sex appeal* mexia com o imaginário da época. Em 1958 foi a vez de Brigitte Bardot lançar tendência com um sorriso mais inocente junto com uma sexualidade menos tímida. E essa erotização se acentuava com a versão reduzida das bermudas, o short, que deixava as pernas femininas à mostra em lugares públicos como clubes, piqueniques e praias. Nessa época aumentou o consumo de cosméticos no País e “nos Estados Unidos, ele era maior do que o consumo de manteiga” (SANT’ANNA, 2014, p.110). Destaca-se o uso de sombras nos olhos para disfarçar algumas imperfeições e melhorar a

aparência. O lema do governo de Juscelino Kubitschek “50 anos em 5” dava a ideia de poder condensar o tempo e isso também foi levado para o lado pessoal, de forma que técnicas para rejuvenescer, aparentando ter menos idade eram cada vez mais aperfeiçoadas. Anos mais tarde, em 1996, surgiria o botox, sendo divulgado como a “droga da beleza” pelo jornal Folha de São Paulo, prometendo o rejuvenescimento do rosto.

Canguilhem (2009) diz que, para a ciência, a anomalia só é percebida se primeiro for sentida na consciência, tornando-se uma espécie de obstáculo no desempenho das funções. E essa sensação de obstáculo é considerada como algo normativo. Segundo Neto e Caponi (2007) as intervenções estéticas criam normas de beleza na qual o corpo, por meio das cirurgias estéticas, deixa de envelhecer fisicamente atendo-se somente ao envelhecimento cronológico.

“A imagem do corpo modificado pela Medicina na Beleza ascende à condição de normal, na medida em que é a que mais habita os meios de comunicação, são os corpos mais vistos e expostos” (NETO e CAPONI, 2007, p.8).

Moreira e Nogueira (2008) relatam a dificuldade de se envelhecer na sociedade moderno-contemporânea. Mesmo sendo um curso natural, as autoras contam que as pessoas se sentem vulneráveis com o envelhecimento e adotam práticas para adiar esse processo, mantendo uma aparência jovem.

O envelhecimento populacional se dá no bojo de profundas transformações econômicas, sociais, políticas, ideológicas e científicas. Viver e envelhecer nesse cenário de instabilidade, marcado por mudanças velozes do conhecimento e dos valores culturais, caracterizado pelo fenômeno da globalização e pelo consumismo de que decorre a rápida obsolescência de objetos, pessoas e relações, é uma experiência geradora de insegurança e mal-estar para o sujeito contemporâneo (NOGUEIRA e MOREIRA, 2008, p.60).

Para as autoras, essa dificuldade de aceitar que o envelhecimento faz parte de um curso natural da vida está relacionada com a complexidade das sociedades, que apresentam novos valores sociais e têm um caráter dinâmico, heterogêneo, instável, imediatista, contemplando uma multiplicidade de sentidos que transformam a organização social. A sociedade, como disse Featherstone (1995 apud MOREIRA e NOGUEIRA, 2008), vive um fenômeno de uma estetização da vida cotidiana.

A beleza, a juventude, a felicidade, o corpo perfeito e o sucesso pessoal constituem bens ou mercadorias que se pode adquirir. Nessa conjectura, a dimensão torna-se um valor fundamental, consolidando-se a importância que a imagem e à aparência passam a desempenhar, fortalecendo a tendência ao narcisismo (MOREIRA e NOGUEIRA, 2008, p.61).

As imagens midiáticas passam a ser modeladoras de subjetividades, proporcionando o surgimento de “patologias narcísicas” (MOREIRA e NOGUEIRA, 2008, p.62) que valorizam uma imagem ideal a ser conquistada. A velhice vai à contramão da lógica de produção capitalista onde o velho perde sua capacidade de produzir bens de consumo e também de adquiri-los.

“No engendramento dessa exclusão está um sistema político e econômico que prioriza a força jovem no mercado de trabalho, descartando aqueles considerados ‘velhos ou ultrapassados’” (MOREIRA e NOGUEIRA, 2008, p.62).

Moreira e Nogueira (2008) apontam o aumento da expectativa de vida como o fator mais agravante para a negação do envelhecimento. De acordo com as autoras, os avanços científicos na saúde e o advento de novas tecnologias ampliaram as fronteiras da vida humana, contribuindo para reforçar a ilusão da eterna juventude, a qual vem acompanhada de um vigor físico, beleza, bem-estar, saúde entre outros aspectos. O corpo necessariamente precisa estar jovem.

Como o envelhecimento é evidenciado de uma forma antagônica ao padrão estético imposto, ele passa a ser vivido como um defeito que precisa ser disfarçado por meio de múltiplas técnicas que prometem o rejuvenescimento (MOREIRA e NOGUEIRA, 2008, p.63).

Nesse sentido a contemporaneidade, ao mesmo tempo em que prolonga a vida por meio de novas tecnologias, não consegue definir seu lugar e seu papel social. Envelhecer torna-se um estigma, principalmente para as mulheres. Como exemplo desse comportamento estigmatizante, Nogueira e Moreira citam o conceito criado por Butler, o ageism, que parte de uma visão discriminatória em relação à idade:

O ageism, ou preconceito de idade, caracteriza-se por um processo de marginalização em que as necessidades e os interesses dos idosos recebem menos atenção do que os das pessoas mais jovens. O preconceito de idade reflete-se como uma tendência geral de marginalizar pontos relativos aos velhos e como tendência de associar indevidamente a velhice a algo negativo, pejorativo, e não como uma fase de vida que tem aspectos positivos e negativos (MOREIRA e NOGUEIRA, 2008, p.65).

Para Debert (2002) o fato de envelhecer é passado pela mídia como uma espécie de “doença auto-inflingida” que é consequência da falta de cuidados com o corpo, como uma negação do bem-estar. A autora vê esse fato como uma formação de novas hierarquias sociais onde a juventude está no topo. Só é velho quem negligencia a juventude que pode ter, pois a velhice se torna uma “opção”, podendo ser adiada ou mesmo “evitada” quando se têm cuidados necessários com o corpo e mente. Essas novas imagens da velhice nos meios de comunicação, segundo a autora, são resultados de uma cultura de consumo que tanto quer vender produtos e práticas para a manutenção de um corpo jovem quanto em relação às políticas públicas que têm interesse em reduzir as despesas com a saúde. Debert diz que os meios de comunicação de massa corroboram para uma imagem negativa do envelhecimento, deixando de ser um estágio na vida para se tornar algo adquirido em qualquer idade de acordo com as condições do estilo de vida:

As imagens do idoso na mídia revelam sem dúvida, um compromisso com uma imagem mais gratificante da velhice e do envelhecimento. Esse compromisso, no entanto, tende a estabelecer uma nova fronteira entre os indivíduos de idade avançada, aqueles que rejeitam ativamente o envelhecimento e os que negligentemente se deixam envelhecer. A velhice é transformada numa questão de escolha a partir de um duplo movimento de ressignificação (DEBERT, 2002).

Dayrell (2003) revela que ainda hoje há uma visão muito romantizada da juventude, que surgiu na década de 1960 a partir do crescimento e desenvolvimento da indústria cultural, e de um mercado de consumo que se voltou para os jovens, oferecendo produtos específicos para esse público tais como moda, música e artigos de lazer. Para o autor, a juventude é ressignificada deixando de ser uma condição social para assumir um tipo de representação.

Nessa visão, a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil (DAYRELL, 2003, p.41).

Sentir-se livre foi outro lema da época. Os cabelos que até então eram penteados de forma artificial ganharam mais liberdade. O que até então era belo e elegante ganhou um sentido de artificial e pesado. Começava a se exigir uma vida e aparência mais leve, prazerosa e ousada, simbolizada pelos cabelos soltos e molhados.

“Algumas jovens deram adeus ao laquê e, na década seguinte, elas abandonariam o sutiã de bojo, enquanto as toucas de banho desapareciam dos anúncios de sabonetes” (SANT’ANNA, 2014, p.112).

No final da década de 1950, as novas publicações para as brasileiras substituíram a expressão “remédio” para “cosmético”. Os produtos voltados para a beleza convidava a mulher a ter uma aparência mais jovem 24 horas por dia com seu uso constante. E a imagem de mulher fatal explorada na década anterior tinha perdido espaço, se tornando algo muito ultrapassado da velha Europa. Sant’Anna (2014) conta que nesse período, além do aumento da produção de cosméticos e perfumes, aumentou também o número de cabeleireiros no País.

Inúmeras fábricas de produtos para beleza e higiene pessoal se instalaram no Brasil, como a Avon com seu sistema de vender de porta em porta. Nesse momento, a imprensa estimulava a divulgação da intimidade dos famosos que ditavam moda e comportamento. Foi o momento no qual se começou a comprar roupas prontas. Nas telas, as atrizes exibiam uma sensualidade mais esportiva, com roupas mais confortáveis, um “semblante baby” e uma pele mais bronzeada que sugeria um maior aproveitamento da vida.

Naqueles anos, Nelson Rodrigues afirmou que o brasileiro deixava de ser “pálido como um santo” para adotar o bronzeamento em praias e piscinas. Em 1957, outro exemplo, Celeneh Costa, a “estrela brotinho”, apareceu com calça jeans, rosto bronzeado, cabelos soltos, parecendo mais interessada em sua carreira do que em “arrumar marido” (SANT’ANNA, 2014, p. 115).

A autora mostra que foi uma época de confronto de identidades. As mulheres que levavam uma vida mais doméstica, dependentes do marido, fazendo roupas e comida em casa, consideradas “lentas, plácidas e férteis”, se depararam com uma nova realidade feminina de uma mulher jovem, adepta a roupas prontas, que mora num apartamento moderno e financeiramente independente. A partir dessa época, as mulheres, assim como suas casas deveriam ser mais leves, com corpos mais magros, e adquirirem móveis mais práticos e menos pesados.

Entre as décadas de 1950 e 1960 a linguagem publicitária estimulava as mulheres a abandonarem o *verniz* e usarem a maquiagem como se fosse uma segunda pele, realçando os traços de forma mais leve. Pintar os olhos e usar delineador ganhou maior aceitação, se tornando tão importante quanto à maquiagem dos lábios. Os anúncios de produtos para

embelezamento diziam que “beleza não é dom, é hábito” (SANT’ANNA, 2014, p.120), sendo que, devido a grande quantidade de artifícios para melhorar a aparência, agora só era feio quem quisesse. Como as práticas de consumo para embelezamento tiveram êxito, novos especialistas do ramo surgiram como esteticistas, psicólogos e atletas.

(...) “muitas crisálidas se transformaram em borboletas” com os cosméticos e as técnicas de beleza em voga, além, é claro, de outros investimentos que vão da alimentação à higiene, passando pela boa educação e o otimismo (SANT’ANNA, 2014, p.120).

Sant’Anna aborda que nos anos de 1960 e 1970, a pele limpa, lisa, sem manchas e sinais de expressão continuou aliando-se à moda dos cabelos lisos. Para isso, era costume fazer a chamada touca, com grampos ou colocar uma meia de nylon na cabeça. Essa tendência dos cabelos lisos, segundo Sant’Anna, perdeu espaço nos anos de 1974 quando foi lançado o creme “Neutrox”, que unia o conceito de liberdade, aventura e beleza. Foi nessa época que também começou a se usar calça *saint-tropez*, que apertava os quadris e soltava mais a cintura, empinando as nádegas. Por ter o cós baixo, abaixo do umbigo, exigia uma barriga magra e firme, além de bronzeada, o que já prenunciava os tempos atuais de barriga-ostentação.

Ou seja, anos antes da invenção da “barriga negativa” foi preciso criar uma rigorosa aversão à gordura acumulada no ventre. Hoje o vocabulário dessa exigência é criativo, incluindo a barriga zero, chapada, seca, trincada e, talvez, a mais trabalhosa de todas: a barriga tanquinho. (SANT’ANNA, 2014, p.128).

Segundo a autora, essa nova silhueta estimulou uma feminilidade que se aproximava muito da adolescência, onde há uma inversão dos papéis. Ao invés dos jovens imitarem as pessoas mais velhas, agora os adultos querem ter o corpo mais parecido com o que eram quando tinham menos de 20 anos, aderindo à moda adolescente. O bronzeamento, que começou a ser cultuado anos antes se aliou à boa forma para a construção de um corpo que representava saúde e sensualidade. Para isso, além dos exercícios físicos, Sant’Anna (2014) conta que cremes autobronzeadores, como o Coppertone, começaram a ser comercializados desde 1944, aliado a uma nova disciplina de exposição ao sol.

Mas ter somente a barriga mais magra não foi suficiente para aquela época. Com o surgimento das supermodelos, o corpo das brasileiras começava a adquirir novas formas

devido às influências externas. A britânica Twiggy<sup>15</sup> (termo em inglês que significa palito), considerada a primeira grande top model, revolucionou os padrões de beleza, principalmente no universo das passarelas. Pequena, magérrima, cabelos bem curtos, olhos grande realçados com maquiagem forte, rosto angelical e um corpo delicado, Twiggy apresentava um visual mais moderno, mostrando ao mundo que as mulheres não deveriam ter um corpo curvilíneo e dando fim a tendência *pin-up*.

Depois do fenômeno Twiggy outras modelos semi-anoréxicas surgiram no mundo da moda. Perder peso e alongar a silhueta foram cada vez mais estimulados, principalmente pela mídia. A publicidade passou a divulgar a necessidade de se controlar o peso, ao mesmo tempo em que ganhava em cima dos produtos para emagrecer. De acordo com a autora, não só as profissionais da moda, mas também mulheres comuns queriam ser belas, modernas e singulares e isso estava diretamente relacionado a ser magra.

“Na imprensa, uma nova valorização da magreza dos braços e pernas alongou a mulher e ampliou as possibilidades do embelezamento. Todo o corpo precisava ser ‘trabalhado’” (SANT’ANNA, 2014, p.129).

Dessa forma, ao se falar de beleza, não há como ignorar a rejeição social ao sobrepeso, principalmente em relação às mulheres. E essa insatisfação pelo corpo gera uma auto representação, uma imagem negativa de si mesmas muitas vezes decorrentes de um discurso médico legitimado pela ciência, que, por sua vez, impõe regras e normas de comportamento. O saber biomédico imputa ao indivíduo um determinado tipo de corpo como sendo o normal, o natural, o saudável. Assim, a gordura passa a ser vista como sendo uma ausência de autodisciplina, um descuido com a saúde já que ela é acusada de ser a causadora de inúmeros problemas. E uma das formas encontradas que legitimam o discurso médico a fim de se controlar o nível de gordura no corpo é por meio do cálculo do Índice de Massa Corpórea (IMC), que relaciona peso e altura para saber se o indivíduo está dentro dos parâmetros considerados normais pela medicina.

De acordo com Rodrigues (2013), nossa realidade não foi feita para os gordos, bastando olhar para os pequenos assentos dos aviões, os estreitos corredores de ônibus, a numeração das

---

<sup>15</sup> Ver: <http://www.vilamulher.com.br/moda/estilo-e-tendencias/twiggy-a-top-que-revolucionou-os-anos-60-14-1-32-783.html>. Acesso em 7 de março de 2015.

roupas que parece terem sido reduzidas. Esses são alguns dos exemplos da exaltação da magreza ou “**moralização da beleza**” (BAUDRILLARD, 2007).

“Culpabilizar ou não dar ao sujeito uma estética que varie e que saia dessa ditadura da magreza é o que gera todo esse adoecimento do qual os transtornos alimentares já não são um sistema social” (NOVAES apud RODRIGUES, 2013, p.1).

Fischler aponta que essa recusa à gordura ou mesmo ao sujeito considerado gordo está relacionada a um pensamento capitalista de descontrole, de quebra das regras sociais e perturbação da ordem social, mau gerenciamento do próprio corpo e até certo ponto, imoral. Na explicação do autor, “a comida é um bem social finito e o gordo ‘come mais do que a sua parte’, podendo, assim, perturbar a ordem do imaginário coletivo” (FISCHLER apud RODRIGUES, 2013, p.1).

Segundo Sant’Anna, ao mesmo tempo em que o País vivia as consequências da ditadura militar, algumas matérias jornalísticas noticiavam que tinha chegado a era do “eu”, com uma extrema valorização do corpo e do amor próprio. Porém, na década de 1970 modelos de estatura acima de 1,68m surgiram nas passarelas mundiais exigindo que novos corpos também fossem grandes, altos, renegando as singularidades dos corpos regionais que nem sempre atingiam a essa nova “estatura ideal”. Foi nesse período que surgiu o “biquíni asa-delta” que mais tarde serviria de inspiração para a criação do biquíni “fio dental”.

Com o corpo cada vez mais à mostra, novos produtos e medicamentos foram lançados para melhorar o aspecto corporal, já que a beleza deveria vir de dentro pra fora. E suas funções eram cada vez mais diversificadas: hidratação profunda, reduzir a flacidez, eliminar rugas, fechar os poros, combater o estresse epidérmico, repor o colágeno..., práticas cada vez mais voltadas para o aumento da autoestima. Uma verdadeira “guerra contra o envelhecimento cutâneo”, nas palavras da autora Sant’Anna. Além disso, a criação do biquíni também foi acompanhada pela propagação dos males da celulite, agravados pelo excesso de peso e que deveria ser combatida.

### 1.3 UMA NOVA MULHER

Nos anos seguintes, um novo conceito de mulher foi criado. Já não era mais exigido que a mulher fosse elegante como décadas atrás. Ela agora precisava ser sedutora, pois o sexo deixou de ser uma prática voltada quase exclusivamente para a procriação, devido ao surgimento da pílula anticoncepcional na década de 1960 que permitiu uma maior liberação sexual feminina.

(...) já havia quem recomendasse às mulheres a liberdade de elas mesmas fotografarem seus corpos nus, lembrando que, para isso, era recomendável usar cremes que melhorasse a aparência exposta as lentes da câmera (SANT'ANNA, 2014, p.154).

Britto (2008) reflete sobre os novos espaços conquistados pela mulher nas sociedades pós-revolução industrial. Várias mudanças ocorreram a partir dos anos de 1950 em que a mulher passou a ocupar espaços públicos, descentralizando a figura do homem no mercado de trabalho e, por vezes, assumindo dupla jornada na qual os cuidados com o lar deixaram de ser a única prioridade. Essa transformação se deu nas sociedades ocidentais também devido às conquistas do movimento feminista, leis e políticas próprias que beneficiariam a promoção e valorização da mulher como trabalho assalariado, controle de natalidade, direito ao aborto em casos específicos, entre outras ações.

“As mulheres do período líquido saem da exclusiva participação no âmbito doméstico, no casamento e no cuidado dos filhos para terem acesso ao mercado de trabalho e a formação universitária” (OSÓRIO, 2004, apud BRITTO, 2008, p.34).

Para Britto (2008) a entrada da mulher no mercado de trabalho não gerou uma igualdade entre os gêneros, principalmente quando se trata das divisões das tarefas domésticas. Isso fez com que a mulher, por vezes, assumisse uma tripla jornada exercendo o papel de esposa, de mãe e de trabalhadora assalariada. Segundo a autora, as conquistas feministas na modernidade resultaram também em mudanças no campo da sexualidade. Em meio a tantas tarefas passou a ser exigido que a mulher fosse boa amante para “satisfazer todos os desejos sexuais de seu companheiro” (idem, p.35). Ao contrário do que era antes, a iniciação sexual deixou de acontecer dentro do casamento, segundo Britto, vivenciando a atividade sexual geralmente na adolescência e com mais de um parceiro.

No campo do sexo e da conquista feminina, não podemos deixar de citar a boa estética como um dos elementos fundamentais exigidos pela sociedade para que a mulher pós-moderna obtenha sucesso. Para tanto, a supervalorização do corpo, idealizado na magreza, como sinônimo de beleza, configura-se em uma meta a ser atingida por todas as mulheres, sem que para isso sejam levadas em conta particularidades como, por exemplo, a idade ou capacidade física (ROSÁRIO, 2002, BRITTO, 2008, p.36).

Britto acredita que não existe mais uma busca por um homem ideal, mas sim por um ideal de beleza que está relacionado à aceitação da mulher no mercado de trabalho, a um sucesso nas suas relações sociais e aumento da autoestima. A conquista pela aparência fez com que a mulher deixasse de ser escrava do lar para assumir um papel de escrava sexual e da estética, pois passa a se submeter a diversos tratamentos para melhorar sua aparência física, pessoal e satisfação sexual, como idas aos salões de beleza, cirurgias plásticas, centros de estética, moda dentre outros.

“Vale assinalar a busca insistente da mulher-elástico por lidar com todo esse excesso que caracteriza as demandas de seu cotidiano associando inteligência, sabedoria, feminilidade, graça, delicadeza” (BRITTO, 2008, p.36).

Fazer exercícios físicos deixou de ser uma atividade restrita aos clubes na década de 1980. Parques, praias, ruas, academias, condomínios fechados se tornaram espaços divulgados pela publicidade, filmes e novelas como novos lugares para a prática do esporte. Qualquer lugar que oferecesse um pouco de estrutura era adequado para se “malhar o corpo”, dividindo os seres humanos em dois grupos opostos: os ativos e os sedentários. “Fica a impressão de que o individualismo havia chegado ao Brasil pelos braços do culto ao corpo e da massificação do estilo esportivo” (SANT’ANNA, 2014, p.157).

Uma rede de estímulo ao culto ao corpo foi criada a partir da década de 1960. Alguns exemplos são a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas a partir de 1971 por meio da Lei nº 5.692; em 1992 as revistas “Forma Física” e “Corpo a Corpo” ganharam circulação nacional; lançamento do filme “Flashdance” no qual a protagonista exibia um corpo magro, firme e sensual, além de valorizar a prática de outro tipo de dança que não fosse balé e jazz; a rede Globo criou uma novela, em 1995, voltada para o público adolescente e jovem chamada “Malhação” onde toda a história se passava numa academia de ginástica.

No mesmo ano da produção de *Flashdance*, a cidade do Rio de Janeiro contava com cerca de 7 mil academias de ginástica e com 800 mil cariocas praticantes da musculação. Com o progressivo ingresso das mulheres no “mercado dos músculos”, os aparelhos ambientes e roupas relacionados ao exercício físico sofreram uma espécie de “feminilização” (SANT’ANNA, 2014, p.159).

Um grande mercado de bebidas sem álcool que oferecia energéticos, sucos especiais e água se desenvolveu nessa década devido ao estímulo a hidratar o corpo ao se praticar esportes, dança e musculação. Entretanto, Sant’Anna (2014) enfatiza que o corpo musculoso não era um desejo unânime. Em 1990, as mulheres teriam um novo ideal de beleza que, mais uma vez, sofria influências externas, relacionando juventude, magreza, ombros largos, pernas longas, uma pele impecavelmente firme e lisa e um corpo exercitado, mas não necessariamente com músculos.

(...) em 1990, uma fotografia da *top model* Claudia Schiffer apareceu na revista *Nova*, exibindo 1,80m de altura. Não se tratava de uma jogadora de basquete. O charme das baixinhas, roliças, do tipo *mignon* parecia definitivamente esquecido. O mesmo já acontecia com as “rechonchudas” e os “gorduchos” (SANT’ANNA, 2014, p.162).

Foi a partir das décadas de 1980 e 1990 que surgiram as modelos Cindy Crawford, considerada a “Top do Top das top models” pela revista francesa *Vogue*, Naomi Campbell, Christy Turlington, Linda Evangelista e a brasileira Giselle Bündchen. Todas com mais de 1,80m que ostentavam nas passarelas e revistas mundiais as mais importantes marcas de roupas internacionais. Fato que, conforme Sant’Anna (2014), incentivou com que meninas cada vez mais jovens, de 12 e 13 anos, abandonassem suas casas e escolas para buscarem a fama como modelo.

Segundo a Associação Brasileira de Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abihpec<sup>16</sup>), o Brasil é o terceiro maior mercado consumidor de produtos de beleza e higiene do mundo, ficando atrás dos Estados Unidos e da China. O faturamento anual chega a R\$101,7 bilhões, representando mais de 1,8% do PIB nacional. Além disso, o País fica em segundo lugar no consumo de produtos infantis (perdendo a liderança para os EUA), obtendo um crescimento médio de 14% ao ano. Em 2014 o faturamento chegou a R\$ 4,5 bilhões.

---

<sup>16</sup> Ver: <https://www.abihpec.org.br/2015/04/setor-de-higiene-e-beleza-cresce-11-em-2014/>

A partir dos anos de 1980 começou nos Estados Unidos um movimento que favoreceu a formação da indústria do músculo por meio de diversificados nutrientes e maquinarias. Courtine (1995) conta que as máquinas foram personalizadas para atender o gosto do cliente de forma que a rotina de malhar os músculos se tornasse mais “amigável” e prazerosa de forma que não se restringisse somente às academias de ginástica.

(...) as máquinas de remar, pedalar simular a subida dos degraus da escada passaram a ser um elemento de decoração doméstica, uma peça de mobiliário colocada à vista, enquanto que, no passado, os halteres descansavam discretamente no fundo de um armário. São práticas destinadas à demonstrar uma integração às normas corporais em vigor, a fornecer um testemunho de comunhão com a cultura do corpo. O músculo é um modo de vida (COURTINE, 1995, p.85).

De acordo com Courtine (1995) no início do século XX a exposição pública dos corpos adquire respeitabilidade, fazendo parte das características de ascensão social de novas classes médias. Um exemplo é a profissão de manequim, os concursos de misses, mobilidade social e profissional de algumas mulheres devido à exposição da imagem na publicidade/mídia. A beleza torna-se capital e o corpo assume um caráter de favorecer uma promoção individual. O autor apresenta alguns aspectos do *American way life*:

As ambiguidades desse hedonismo inscrevem-se ainda literalmente, em sua linguagem, isto é, no caráter paradoxal e na força performática desses anunciados obrigatórios que levam à busca de um bem-estar na atividade física. Have fun: a alegria é um dever moral, uma forma insistente de obrigação. No mesmo contexto, o bem-estar psicológico (feeling good) é entendido como uma consequência da forma física (being in shape) (COURTINE, 1995, p.101).

Segundo Sant’Anna (2014), a partir do ano 2000 inúmeros salões de beleza infantis foram criados em diversos estados do Brasil. No mundo surgiram concursos de misses infantis, formando crianças hipersexualizadas, que se inspiravam nos gestos e posturas dos adultos, o que ela chama de “barbeirização dos padrões”, ou seja, as meninas eram produzidas para se parecerem fisicamente com a boneca Barbie<sup>17</sup>. Isso fez com que o Senado francês votasse uma lei, em 2013, proibindo a participação de menores de 16 anos nesse tipo de concurso.

Uma passada de olhos pelas bonecas ao longo da história revela uma parte das expectativas dos adultos em relação ao corpo feminino. Por exemplo, a boneca Susi, lançada em 1966 pela empresa brasileira Estrela, foi relançada em 2007 com

<sup>17</sup> A boneca Barbie surgiu em 1959 e foi criada pelo casal Ruth Handler e Elliot Handler (fundador da empresa norte-americana Mattel). A boneca nasceu loira, olhos claros, com corpo de manequim, pernas longas, cintura fina e vestia a última moda. Ver: <http://almanaque.folha.uol.com.br/barbie.htm>. Acesso em 26 de fevereiro de 2015.

um formato mais longilíneo e seios maiores do que as suas antecessoras (SANT'ANNA, 2014, p.165).

A partir da década de 1960 mais uma vez a velhice teve destaque negativo. Não mais se permitia “estar velho” e com as cirurgias plásticas era possível rejuvenescer a imagem física e assim estar apto para conseguir emprego, um parceiro e a aceitação pessoal e social. Na visão de Sant’Anna (2014), nas últimas décadas houve uma grande banalização a respeito da cirurgia plástica que especializou inúmeros profissionais, principalmente na segunda metade do século XX. Para a autora, a cirurgia estética atual não só corrige e repara os “defeitos”, mas também é capaz de fazer uma verdadeira arte no corpo humano. A lipoaspiração e o aumento dos seios com próteses de silicone lideram o ranking das cirurgias plásticas atuais. Além disso, com a globalização dos ideais de beleza, no Extremo Oriente se tornaram comuns as cirurgias de ocidentalização das aparências.

Na Europa e nos Estados Unidos, o paciente transformado em cliente, tendeu a conceber a cirurgia plástica como uma oportunidade para exercer sobre o corpo uma experiência de bricolagem. Nessas circunstâncias, o corpo adquiriu uma espécie de projeto a ser construído pelas mãos dos médicos, a partir das escolhas do “cliente” e, graças aos meios científicos e tecnológicos disponíveis. Ora, bricolagem é menos glorioso do que edificar, mas mais ambivalente e incerto do que unicamente restaurar (SANT'ANNA, 2014, p.170).

A moda das mulheres musculosas ocorreu na década de 1990. Assim como as dançarinas de axé do grupo É o Tchan, jovens funkeiras, conhecidas como “mulheres-frutas”, “tchutchucas”, “popozudas” “cachorras”, “purpurinadas” entre outras denominações, reforçaram “algumas tendências arraigadas na cultura popular” (SANT'ANNA, 2014, p.175), mas com uma diferença: a forma de se vestirem. Embora ambas possuíssem corpos que aparentavam serem cultivados em academias, as funkeiras usavam calças e shorts de *stretch*, modelando as curvas, completando o visual provocativo com salto alto e tops justíssimos que deixavam à vista as marcas de biquíni. Essa nova tendência corporal feminina, com corpos mais avantajados, segundo Sant’Anna, seria considerada fora dos padrões europeus ou mesmo dentro de alguns setores da sociedade brasileira.

Há um hit da funkeira conhecida por Tati quebra Barraco intitulado “sou feia, mas tô na moda”. Muitas escaparam largamente dos padrões de beleza que circulavam no mundo das top models, embora também valorizassem grandes marcas internacionais de roupas, adereços, tênis e cosméticos (SANT'ANNA, 2014, p.176).

Sant'Anna (2014) acredita que essa “fabricação” das novas mulheres bombadas ou turbinadas, que cada vez mais buscavam trabalhar o corpo a fim de conquistar mais sensualidade, foi instigada pela mídia e teve maior propagação a partir do programa da Rede Globo, o Big Brother Brasil, no qual as participantes exibiam esse perfil corporal. Além disso, para Sant'Anna isso fez surgir uma nova classe média no País que passou a relacionar alta promoção à saúde, ligando um corpo forte que antes era característica masculina com o consumo de marcas de luxo. Porém, com a lógica de consumo da complexa sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que se reforça a ideia de se ter um corpo saudável, magro e/ou musculoso, abre-se espaço para a ampliação e produção de produtos de moda e beleza que aborde grupos cujos corpos não se enquadrem, como os das mulheres *plus size*<sup>18</sup>.

Diante de tantas **técnicas corporais** aprendidas e transmitidas ao longo da história, Mauss (1974) conta que o corpo é treinado para assimilar mais o que é próprio da cultura, da tradição ou do que é de interesse aprender. Através da **imitação prestigiosa** cada indivíduo constrói seu comportamento e seus corpos. Para Mauss (1974), cada cultura/sociedade valoriza um tipo de corpo, sendo ele uma construção coletiva cultural onde cada sociedade valoriza certos tipos de características, traços ou particularidades em detrimento de outros comportamentos. Essas características podem se modificar de acordo com a cultura de cada sociedade e com o tempo histórico e são passadas por meio de uma sequência de encadeamentos, a própria **imitação prestigiosa**, podendo ser de forma consciente ou inconsciente.

A criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que tem autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado à sua frente ou com ele pelos outros (MAUSS, 1974, p.215).

Assim como os indivíduos copiam comportamentos que foram valorizados em sua cultura, da mesma forma Mauss (1974) explica o que acontece com a transmissão oral na qual os discursos também são transmitidos e reproduzidos desde que o interlocutor apresente uma autoridade em sua fala, que o faça ser ouvido e, por sua vez, admirado. O corpo é educado pela sociedade, pois é ela, segundo Mauss, quem determina seu uso técnico. Ele é construído socialmente e os meios de comunicação de massa contribuem para que os corpos midiáticos sejam invejados, imitados e construídos como os das atrizes, cantoras, dançarinas, modelos,

---

<sup>18</sup> Plus size é um termo usado pela moda para definir, neste caso, mulheres que usam modelos de roupas de tamanho 48 de calça para cima e GG em diante para blusas. São consideradas pessoas obesas. Ver: <http://modaplussize.org/o-que-e-plus-size/>. Acesso em 14 de julho de 2015.

manequins, pessoas que têm o corpo como seu principal capital e onde o marketing dissemina esses atos corporais, promovendo a **imitação prestigiosa** e colaborando para a construção dos padrões de beleza e estilos de vida de forma mais abrangente. Esses modelos podem ser de roupas, cortes e mudanças nas tonalidades dos cabelos, acessórios, bordões, gírias, formas de pensar, de andar, de se comunicar.

Na visão de Baudrillard (2007) o corpo, com suas inúmeras funções morais e ideológicas, tornou-se objeto de salvação. Para o autor, a paixão e a descoberta da mulher pelo seu corpo começa na higiene e termina no instituto de beleza, revelando e libertando a pulsão de compra que é fomentada pela sociedade de consumo. O corpo é liberto e a beleza vende, adquire valor comercial.

A beleza tornou-se para a mulher imperativo absoluto e religioso. Ser bela deixou de ser efeito da natureza e suplemento das qualidades morais. Constitui a qualidade fundamental e imperativo de todas as que cuidam do rosto e da linha como sua alma. Revela-se como signo de eleição ao nível do corpo, assim como o êxito o é no plano dos negócios (BAUDRILLARD, 2007, p.140).

Segundo Baudrillard (2007), beleza e magreza não possuem afinidades naturais já que a gordura e o sobrepeso já foram considerados belos em outras épocas. Porém a beleza imperativa, considerada pelo autor como universal e democrática, está implícita na sociedade de consumo por meio da magreza e torna-se, praticamente, um direito e um dever de todos. As formas corporais não podem ser desarmonizadas por causa da gordura.

“Será de preferência magra e descarnada no perfil dos modelos e dos manequins, que se revelam, ao mesmo tempo, como a negação da carne e da exaltação da moda” (BAUDRILLARD, 2007, p.150).

Baudrillard (2007) diz que existe uma ambiguidade na moda já que ela consegue mesclar diversos aspectos diferentes, como o bonito e o grotesco, o novo e o velho, o brega e o chique, mas não com o gordo e o magro surgindo, nas palavras do autor como uma espécie de limite absoluto. A gordura é vista como um poluente. Uma agressão externa e interna ao corpo, que pode ser eliminada por meio de regimes e exercícios. O imperativo da moda é o princípio da organização social para Baudrillard.

A mística da linha, a fascinação da magreza exercem grande influência unicamente porque são formas de violência e fonte de sacrifício para o corpo, ao mesmo tempo entorpecido na sua perfeição e violentamente vivificado como acontece nos ritos de imolação (BAUDRILLARD, 2007, p.152).

Na visão de Sant'Anna (2014), todas as modificações que ocorreram na história brasileira em relação às aparências fizeram com que a beleza se tornasse um passaporte para transpor barreiras sociais, econômicas culturais e de gênero. Entretanto, as “aparências que não deram certo” tendem a serem vistas como algo que precisa ser consertado e se tornaram um empecilho para a felicidade, acarretando diversos problemas como o culto à magreza que corrobora com o desenvolvimento de distúrbios alimentares como anorexia e bulimia, os acidentes cirúrgicos, o uso indiscriminado de cosméticos e medicamentos, que podem prejudicar a saúde, dentre outros.

(...) o último século foi uma época bastante propícia para transformar a aparência física na principal prova da subjetividade humana. Ou seja, o corpo transformou-se em algo tão importante, complexo e sensível quanto outrora fora a alma (SANT'ANNA 2014, p.189).

Para a autora chegamos a uma época em que o aumento da liberdade individual para modificar o corpo de acordo com o gosto pessoal, dentro dos padrões pré-estabelecidos, e tecnologias disponíveis, faz com que a imagem e identidade corporal possam ser construídas de forma incerta e efêmera. Criou-se uma necessidade de remodelar o corpo de forma a que todo ele se transforme em partes fotogênicas que possam ser mostradas sem causar constrangimentos, desde as vaginas até as arcadas dentárias. São indivíduos, vítimas da complexidade do mundo moderno que foram condenados a viver de aparências. E as Anas e Mias são algumas das grandes vítimas desse enredamento de vivências, construções corporais e pensamentos.

Com este capítulo acredito ter deixado claro que as transformações que ocorreram na era pós-Revolução Industrial colocaram a beleza em evidência, na qual a imagem pessoal pode tanto exaltar como arruinar uma pessoa. Dentro de uma sociedade complexa e individualista, a intimidade de pessoas mais influentes passou a ser compartilhada, ditando novos padrões de beleza ao longo das décadas, a juventude se tornou uma opção, a gordura foi demonizada e a identidade pessoal passou a se moldar de acordo com as circunstâncias, dentro da lógica de consumo vigente. No próximo capítulo mostrarei o resultado dessa intensificação das práticas de narcisismo coletivo em uma comunidade virtual do WhatsApp, onde foi criada toda uma

rede de sociabilidades em prol da construção de corpos anoréxicos tendo o ciberespaço como cenário principal.

## 2. O DESPERTAR DE UMA LAGARTA

Neste capítulo mostrarei os contextos nos quais se originaram as comunidades pró-anas e pró-mias e os meios em que operam sem perder de vista suas conexões com a vida social fora do mundo on-line. Embora toda esta pesquisa tenha por base sua territorialidade o ciberespaço, é preciso levar em conta que se trata de uma dissertação realizada a partir de uma etnografia elencando os acontecimentos, práticas e transformações socioculturais que se deram de forma associativa aos desenvolvimentos tecnocientíficos que tiveram progresso nas últimas décadas (ESCOBAR, 2002).

A produção e o uso de novas tecnologias em âmbitos culturais como os da anorexia e bulimia, juntamente com a formação de comunidades mediadas por computadores, compõem essa experiência etnográfica. Vivendo num mundo com realidades que se tornaram híbridas, mesclando suas vidas on-line e off-line, Anas e Mias encontraram novas formas de organizarem suas experiências com os distúrbios alimentares.

O primeiro passo para a formação de uma rede cibernética se dá a partir do interesse de um membro com maior iniciativa que encontrou indivíduos desconectados e que precisavam de uma liderança. Com interesses em comum, se conectaram e dessa forma poderiam ter um suporte para realizar as mudanças que queriam de forma coletiva. “A superioridade por meio do prestígio consiste na habilidade de ‘arrastar’ indivíduos e massas e fazer deles seguidores incondicionais” (SIMMEL, 1983, p.110).

E foi por meio das tecnologias digitais que as participantes puderam criar uma ação coletiva por meio de compartilhamento de informações e cooperação, (principalmente no campo emocional ao se tratar de Anas e Mias) que se ampliou com o aumento da interatividade. Por meio de ferramentas de comunicação, desejos que antes não encontravam facilidades para se realizarem por estar, de certa forma, isolados nos planos individuais, ganharam amplitude nos esforços comunitários, deixando de ser apenas uma agregação de indivíduos.

O compartilhamento de informações produz consciência compartilhada entre os participantes, e a produção colaborativa depende da criação compartilhada, mas a ação coletiva gera responsabilidade compartilhada, ao vincular à identidade do usuário a identidade do grupo (SHIRKY, 2012, p.48).

Na fase inicial dos estudos (Fevereiro de 2014), Anas e Mias se relacionavam por meio dos blogs. Com o surgimento de novos meios de comunicação, passaram a se comunicar também via Twitter e a interação aumentou quando surgiram as fanpages, perfis e grupos no Facebook. Após a própria rede social proibir qualquer menção à autodestruição<sup>19</sup> como bulimia, anorexia, mutilação e suicídio, Anas e Mias encontraram uma nova forma de resistência. Criaram grupos pró-transtornos alimentares, mais conhecidos como pró-ana s, pela ferramenta de comunicação utilizada em dispositivos móveis, o WhatsApp.

Após minha experiência de mais ou menos um ano acompanhando as postagens nos grupos pró-ana s, percebi que muitos foram perdendo a força e decidi concentrar os esforços em uma comunidade específica que chamarei de Borboletas para preservar a identidade das participantes. Seus nomes também foram trocados por se tratarem, em grande parte, de menores de idade, e também porque a maioria das participantes se denominava “Ana”, numa clara referência ao transtorno alimentar da Anorexia Nervosa (AN), o que dificultava a identificação das integrantes. O estudo de suas interações on-line foi feito por meio da observação flutuante, sem participação ativa, pelo fato delas não aceitarem uma integrante que não tivesse ou que não quisesse ter a ana e/ou mia; e também para não constrangê-las nem limitar, de certa forma, suas interações devido ao meu perfil de pesquisadora.

Para dar início a essa discussão, começo falando sobre os símbolos que remetem a uma imagem de borboleta, preta ou colorida, que estão espalhados pelos blogs, redes sociais, celular e até no corpo em forma de tatuagens. Essa figura animal que significa o último estágio de uma lagarta adquiriu uma nova significação para crianças e jovens, em especial, as do sexo feminino. Considerada o símbolo da transformação, da beleza, da efemeridade da natureza, da inconstância, da renovação e da felicidade (ZAMPIERI, 2012), a borboleta representa toda a metamorfose porque passam as vítimas dos transtornos alimentares da anorexia e da bulimia. Como uma forma de deixarem de ser lagartas, onde a feiura é representada pela gordura corporal, elas anseiam por um novo corpo, uma nova vida em que seus ossos estejam em evidência por meio da magreza excessiva, dando suporte para serem tão leves e livres e saírem do casulo, com toda a beleza desse inseto voador.

Aprisionadas em seus corpos, as Anas e Mias encontraram uma forma de se libertarem, mas não do transtorno alimentar, e sim das críticas e pressões sociais. Uma luta para emagrecer que antes

---

<sup>19</sup> Ver <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/instagram-proibe-imagens-de-mutilacao-e-suicidio>

elas enfrentavam sozinhas, e para a qual agora encontram apoio de outras meninas que passam pelo mesmo problema por meio das redes sociais, que podem ser definidas como

[...] formadas por entidades que compartilham funções, propósitos ou perspectivas. As entidades, também chamadas de atores, são representadas pelos nós, que se interligam, dependendo da relação existente entre eles. Os atores podem ser indivíduos, bem como organizações corporativas ou coletivas que se interligam por laços sociais (DELAZARI e BRANDALIZE, 2012, p. 186).

Para esta etnografia virtual, devido à grande quantidade de informações disponíveis, foi utilizado um script criado pelo Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic<sup>20</sup>) para coletar os dados e organizá-los de forma que pudessem ser mais bem analisados. A ferramenta retornou com os seguintes elementos: dia e horário de cada postagem e o texto de mensagem de cada integrante. Os dados foram sistematizados numa tabela que me permitiu analisar com mais cautela as conversas do Borboletas.

Também foram gerados alguns grafos com as palavras mais usadas nas conversas no período de agosto de 2014 a junho de 2015, além de uma nuvem de palavras que neste caso serviria mais para demonstração. O programa utilizado para ilustrar esse último tópico foi o Taxgedo. Esses grafos serão analisados no próximo capítulo. No total, o script gerou uma tabela com cerca de 180 mil linhas que envolvia a junção de vários outros grupos que se formaram e me adicionaram nesse período. Muitos eram constituídos por praticamente as mesmas participantes, que buscavam apoio mais intenso das comunidades pró-ana s. Dos 14 grupos que me agregaram, alguns me removeram das comunidades por eu não ter uma participação ativa na rede e outros deixaram de existir, restando o Borboletas, com centenas de mensagens diárias. Aplicando um filtro, sobraram 25 mil mensagens para serem reanalisadas.

Durante as semanas que passei revendo e revivendo as conversas percebi uma constante repetição dos assuntos depois de três meses: muitas mensagens de “bom dia”, “correntes”, imagens de *thinspirations*<sup>21</sup>, novas e velhas dietas e exercícios, problemas que envolvem a adolescência como desentendimentos com a mãe e com o (a) namorado (a), lamentações,

---

<sup>20</sup> O Labic pertence ao Departamento de Comunicação Social da Ufes, associado ao programa de Pós-graduação em Ciência da Computação, tendo como objetivo a realização experimental de produtos digitais, promovendo pesquisas e atividades de extensão relacionados ao impacto da cultura digital nos processos e práticas de comunicação contemporânea com o apoio do CNPq, Fapes, Capes e Facitec. O Labic realiza trabalhos multidisciplinares envolvendo as áreas da ciência da comunicação, computação, design, matemática e antropologia. Informações retiradas do site [www.labic.net/sobre/](http://www.labic.net/sobre/). Acesso em 17 de abril de 2015.

<sup>21</sup> Fotos de mulheres que servem como modelos de inspiração da magreza

práticas de mutilação, punições, bullying, desejos de alcançar a perfeição ou a morte. Ademais, também acompanhei a formação das regras do grupo e a constante entrada e saída de membros, na sua totalidade do sexo feminino. Atualmente o Borboletas conta com 65 participantes.

Antes de entrar a fundo na netnografia das Borboletas para entender suas formas de interação, é preciso esclarecer alguns pontos e definir melhor alguns termos acerca de todo o processo que envolve o universo da anorexia. Como no primeiro capítulo fiz um panorama histórico sobre como o conceito de beleza sofreu mutações com o passar das décadas da história brasileira, começo, de fato, este segundo capítulo explanando mais sobre como os presentes distúrbios alimentares tiveram sua origem e as suas consequências para a saúde humana. Em seguida, abordarei as noções de corpo e perfeição que elas tanto buscam e, por fim, os temas que envolvem o grupo e suas sociabilidades que constituem o cerne desta pesquisa.

## 2.1 DAS SANTAS ÀS ANAS

Embora possa ser considerada uma enfermidade recente do ocidente, os autores Cordás e Weinberg (2006) acreditam que a Anorexia Nervosa (AN) sugere um tipo de comportamento recorrente no sexo feminino que remonta a outras épocas e culturas. E, inclusive, seus estudos apontam que essa patologia foi usada por mulheres ao longo da história ocidental como uma linguagem simbólica em amplos sentidos. O jejum pode ser encontrado em vários registros da história da humanidade, não significando, propriamente, um indício de transtorno. No Egito Antigo, por exemplo, os jejuns eram feitos para possibilitar um estado de transe e para receber visões sagradas. “(...) quem quisesse ser iniciado nos mistérios de Isis e Osíris deveria ficar alguns dias sem comer” (CORDÁS e WEIBERG, 2006, p.21).

Além disso, segundo os autores, filosofias orientais como o Jainismo ainda estimulam o jejum prolongado que pode levar à morte. Ele é feito como uma forma de libertar a alma do aprisionamento corporal. Já no Budismo, Weinberg e Cordás (2006) contam que Buda se tornou um homem santo após um intenso jejum no qual resistiu a várias tentações, alcançando a iluminação divina.

A expansão do gnosticismo no mundo helenístico trouxe a ideia do corpo maligno, bem como sua incorporação nas nascentes cristãs. De acordo com os autores supracitados, o ascetismo cristão está baseado na teoria do filósofo grego Platão na qual a alma está encarcerada no corpo e só será liberta se o corpo for sacrificado por meio da não alimentação. Na Grécia Clássica, a privação da comida era vista como uma forma e cultivar a mente e o corpo. Além disso, era considerada uma prática curativa recomendada pelos médicos como Hipócrates (460 ac 370 ac) que receitava a prática do jejum e indução de vômitos para a cura de várias enfermidades.

Muito do que se praticava na antiguidade e do que se faz agora com o corpo é baseado no conceito atual de ascetismo, que inclusive contribuiu para o surgimento de jejuns prolongados. O ascetismo era visto como um propósito de perfeição de uma vida espiritual com o abandono do corpo. Era uma forma de se autodisciplinar e de se autopunir para obter uma total abstinência das necessidades físicas, principalmente as relações sexuais. Para isso eram utilizadas formas de tortura como autoflagelação e privação do sono.

Bynum (1987) estudando o significado religioso da comida na Idade Média argumenta que o ascetismo era uma das únicas formas de superação ou elevação espiritual da mulher, num contexto teológico em que a mulher estava para o homem assim como a carne estava para o espírito ou alma. Assim, mulheres mais frágeis, mais predispostas ao pecado, menos racionais, poderiam encontrar o caminho de Cristo unicamente na Eucaristia ou se autoflagelando até a submissão e ao abandono do corpo (CORDÁS e WEIBERG, 2006, p.30).

O ascetismo era visto pelas mulheres como uma forma de conquistar a autonomia sobre seu corpo e sua vida de forma a se livrar de comportamentos aceitos pela sociedade bem como renunciar sua sexualidade. Ele expressava a defesa da castidade e da virgindade por meio de líderes espirituais, incentivando mulheres da Idade Média a fugirem de suas obrigações matrimoniais, pregando uma vida plena de orações, prática de jejuns e abstinências.

Tertuliano afirmava que “um corpo emagrecido passará mais facilmente no portão do paraíso, um corpo leve ressuscitará mais rapidamente e na sepultura será melhor preservado” (apud Vandereycken; Van Deth, 1994, p.15) (CORDÁS e WEIBERG, 2006, p.29).

Aceitar a vida religiosa era uma forma de escapar dos casamentos arranjados com homens que não conheciam. Por isso, as mulheres da Idade Média buscavam refúgio nos conventos como um meio de renunciar à sexualidade. E foi justamente nesse contexto que começaram a surgir

às chamadas santas jejuadoras, como a filha do rei de Portugal, a Santa Vilgefortis. Seu jejum foi tão severo para se livrar de um casamento arranjado por seu pai que ela quase faleceu.

O jejum auto imposto, no entanto, teve seu apogeu na época da Santa Catarina de Siena. Fendrik fala de uma “epidemia de comportamento anoréxico” nesse período e afirma que chegou a tal extremo o hábito de “nunca comer” entre as santas dos séculos XIII e XVI, que os registros feitos pelos confessores surpreendem por constituírem verdadeiras histórias clínicas (CORDÁS e WEIBERG, 2006, p.31).

O declínio das santas jejuadoras se deu devido à crescente oposição da Igreja Católica, que criou regras mais severas para a canonização das praticantes. Era preciso levar em consideração as virtudes e o caráter de quem o praticava. “Próspero concluiu que não era o jejum que fazia a santidade, mas a santidade do jejuador que determinava a santidade do jejum” (CORDÁS e WEIBERG, 2006, p.55). Além do fato de fugirem dos futuros maridos, assim como acontece em casos extremos de Anas e Mias, as santas morriam lutando por algo que acreditavam como a salvação eterna, assumindo um comportamento destrutivo para alcançarem a glória após a morte.

No final do século XIX surgiram os “artistas da fome”. Eram homens que levavam em grau máximo sua abstinência por comida para poderem expor sua magreza nas apresentações em circos, feiras e parques de diversões. Assim como as pró-ana s querem se exhibir nas redes sociais, eles buscavam atenção do público, mas a diferença é que faziam isso em troca de dinheiro. Ao contrário das santas e meninas jejuadoras que jejuavam na intimidade de seus lares.

“Dizia-se sobre alguns, que eram quase transparentes, podendo-se enxergar a luz de uma vela através de seu corpo” (CORDÁS e WEIBERG, 2006, p.57).

A história da AN mostra que seu surgimento se deu por diversos fatores que nem sempre estavam associados à beleza, sendo considerados por alguns autores como pré-história da anorexia. As santas jejuadoras que fugiam da gula, meninas que não comiam para deixarem de ser atraentes e assim fugirem do matrimônio, mulheres bem-nascidas com um alto grau de sensibilidade que não comiam em busca de notoriedade na família, mulheres presas em asilos que evitavam comer porque acreditavam que a comida estava envenenada ou com verme; meninas que se sentiam inibidas de comer por causa de uma moral da sociedade do século XIX que relacionava comida à sexualidade. Dessa forma as mulheres sentiam-se

desconfortáveis ao sentarem à mesa para comer ou ainda não deveriam ser vistas se alimentando porque era sinal de bons costumes já que “meninas que se masturbavam manifestavam um apetite incomum (...)” (CORDÁS e WEIBERG, 2006, p.58). No quadro abaixo é possível observar a evolução do Transtorno Alimentar (TA) no decorrer dos anos.

**Quadro – Sintomas da Anorexia Nervosa relatados através da história<sup>22</sup>**

Data do relato	1691 Morton	1859 Marcé	1859 Chiple	1868 Gull	1873 Laségue	1885 Charcot	1903 Janet	Anorexia Séc. XX
Perda de peso deliberada	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Uso de atividade física excessiva	Sim	?	Não	Não	Sim	Não	?	Sim
Insatisfação ou distorção da imagem corporal	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim
Amenorreia	Sim	?	Não	Sim	Sim	?	?	Sim
Resistência ao tratamento	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Onde aparece interrogação, não foi encontrada nenhuma menção na literatura.

Na atualidade a anorexia é considerada um espetáculo lamentável. Embora, como disse anteriormente, existam vários motivos para se adquirir ou desenvolver a anorexia e bulimia, meus estudos baseiam-se na AN que provoca distorção corporal e/ou está relacionada com a intensa vontade de emagrecer em prol da beleza. Esse tipo de anorexia está relativamente presente na cultura ocidental moderna. Entre os fatores que desencadeiam essa doença está um grande medo da obesidade.

Como se pode observar, a forma e a motivação do comportamento anoréxico variaram ao longo dos anos, não sendo a anorexia um fenômeno recente. Mas devido à globalização e a difusão tecnológica e dos meios de comunicação, hoje há uma maior amplitude e disseminação do problema, tanto para sua cura quanto para sua sistematização. Segundo Busse (2004), a Anorexia Nervosa pode ser definida como um distúrbio ou transtorno de comportamento alimentar que se caracteriza por abstenção e limitação de comidas auto

<sup>22</sup> Quadro disponível em (CORDÁS e WEIBERG, 2006, p.100).

impostas, com padrões bizarros de alimentação e uma intensa perda de peso, mais notória nas fases mais avançadas da doença. Essa perda de peso é induzida e incentivada pela própria anoréxica acompanhada por um pavor mórbido de se tornar obesa.

Entre os sintomas e consequências da AN descritos pelo autor estão a falta de alimentação, feições cadavéricas, perdas de pelos ou sua substituição por lanugos (pelos finos, curtos, macios e sem pigmentação que cobrem o corpo do feto durante os primeiros meses de gestação), bradicardia, hipotermia, hipotensão, extremidades cianóticas (roxas), padrões incomuns de comportamento, pele muito ressecada, perda dentária, amenorreia, recusa em ingerir alimentos ricos em carboidratos e gorduras, pele amarelada, cabelos finos e quebradiços, leve alopecia, aparência envelhecida, perda intensa de peso, recusa alimentar sem distúrbios orgânicos e nível intelectual acima da média.

Os médicos chegaram à conclusão de que o perfeccionismo nessas moças “assumia vida própria. Parecia semelhante ao das pessoas de ordens religiosas que procuram alcançar um estado transcendental por meio do jejum, da autonegação e do ascetismo” (DOWLING, 1988, p.95).

A AN ocorre, segundo Busse (2004), principalmente durante o período da puberdade. Ela atinge pessoas numa média entre 10 e 30 anos, quase que exclusivamente no sexo feminino (8 a 10 vezes maior do que no masculino), e apresenta alta taxa de mortalidade. “Isso se confirma com Ratnasuriya (1991) do Maudsley Hospital, que obteve 17,5%; Ajuriaguerra fala em 9,81% e, para a maioria dos autores, estaria entre 4 a 30%” (BUSSE, 2004 p.35).

A DSM- IV (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), de 1994, classifica a AN de duas maneiras: 1) do subtipo restritiva, com uso apenas de exercícios e dietas; 2) e de forma compulsiva periódica purgativa. No subtipo 2 a bulimia está incluída como um tipo de anorexia, não assumindo classificação própria. O mesmo acontece com a CID 10 (Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento), de 1993, que mesmo considerando outros fatores para estabelecer um quadro de anorexia, também inclui sintomas de Bulimia Nervosa (BN) como sendo parte de um quadro anoréxico conforme compara a tabela a seguir:

**Quadro 1 – Critérios diagnósticos para Anorexia Nervosa pelo DSM-IV e pela CID-10<sup>23</sup>**

DSM-IV	CID-10
<p>a) Perda de peso e recusa em manter o peso dentro da faixa considerada normal (o critério sugere que o indivíduo pese menos que 85% do peso considerado normal para sua idade e altura).</p> <p>b) Medo mórbido de engordar mesmo estando abaixo do peso.</p> <p>c) Negação do baixo peso e distorção na forma de viver e avaliar o baixo peso.</p> <p>d) Amenorreia por 3 ciclos consecutivos.</p> <p><b>Subtipos:</b></p> <p>1- Tipo Restritivo: perda de peso conseguida por meio de dietas, jejuns ou exercícios excessivos.</p> <p>2- Tipo Compulsão Periódica/Purgativo: presença de episódios de compulsão além da dieta e purgações mediante indução de vômitos ou uso indevido de laxantes, diuréticos e enemas.</p>	<p>a) Manutenção do peso corporal em pelo menos 15% abaixo do esperado (tanto perdido quanto nunca alcançado) ou o índice da massa corporal de Quetelet<sup>1</sup> em 17,5 ou menos.</p> <p>b) Indução da perda de peso por abstenção de “alimentos que engordam” e um ou mais do que se segue: vômitos auto induzidos; purgação auto induzida; exercício excessivo; uso de anorexígenos e/ou diuréticos.</p> <p>c) Distorção da imagem corporal e pavor de engordar.</p> <p>d) Distúrbio endócrino generalizado envolvendo o eixo hipotalâmico-hipofisário-gonadal manifestado em mulheres como amenorreia e em homens com uma perda de interesse e potência sexuais.</p> <p>e) Atraso no desenvolvimento puberal.</p> <p>Índice de massa corporal de Quetelet = <math>(\text{peso (kg)}) / ([\text{altura(m)}]^2)</math></p>

Embora essas noções não sejam unânimes, os autores concluíram, baseado nos estudos de Van der Ham et al (1994; 1997) realizados com grupos de adolescentes anoréxicas que, embora existam padrões que sugiram subtipos diferentes da doença, a característica fundamental para avaliar se um paciente tem ou não o transtorno alimentar é a preocupação com a alimentação, aliada à perda de peso e imagem distorcida de si mesmo.

O emagrecimento só é percebido pela família quando a AN já faz parte do cotidiano da jovem, que prefere ingerir pequenas quantidades de comida longe de parentes e amigos e em lugares privados. E quando ocorre a alimentação fazem de forma vagarosa, mastigando lentamente por vários minutos. De acordo com Busse (2004), elas preocupam-se com a alimentação de seus familiares e muitas aprendem a cozinhar para poderem preparar sua própria refeição. Ao contrário do significado original da palavra grega anorexia (ann = sem; orexis = desejo ou apetite), as Anas e Mias não têm pouca fome ou ausência da mesma, elas fazem de tudo para anular seu apetite, numa tentativa de enganar o organismo.

<sup>23</sup> Quadro disponível em CORDÁS e WEIBERG, 2006, p.17

Já a AN do tipo restritiva, Busse (2004) explica que o peso é controlado pela ingestão de alimentos de baixas calorias e excesso de exercícios físicos. Ambos os subtipos são cercados pelo medo mórbido de engordar, mesmo se tratando de mulheres magras ou caquéticas que geralmente não assumem seu distúrbio. Ademais, fazem os mais diversificados regimes, recusam comida e escondem-na como se as tivessem comido; e mesmo no limite extremo da magreza ainda assim se sentem gordas.

No caso da Bulimia Nervosa, como abordado anteriormente, ela pode ser considerada um subtipo da AN do tipo purgativa, que se caracteriza pela ingestão de grandes quantidades de alimentos, provocando, posteriormente, vômitos que podem ser auto induzidos ou não. Além disso, para emagrecer, também é comum o uso de laxantes após a compulsão alimentar, anorexígenos (remédios para emagrecer) e diuréticos (BUSSE, 2004). A idade de apresentação, geralmente, é mais tardia, por volta dos 18 anos, mas quadros bulímicos já foram observados com início aos 10 anos, com um forte sentimento de culpa ao comer.

A prática de hiperfagia, com grandes quantidades de comida consumidas em um curto espaço de tempo, é comum nas bulímicas, chamadas por elas de atos de compulsão. De acordo com Busse (2004), a Bulimia Nervosa é mais frequente em atletas, pessoas ligadas à moda, bailarinas, países de Primeiro Mundo ou Desenvolvidos, classe sociais alta e média alta, mulheres brancas ocidentais, de 18 a 40 anos, com cursos secundários e universitários. Embora autores como Hsu, (1986, apud BUSSE, 2004), que acredita que a BN seja um subgrupo da AN denominando-a de Bulimexia, outros como Hilde Brunch, (1987, apud BUSSE, 2004), combate essa ideia afirmando ser um conceito errôneo devido às semelhanças de sintomas.

Ao contrário da AN, na bulimia não há perda significativa de peso, estando a bulímica pesando próximo à normalidade. E é justamente por esse motivo que há dificuldades em diagnosticá-la visivelmente. “Como afirma Faiburn, 1984, ao redor de 70% dos pacientes têm peso normal e os 30% restantes se situam um pouco acima ou abaixo.” (BUSSE, 2004, p.44). No geral, o que mais une Anas e Mias são os constantes pensamentos obsessivos sobre seu peso e corpo, considerando seus hábitos alimentares vergonhosos.

As anoréxicas têm aparência envelhecida, são caquéticas, seus cabelos são ralos e quebradiços, apresentam lanugo; já as bulímicas têm faces de lua cheia (em virtude da hipertrofia das glândulas paratiróidas, em face dos vômitos constantes), lesão da pele do dorso da mão causada pelo atrito faríngeo para estimular reflexo do vômito

(Sinal de Russel), desgaste dentário e presença de cáries em razão do suco gástrico (BUSSE, 2004, p.45).

É bom enfatizar que o traço comum entre anoréxicas e bulímicas é o medo inexplicável de engordar, embora ele seja mais evidente nas “Anas” devido à distorção da imagem corporal, o que não ocorre com as bulímicas a não ser que elas também tenham anorexia. Além disso, há também a forte presença de problemas/doenças emocionais, abuso de drogas e transtornos de ansiedade.

Acerca das pesquisas sobre Transtornos Alimentares (TAs) relatadas por outros autores na obra de Busse (2004) estão a de Matarazzo (1992), que procurou estabelecer a ligação entre a personalidade histórica das Anas com o quadro característico de uma neurose de conversão, transformando o conflito emocional em sintoma físico. Autores como Kay e Leight (1954), Norris (1979) e Holden (1990) encontraram uma alta frequência para traços obsessivos na AN, com traços depressivos em face de altas taxas de letalidade (4 a 30%) e suicídio (5% nas Anas). E Cantwell (1977), em sua pesquisa sobre a AN e BN constatou que 50% das pacientes anoréxicas apresentavam quadro depressivo que se estende, em grande parte, a seus familiares.

“Bhadrinath (1990) afirma que a AN é muito rara na Ásia, em países árabes e na África, havendo pouquíssimos casos descritos, situação que o autor atribui ao fato de estes povos não valorizarem a silhueta esguia das mulheres” (BUSSE, 2004, p.49).

Willi (1990) relatou que houve um aumento acentuado de pacientes com AN nas classes mais elevadas no decorrer dos anos, conforme mostra o quadro abaixo:

Aumento de anorexia em classes mais favorecidas segundo Willi (1990) apud Busse (2004, p.50)	
1950 – 1958	50%
1963 – 1965	71%
1973 – 1975:	74%
1983 – 1985:	79%

De acordo com Busse (2004) a AN é uma doença multideterminada. Alguns estudos de outros pesquisadores apontados pelo autor indicam uma predisposição genética em seu desenvolvimento (CRISP, 1984, NOWLIN, 1983). “Estudos controlados encontraram indícios de que os familiares de 1º e 2º graus dos portadores de AN e BN têm maior risco de apresentar depressão, ansiedade e alcoolismo” (BUSSE, 2004, p.169). Por exemplo, a taxa de concordância entre gêmeos monozigóticos (mz) é de 56%; e a de gêmeos dizigóticos (dz) de 5% (Holland, Scotte e Treasure (1988)). Abaixo, a Borboleta Cíntia conta um episódio que ela presenciou em casa e suspeitou que sua mãe tivesse TA

assim como ela. Embora eu não tenha como tirar uma conclusão assertiva acerca do distúrbio alimentar que envolve Cíntia e, aparentemente, sua mãe, pode-se inferir que se a mãe da jovem possuir o transtorno pode haver uma relação genética nesse caso. Entretanto, Cíntia aparenta acreditar que a genética não interfere nesse caso porque julga que, ser a ana e/ou mia, é uma escolha de vida.

CÍNTIA: Vcs nao sabem!!!!!!!Eu acabei de pegar minha mãe VOMITANDO. Falsa pra caralho!

GLEyce: Como assim Cíntia?

CÍNTIA: Serio eu to aki me arrumando pra ir pra escola e ouço um barulho la fora onde fica o balde de lixo ai fui la ver o que era e adivinhaa?! Kkkkkkkk

GLEyce: Sua mae é mia????

CÍNTIA: Peguei ela vomitando! E ainda por cima levei uma bronca porque eu sou uma ANORÉXICA e que ela quer me levar no medico

GLEyce: Nossa hipocrisia come solto ne?! Kkkkkk

CÍNTIA: Mais ela veio com o papo que é por causa do esmago dela e tals nao deve ser mentira porque ela as veses tem refluxo nao sei.... acho que é verdade, ela nunca viraria mia.

(19 de setembro de 2014) <sup>24</sup>

No entanto, Busse (2004) afirma que, embora haja pesquisas nessa área, há muito que se descobrir da relação entre genética e anorexia nervosa devido ao amplo número de variáveis que podem interferir no processo e na avaliação das participantes.

## 2.2 ANA ME FAÇA PERFEITA

Ao começar minha jornada nos grupos pró-ana e pró-mia, minhas primeiras pré-noções eram de que se tratava de jovens mulheres que queriam manter a anorexia e a bulimia e por isso se relacionavam coletivamente por meio das redes sociais. Mas durante o convívio eu fui percebendo o que esses distúrbios alimentares realmente significavam algo para elas. Não se trata somente de uma doença ou estilo de vida como elas mesmas defendem. A anorexia e a bulimia são doenças, e elas têm conhecimento pleno sobre isso. Mas a Ana, não.

Embora seja uma abreviação carinhosa para anorexia, a Ana assumiu forma própria. Ela se tornou um sentimento forte que pode te levar tanto à destruição quanto à perfeição. As Borboletas, assim como percebi nos outros grupos em que estava, cultuavam a Ana como se fosse uma deusa superior e amiga, que só ajuda e opera milagres a quem se rende a ela. Por isso, orações à Ana são muito comuns com pedidos de que “não me abandone” e “me faça ser

<sup>24</sup> Durante a passagem das transcrições do texto do WhatsApp para a dissertação, procurei manter a fala das participantes na sua íntegra, no entanto algumas siglas e palavras precisaram ser transcritas de forma mais clara para facilitar o entendimento do leitor.

perfeita”, algumas vezes levadas em tom mais descontraído e outras vezes como se fosse um autêntico clamor.

LÍGIA: Não jaquei<sup>25</sup> ontem, não jacarei hj. Ngm jacará hj, não jacaremos hahahaha. Amém

MANU: Jaquei ontem e assim vai.... hj n jacarei • •

A Mia é uma espécie de auxiliar. Não chega a ter tanto poder quanto a Ana porque ela é fraca e permite atos de compulsão, mesmo que haja expurgação da comida posteriormente. Ao contrário da Ana que exige abstinência alimentar: se você não come, não tem como engordar. Por isso os grupos são mais conhecidos como comunidades pró-ana, devido à importância que ela tem na vida de quem a “segue”. Será a Ana quem ajudará na metamorfose de uma desprezível lagarta para que todos possam contemplar o esplendor de uma borboleta. Bem semelhante a um ritual pagão ou religioso, que busca a santidade ao abandonar os pecados, que tem o culto a Deus, o soberano, e seus auxiliares que depende de cada religião: profetas, santos, orixás, espíritos de luz ou de trevas que, assim como a Mia, não possuem tanto poder quanto o deus-rei, ou seja, a Ana. E dessa forma esse simbolismo ganha notoriedade e se dissemina com maior velocidade por meio da modernização de práticas de estratégias de comunicação como podemos ver no diálogo abaixo:

LÍVIA: Gente qq eu façooo estou muito longe da Ana. Vomitei o dia todo hj... Assim na vdd foi no almoço e 3 vezes a noite. Estou muiito triste.N consigo me controlar

TAYNARA: Faz as pazes com ele volta a ser amiga dela

DEBY: Tbm estou com dificuldade em manter o controle. Mas estou com esperanças

JÚLIA: Muitas coisas complicadas acontecendo, a Ana se afastou de mim

DEBY: Eu estou sentindo q a ana me chama. Tento muito ser ana tbm mas não consigo

MELISSA: Vou tomar banho e fazer exercícios. To precisando me alegrar

GLÍCIA: Eu ja rodei o mundo inteiro virtualmente em grupos, aprendi cada coisa, e vivi tbm. E hoje sei que A ana e como uma criança, vc da o “bico” depois tira...quanto mais vc da e tira mais obtem resultados.

JOSI: comi e miei. Acho que a mia ta me aceitando

LUANA: meu deus a ana ta sumindo aos poucos quero ela de novo

YARA: Miaa

LUANA: ja miei maas aos pouco eu vejo ki ela ta indo....

MÁRCIA: Tbm to perdendo a Ana

EMILY: Eu ja perdi...(8 de setembro de 2014).

E assim como há pecadores que não se acham dignos de entrar na igreja, há Borboletas que não se sentem dignas de estarem na comunidade justamente por não respeitarem a Ana e suas regras.

<sup>25</sup> Jaquei ou jacar é um ato de comer além do “permitido” durante um período de dieta.

MELISSA: Eu ja tinha medo de me entregar totalmente a ana agora pioro  
 RAFAELA: Eu já me entreguei  
 CÍNTIA: O foda é que agente nao consegue sair dessa merda ! Eu ja tentei varias vezes mais sempre volto  
 MELISSA: Vdd eu tbm ja tentei sair mas nao consigu nem fudendo  
 RAFAELA: Eu acredito q a Ana vai me ajudar a ficar bonita sim  
 CÍNTIA: eu tbm  
 MELISSA: Tbm acho isso. Eu quero me entregar mas moro de medoo  
 DEBY: Vou de 60 pra 80 brincando, emagreço e logo recupero. Isso me rendeu uma vergonha interna terrível. As vezes nem me sinto parte do grupo  
 NAYARA: Nuss Deby o grupo é pra apoiar, dar força. Não podemos deixar que nossas frustrações desviem nosso caminho a beleza perfeita!! (30 de abril de 2015).

O culto da Ana e Mia exige que os fieis se voltem exclusivamente para a “religião” a fim de superar a doença corporal. A comida seria uma espécie de contaminação, um poluente que só com a força da Ana poderia ser evitada e eliminada.

Um indivíduo que tenha atingido o grau mais alto tornar-se-á impuro se entrar em contato com um individuo que tenha atingido o grau intermédio e todo o contato com alguém em estado de impureza tornará impuros aqueles que tenham alcançado os graus superiores. Só se alcança o grau máximo de pureza através de um banho ritual (DOUGLAS, 2010, p.28).

Douglas (2010) citando Harper (1964) diz que o banho diário era absolutamente necessário aos brâmanes, tornando-se indispensável para realizar a adoração aos deuses. Da mesma forma, fazem as Anas com suas práticas e rotinas de culto ao corpo. A água é constantemente utilizada para lavar tanto o corpo por fora como para sustentar e retirar as impurezas internas do organismo.

“O acto de comer pode transmitir impurezas, mas é a maneira de comer que determina a sua intensidade” (HARPER apud DOUGLAS, 2010, p.153).

Segundo Douglas (2010), os povos contemporâneos evitam as impurezas por uma questão de higiene, e não por causa da religião. Além disso, nossas ideias de impureza estão ligadas a fatores patogênicos. Sujeira atrai bactérias, que por sua vez podem causar doenças. Já em relação aos povos primitivos, a impureza está relacionada à religião, como por exemplo os que seguem os ensinamentos de Moisés descritos no Velho Testamento, na Bíblia, no qual diz que comer carne de porco é um ato de impurificação do corpo, constituindo-se em um pecado. O porco era considerado um animal sujo<sup>26</sup> porque tinha as unhas fendidas e não ruminava, e pela crença de que ele poderia causar diversas doenças ao povo hebreu.

---

<sup>26</sup> Conforme Levíticos, 11, 4-7

A gordura é considerada impura para Anas e Mias, assim como os carboidratos, e todas que querem continuar consumindo-os também se tornam impuras e dignas de demonização. “Ignoramos ou deformamos os factos incômodos que se recusam a conformar ao esquema, para que não venham perturbar as nossas ideias preconcebidas” (DOUGLAS, 2010, p.31). E quase por uma questão de lógica, se elas odeiam tanto a gordura, não é de se admirar que elas detestem o fato de se sentirem gordas bem como criticam pessoas acima do peso.

A aversão aos gordos pode ser considerada um fenômeno recente que surgiu a partir dos anos de 1920 de acordo com Sant’Anna (2001). Anteriormente a essa época, gordura era sinônimo de formosura e não “ofuscava o charme de milhares de homens e mulheres dotados de ventres proeminentes, testemunhos de um certo prestígio social” (idem, p.20). Sant’Anna diz que inúmeras sociedades acolhiam os gordos com alegria e desconfiavam da magreza, que era lembrada como o sintoma de alguma doença. Porém, em meados do século XX os gordos “foram chamados a adotar sua gordura de alguma utilidade pública, transformando-a, por exemplo, em capacidade para o trabalho duro, ou um travesseiro acolhedor das lágrimas alheias (...)” (.21)

“Em sociedades que valorizam o risco e a leveza desprestigiando a prudência e o peso, a presença de elefantes de qualquer tonalidade (assim como os pesados e abundantes seres de qualquer raça) não é prevista nem desejada” (SANT’ANNA, 2001, p.21).

Na sociedade moderna contemporânea há uma disputa que ultrapassa o sistema simbólico que abrange “gordos” e espaço público. Ônibus, aeroportos, cinema, teatro, escolas, aviões, cadeiras, poltronas e até macas dos hospitais são feitos com medidas pré-estipuladas, não contemplando quem está acima do peso e, com isso, favorecendo pessoas mais magras e longilíneas.

“Em algumas culturas, dadas à apreciação da gordura, a magreza torna-se solidária ao antigo imaginário da limpeza, constituído pelo fascínio diante da transparência e o repúdio perante a acumulação” (SANT’ANNA, 2001, p.23).

Claude Fischler (1995) em “Obeso Benigno e Obeso Maligno” (apud SANT’ANNA, 1995) diferencia o bom e o mau obeso de acordo com as noções da sociedade. As pessoas mais arredondadas são tidas como sendo de fácil convívio, sendo mais amáveis do que as pessoas magras. No entanto ele destaca as tendências lipofóbicas a constante demonização da gordura

e a rejeição a obesidade por ela ser sinônimo de maus hábitos e doenças. Esses fatores mostram mais uma vez a rejeição e o temor pela obesidade sentido pelas Anas e Mias, constituindo-se numa forma delas lutarem contra a gordura e não se deixarem levar pela compulsão alimentar. Demonizando os gordos elas podem se manter magras ou continuar no caminho de busca da magreza.

A sociedade, dizia o nutricionista Jean Trémolières, cria obesos e não os tolera. Nos Estados Unidos, um grupo de defesa dos gordos constituiu-se há alguns anos. Sua presidente declarou à imprensa que, em seu país, “é mais duro ser gordo do que ser negro.” (SANT’ANNA, 1995, p.69).

O autor cita algumas pesquisas realizadas a partir dos anos de 1960, com meninos de 6 a 10 anos, sobre a percepção de crianças e adultos acima do peso os quais foram considerados trapaceiros, preguiçosos, sujos, maus, feios e bestas. Em relação às silhuetas esguias, o julgamento era feito com apreciações positivas.

Na maior parte dos países desenvolvidos, uma grande proporção da população sonha em ser magra, mas vive gorda e aparentemente sofre com essa contradição. Na França, em 1979, uma pesquisa indicava que 24% dos homens e 40% das mulheres consideravam-se muito gordos. De acordo com as diversas enquetes, realizadas a todo o momento, entre um quarto e um quinto da população está em regime. Na Itália, em 1976, 33% dos homens queriam emagrecer, contra 47% das mulheres; hoje eles são respectivamente 42% e 47% (FISCHLER, 1995, apud SANT’ANNA, 1995, p.70).

Para Fischler (1995), somos e não somos, ao mesmo tempo, lipófilos e/ou lipófobos na medida em que suspeitamos dos gordos. O paradoxo é criado por essa dupla ambivalência que mostra que, ao mesmo tempo em que julgamos os gordos por se apropriarem “mais do que sua parte” da riqueza social que é a comida, por não emagrecerem e se adequarem às normas, eles podem se redimir aceitando ocupar papéis sociais reservados a eles, como políticos, chefes de cozinha, relações públicas e lutadores de sumô.

“A jovialidade dos gordos era frequentemente suspeita de não ser mais do que uma fachada por trás da qual se dissimulava um sofrimento ou tristeza” (FISCHLER, 1995, apud SANT’ANNA, 1995, p.71).

Acerca da questão sobre se os gordos são vítimas ou culpados de sua situação física corporal, Fischler (1995) conta que a enquete realizada apontou que, na maior parte das vezes, eles são os únicos responsáveis por sua condição estética. “Em outros termos, eles são gordos, pensa-se porque comem muito e são incapazes de se controlar” (FISCHLER, apud SANT’ANNA, 1995, p.73).

Fischler (1995) diz que o obeso viola as regras sociais de divisão dos alimentos, ameaçando os próprios fundamentos da organização social. Em algumas sociedades, a divisão da comida simboliza a essência do vínculo social e o obeso estará rompendo com esse vínculo por não saber dividir, já que a comida é um bem finito. E eles são traídos por seu próprio corpo que indica que eles comeram mais do que a parte alimentar que lhes foi reservada. Por isso, é preciso restituir à coletividade de alguma forma esse excesso de comida “roubada” que se tornou peso corporal sendo por meio de papéis sociais específicos profissionais ou de brincalhão, extrovertido, bom ouvinte, conselheiro, amigável etc. “Na falta de força, o gordo pode restituir seu débito à sociedade sob a forma de espetáculo e de zombaria (exercida, na maior parte das vezes, em seu próprio detrimento)” (FISCHLER, 1995, apud SANT’ANNA, 1995, p.75).

MELISSA: Quando eu era criança eu a era a mais gorda, a da família a da escola a da rua. Eu era a amiga gorda simpática e ingrassada. Ainda sou. Todo mundo adorava mas ninguém queria mt perto

PÂMELA: Eu to melhor q antes mas ainda sou

SILVIA: Eu ainda sou. Os olhares dos seus “amgs” qd vc fala c/eles e eles estão perto d outras pessoas. era mt doloroso  
(23 de agosto de 2014)

A corrida rumo ao corpo perfeito é hoje uma maratona percorrida por Anas e Mias cujo pódio elas não conseguem ver. Trata-se de uma corrida infinita, pois não há limites para a conquista do corpo ideal, assim como não há como alcançar metas imaginárias que são autoimpostas de forma cada vez mais severas. O corpo tornou-se uma instigante fronteira que deve ser vencida, explorada e controlada, tendo por maior desafio o fim da gordura.

Dessa forma, embora elas tenham consciência dos males que advêm do processo de emagrecimento radical e acelerado, preferem se fechar em seus mundos para que não tenham que lidar com a realidade e fugirem de seus propósitos. Sua realidade agora é a virtual. E assim como na religião, onde geralmente a família decide qual será a fé da criança, as jovens que se denominam Anas verdadeiras acreditam que nasceram assim, ou seja, que a Ana sempre esteve presente em suas vidas e se manifesta no decorrer das situações.

Diante dessa convicção surgem as divergências com as *wannarexics* (WAs), que são mulheres que querem participar das comunidades de Anas e Mias para aprenderem a ser uma pró-ana ou pró-mia. Geralmente são pessoas que querem emagrecer e já tentaram de várias formas e

têm um objetivo específico na perda de peso. E isso nem sempre é tolerado pelas outras integrantes.

LÍVIA: Iniciante?? Kkk acho q ela tá pensando ainda Em começar

MELISSA: Neh kkkkkk

MARI: Ela disse que tem 35 anos

DEBY: Gente desculpa Mas como se pensa em começar anaemia? A gente nasce assim

PATI: Ne?

MARI: Eu virei “amiga da ana” por causa da Anahi e meu amor obsessivo por ela e pelo RBD. Eu acho que a questão é a seguinte, existem pessoas “pro ana” e pessoas com anorexia. A Jo tem anorexia e ela se acha gorda por mais que esteja magra. E pra ela a irmã da lo é gorda, pq magra é só thinspo que é só osso. quem é pro Ana pode achar a irmã da lo magra e ficar contente em ser igual ela. E tb não acho que a Jo vem aqui mostrar foto e falar que ta Gorda pra ganhar elogio e levantar a auto estima... Enfim

(17 de agosto de 2014)

As WAs ou *wannabes* podem ser repreendidas e/ou expulsas das comunidades porque não são todos que toleram pessoas que tentam ser o que não são. Nas Borboletas, essas ideias variam. Embora elas aceitem quem quer se transformar em uma ana, muitas acreditam que a verdadeira ana/mia já nasce com o distúrbio alimentar. Não é um processo “adquirido”. No entanto, há outra faceta do transtorno que permite essa inclusão das *wannarexics* pelas participantes: A anorexia, na visão delas, não é uma doença, é um estilo de vida. E estilo qualquer pessoa pode ter ou mudar, tornando-, nesse caso, a Ana uma escolha. Giddens (2002) define estilo de vida como

[...] estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade (GIDDENS, 2002, p.79).

Uma nova opção de vida alarmante e autodestrutiva. Se a anorexia pode ser desenvolvida graças a uma predisposição genética, hábitos culturais e pressões sociais também podem desencadeá-la. E a WA é o primeiro passo para estimular um comportamento destrutivo de autocontrole corporal para a conquista da perfeição. As WAs imitam o comportamento de quem tem TA. E o sucesso vem com a disciplina para se manterem tão finas quanto possível, com padrão alimentar fora do controle, enfrentando também dificuldades físicas, emocionais e psicológicas tanto quanto as Anas e Mias “de nascença”.

As sociedades complexas moderno-contemporâneas são constituídas e caracterizam-se por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados. A própria natureza da complexidade moderna está indissolúvelmente associada ao

mercado internacional cada vez mais onipresente, a uma permanente troca cultural através de migrações, viagens, encontros internacionais de todo o tipo, além de fenômenos da cultura e comunicação de massas (VELHO, 1999, p.38).

Segundo Velho, tensões e conflitos são comuns justamente por causa dessa complexidade. Baseado nas concepções de Schutz que define **projeto** como “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (VELHO, 1999, p.40), esses projetos são implementados e formulados dentro de um **campo de possibilidades**. Ambos os conceitos auxiliam na análise de trajetórias individuais como as da WAs.

A decisão de construir um corpo baseado numa ideologia provinda de um distúrbio alimentar encontra em sua rede de relações uma forma de disseminar a ideia e de concretizá-la, porque a transformação do indivíduo se dá dentro de um contexto e de forma individual. Assim como diz Velho (1999), o indivíduo aprende a mudar de papel segundo o contexto, como uma metamorfose.

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades (VELHO, 1999, p.47).

Para Goffman (1988), pessoas que têm estigmas e experiências semelhantes podem sofrer uma forma de ajustamento pessoal durante o processo de concepção do “eu”. Esse processo dá-se o nome de **carreira moral**. “Uma das fases desse processo de socialização é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma ideia geral do que significa possuir um estigma particular. Uma outra fase é aquela na qual ela aprende que possui um estigma particular e, dessa vez, detalhadamente, as consequências de possuí-lo” (GOFFMAN, 1988, p.30).

Com base nos estudos de Goffman (1988) pode-se apontar semelhanças na **carreira moral** de pessoas que têm o mesmo estigma. Quem é gorda por genética ou modos culturais sofre os mesmos preconceitos por causa de seu peso e são estigmatizadas por isso. Algumas pessoas podem ter Ana por predisposição genética, que nasceu com ela e simboliza a saída, a solução para alcançar a perfeição. Agora quem não a tem em seus genes, busca-a numa forma de vida, aprendendo a ser anoréxica, cultivando uma trajetória dentro de um **campo de possibilidades**

que o pró-ana oferece. Um projeto individual que ganha força em meio à coletividade no ciberespaço. Segundo Goffman, “junto aos seus iguais” elas se sentirão acolhidas.

Ao rever sua própria carreira moral, o estigmatizado pode escolher elaborar retrospectivamente as experiências que lhes permitem explicar a origem das crenças e práticas que ele agora adota em relação aos seus iguais e aos normais (GOFFMAN, 1988, p.36).

Parte das meninas que querem ter anorexia tem objetivos específicos que envolvem o emagrecimento como ficar parecida com alguma artista (thinspo), vestir um jeans 36, agradar à família (principalmente à mãe), participar de uma festa importante, conquistar um namorado. São desejos de emagrecer que nem sempre querem estender para toda a vida porque são ações pontuais, ao contrário de quem realmente tem o distúrbio alimentar.

Os transtornos alimentares que têm por base alcançar a beleza se iniciam com a insatisfação do peso corporal, que motiva as condutas e experiências com que as pessoas passam a ter com o próprio corpo, como numa forma de corrigir um defeito na aparência, como percebi no Borboletas. Assim, as comunidades pró-ana s são fortalecidas por esses padrões de pensamentos que as fazem militar em prol do próprio corpo e do corpo de suas companheiras, oferecendo estímulos e apoio emocional para que consigam alcançar a perfeição desejada. Em suma, Anas e Mias querem conquistar coletivamente um maravilhoso lugar no mundo reservados às mulheres magras, como se pode notar nas transcrições abaixo em que a magreza muitas vezes está diretamente relacionada ao sucesso, à beleza, à liberdade e à felicidade:

Hoje falaram que estou magra. So isso pra mim alegrar (Melissa) (14 de agosto de 2014).

Olhe a sua volta, quem tem mais amigos? As magras e os magros certo? Então torne-se eles! (Liliane) (21 de dezembro de 2014).

Eu sei q na formatura da minha faculdade eu vou estar linda, magra e lacradora (Stela) (23 de dezembro de 2014).

Torcendo pra passar em medicina que ai vou ser 1. Médica 2. Rica 3. Magra (Sasha) (23 de dezembro de 2014).

CAROL: Uma vez um casal amgs da minha mae vieram aq em casa só pra falar q eu tava magra demais e precisava engordar, quase mandei irem se foder, cada um faz o q quiser da vida oras

MARI: Verdade, se tu ta bem assim não liga pros outros

PAULINA: O q importa borboleta é nossos ossinhos (16 de agosto de 2014).

PATI: Vc ta magra!

SIMONE: E vc ta magra. Ta super liinda

MARI: Nooossaaaaa, que linda! Meu sonho ser assim

CAROL: Obrigada meninas. Preciso chegar nos meus 38 loogo

MARI: Ta magra e linda

MELISSA: Lindas vooxs e magras (17 de agosto de 2014).

PRISCILA: Ontem minha amiga disse assim pra mim amo essa gordinha

DEBY: Hello

SIMONE: Nossa

PRISCILA: Me senti pra baixo. Ela é tão magra (20 de agosto de 2014).

Hoje eu vi uma menina super magra, ela estava com um vestidinho branco lindo, as costas do vestido era aberta e dava pra ver os ossos dela. Me inspirei, mês que vem entro na academia tbm (Lari) (20 de agosto de 2014).

Eu preciso ta magra até dia 13. Se vcs me derem apoio e começarem comigo. Vou fazer 16 (anos) em novembro e espero tar magra até lá pra fz uma festa na piscina e usar biquíni (Pâmela) (22 de agosto de 2014).

PATI: Nao acredite no que te disseram! Vc ta magra!

SIMONE: E vc ta magra. Ta super linda (17 de agosto de 2014)

Hj fui almoçar com a Minha mãe dia encontramos meu tio que não vejo a tempos. Dai ele disse que eu tava magra e eu agradeci. Ele disse que não era pra agradecer, era pra engordar (Lígia) (20 de agosto de 204).

Voox e magra tay e minha thispo (Melissa) (22 de agosto de 2014).

To mandando imagens de meninas magras para alegrar e dar expiração em vocês (Priscila) (23 de agosto de 2014).

DEBY: Queria poder me vestir como uma menina magra

MELISSA: Duuas. Eu amo estilo swag quando eu ficar magra vou ficar no estilo swag. Eu uso quase nada de swag porque estou gorda mas quando estiver magra e linda vou usar tudo swag (28 de agosto de 2014).

Meninas fui em uma festa domingo cara me senti tão mal minhas amigas magra e lindas e eu obesa (Malu) (2 de setembro de 2014).

Linda Karol. Magra e alta (Deby) (14 de setembro de 2014).

Fico olhando o quanto as magras são felizes despreocupadas e naturalmente sexy. Eu quero isso pra mim (Deby) (30 de abril de 2015).

DEBY: Meu corpo está uma bagunça. Controle é tão difícil

GINA: Meu tbm... Deby é difícil mas ser magra linda e perfeita não é fácil senão todas seriam... Só as fortes vencem... E vc é forte (12 de maio de 2015).

Mas o que a Ju falou tem sentido, algumas meninas das fotos devem ter feitos processos para emagrecer. Mas quero ficar magra, mesmo com pele, quero colocar uma roupa e me sentir bem (Cláudia) (1º de junho de 2015).

E é horrível ainda mais quando vc tem uma irmã magra!!!! Magra e bonita!!! (Miriam) (17 de junho de 2015).

Queria poder aguentar vários dias sem comer, não é isso q o povo quer, então eu faço, eu fico magra só pra passar na cara deles q eu consigo q eu não sou fraca como eles pensam (Catarina) (29 de dezembro de 2014).

Assim comigo também, as pessoas sabem que eu tenho disformia, e tipo, eu engordo dois quilos, já falam 'vc deu uma engordada, né? Mas tá mais bonita', cara não importa se eu fiquei melhor ou não com alguns quilos a mais, se dá pra perceber eu já fico mais paranoica ainda, eu não me importo de não parecer saudável, desde que eu esteja magra (Abigail) (29 de dezembro de 2014).

Quero poder emagrecer e levar uma vida linda e magra (Fabi) (17 de março de 2015).

A noção de corpo é um conceito socialmente construído, podendo abranger vários campos semânticos. Para Le Breton (2012), o corpo está compreendido dentro da trama social de sentidos, não existindo em seu estado natural. “Sempre resta o imaginário social para retomar aquilo que escapa provisoriamente ao controle social” (LE BRETON, 2012, p.33).

O corpo é uma forma de comunicação, que vive em constante produção de sentidos e de transmissão de sinais, não devendo ser reduzido somente ao campo biológico. As integrantes do Borboletas se sentem encarceradas num corpo que não reconhecem como sendo seu, num corpo que não aceitam, num corpo a que precisam urgentemente dar adeus. Seus corpos são os que as separam do mundo em que vivem e do mundo perfeito onde serão felizes e realizadas. E é por meio da Ana e da Mia que ocorrerá essa ruptura com o corpo que se tem para ter o corpo que se deseja.

Nao aguento mas essa vida eu nao sou feliz nao consigo ser alegre e nada nao consigo ser bonita nao consigo ser magra eu fico aqui no shop e passa cada mulheres linda magras e bela e eu nao (Melissa) (11 de setembro de 2014).

PÂMELA: E tão bom quando eu penso q já perdi 13 kg eu fui forte  
SILVIA: Olhar o próprio reflexo não deveria ser tão difícil e doloroso deveria ser apenas olhar-se  
PÂMELA: Já consegui perde mt peso. Mas nunca consegui ser magra de verdade (23 de agosto de 2014).

Cara eu desejo seu corpo, eu vou chegar nisso até novembro (Pâmela) (22 de agosto de 2014).

Vcs tem sugestão de alguma make diva ? Se tiverem mandem ft. A festa e sábado preciso tar pelo menos com a cara linda. Já q o corpo ta q nem de baleia (Bruna) (10 de setembro de 2014).

Segundo Le Breton (2012) há condicionantes sociais e culturais que são responsáveis por modelar a corporeidade humana. Neste caso, posso citar a mídia como sendo uma das principais condicionantes que atua com vigor dentro das sociedades complexas. E ela trabalha de modo reflexivo: ao mesmo tempo em que lança um artista com o corpo perfeito influenciando várias garotas de diversas culturas dentro do mundo ocidental, ela faz com que essas “thinspos” permaneçam com o corpo “perfeito”, mesmo que elas queiram mudá-lo. Do contrário, sanções podem acontecer atingindo sua imagem de forma negativa dentro da rede de comunicação.

Em sociedades que permanecem relativamente tradicionais e comunitárias, o “corpo” é o elemento de ligação da energia coletiva e, através dele, cada homem é incluído no seio do grupo. Ao contrário, em sociedades individualistas, o corpo é o elemento que interrompe, o elemento que marca os limites da pessoa, isto é, lá onde começa e acaba a presença do indivíduo (LE BRETON, 2012, p.30).

Em outras palavras, para Le Breton o corpo da sociedade moderna é uma forma de se auto aprisionar devido ao advento do individualismo e da perda das tradições comunitárias. O autor ressalta a importância da diferenciação do corpo da medicina e biologia para o corpo socialmente construído, repleto de manifestações simbólicas. A cultura exerce um fator determinante, sendo as variabilidades culturais dos grupos e a influência histórica importantes fatores para entender esses corpos como uma produção genealógica resultante do imaginário social. “A sociologia aplicada ao corpo distancia-se das asserções médicas que desprezam as dimensões pessoal, social e cultural nas percepções do corpo” (LE BRETON, 2012, p.34).

A demonização da gordura ocorre justamente porque ela está representada de forma negativa no imaginário da sociedade. O controle social não dá conta de abranger as pessoas gordas e por isso elas precisam estar magras, como uma forma de homogeneização e uniformização de determinado grupo. Assim, é por meio desse controle social que exalta a magreza que as sociedades ocidentais capitalistas conseguem reduzir gastos na produção de produtos como vestuário. Com uma maior uniformização, é mais fácil estimular o consumo, a produção em escala e a padronização de determinados costumes que serão facilmente encontrados no comércio. E é nesse contexto que as Anas e Mias buscam legitimar o corpo anoréxico como

sendo o único corpo possível capaz de trazer felicidade e realização, desconsiderando as condições genéticas e influências culturais.

Várias Anas e Mias pertencem a diferentes grupos pró-anas e alguns deles às vezes eles são formados por praticamente as mesmas meninas. Nos 14 grupos em que fui adicionada percebi que a maioria das integrantes se denominava Ana, por uma homenagem ao distúrbio, e que os grupos exerciam papéis bem parecidos uns dos outros: estimular à pró-anorexia e pró-bulimia. Elas participavam de outros grupos em busca de apoio integral, mas vários deles se desfizeram por falta de diálogo constante entre as “anemias”, como elas também se denominam. Para elas, a força que uma precisa dar à outra tem que ser oferecida a todo o instante, e não postar mensagens de forma irregular uma vez ou outra, como será mostrado mais adiante.

No entanto, no decorrer da pesquisa, descobri que existiam como se fossem subgrupos para fins mais específicos da pró-anorexia, como o grupo das Thinspos, que era somente para publicação de imagem de mulheres com corpos anoréxicos, e o grupo dos Ossinhos, que são das meninas, incluindo as Borboletas, que desejavam chegar à magreza excessiva. A intenção desse último subgrupo era divulgar fotos das participantes ou de outras meninas, mostrando os ossos corporais. Para elas, essa fase considerada mais crítica da anorexia era a mais admirada justamente por causa da beleza dos ossos.

PAULINA: Gnt colokei as duas la no ossinhos  
 CAROL: Essa ana julia acabou de entrar em outro grupo q eu to  
 LÍGIA: Ossinhos?  
 MELISSA: Isso aii Paulina. Quero entrar no ossinhos tbm  
 LÍGIA: Ngm me chamou pra esse haha. Fui excluída haha  
 CAROL: Ossinhos  
 MELISSA: Nem eu  
 PAULINA: E vcs n tao no ossinhos n?  
 LÍGIA: Eu não  
 MELISSA: Quero entrar tbm  
 (19 de agosto de 2014).

Como percebe-se com o depoimento acima, as mesmas meninas que frequentam o Borboletas querem fazer parte de outro grupo, o Ossinhos. O encantamento exercido por deixar os ossos do corpo de forma evidente faz parte do imaginário da maior parte das Borboletas. Ter seus ossos cobertos apenas sobre a fina pele do corpo demonstra o grau de determinação ao qual elas conseguiriam chegar e que muitas conseguem quando estão no ápice da anorexia. Quando os ossos ficam aparentes, quer dizer que elas conseguiram vencer a gordura para

enfim se exporem. E dessa forma é construído o que poderia ser o ideal de corpo perfeito no grupo das Borboletas, se assimilando ao padrão da alta costura. “Prefiro ossos ao extremo” (Simone) (19 de setembro de 2014).

PÂMELA: Cara eu desejo seu corpo. Eu vou chegar nisso até novembro

ROSA: O meu kk ?

PÂMELA: Mt melhor q o meu. A sua barriga e retinha só quero mais ossos

JOANA: Né? linda

MELISSA: Perfeita. tem que ver ela de perto o bracinho amo ficar alisando o ossinho dela (22 de agosto de 2014).

Entretanto, esse perfil não é o buscado pela totalidade das Anas e Mias. Há uma diferença um tanto velada quando elas falam do que seria, para elas, o corpo ideal. Além das “adoradoras de ossinhos”, como elas às vezes se autodenominam, consegui identificar outras noções de corpo perfeito para as Borboletas justamente em uma das conversas que elas tiveram sobre esse assunto.

Ter a barriga negativa e se sentar sem que ela se dobre é um desejo unânime, por isso os exercícios de abdominais são frequentes durante as punições e práticas de atividades físicas. Ter braços, pescoço e cintura fina também é pré-requisito para a perfeição. As semelhanças também estão nas frases que dizem constantemente ao manifestarem o desejo de “serem thinspo algum dia”, ou seja, magras, desejadas e perfeitas. “Quero que a sociedade me chame de linda” (Deby) (19 de setembro de 2014).

Já as discordâncias aparecem em partes específicas do corpo. Embora todas queiram ser muito magras, existem aquelas que querem ter coxas mais arredondadas, bumbum pequeno e definido e seios médios. É o que elas chamam de ser magra e gostosa.

De acordo com Gabbard (1992 apud BUSSE, 2004), Anas e Mias querem continuar sendo meninas e tendo corpos com contornos infantis como uma forma de renúncia da sexualidade. Na visão do autor, o corpo das anoréxicas não pertence a elas mesmas, não fazendo parte de seu self, havendo uma perda da individualidade dessas garotas. O self pertence a seus pais e por isso elas passam boa parte de suas vidas encontrando formas de agradá-los. Durante a adolescência, a falta de controle sobre o corpo gera uma revolta. A partir disso, elas passam a procurar o self perdido como se fosse uma forma de auto cura. Por meio de dietas, regimes e

abstenções de comida elas procuram ter domínio de si mesmas e transferem toda a ansiedade, estresse e frustração para sua relação com o corpo, com a comida e com a sociedade.

O entendimento psicodinâmico das Anas e Mias, para Gabbard (1992), pode ser exposto em seis partes:

- 1) Tentativa exagerada de ser única e especial;
- 2) Ataque ao falso sentido do self incentivado pelas expectativas dos pais;
- 3) Afirmação de um self verdadeiro nascente;
- 4) Ataque ao introjeto maternal hostil, visto como equivalente ao corpo;
- 5) Defesa contra a veracidade e desejo;
- 6) Esforço para fazer os outros se sentirem ávidos e desamparados no lugar do paciente.

Para Ajuriaguerra (1976 apud BUSSE, 2004), na AN há uma negação da fase adulta feminina no que se refere aos corpos, como o medo da gravidez por não querer ver a barriga crescer. Schulte (1981) esclarece que as Anas evitam tomarem formas adultas e por isso se estimulam a ter um corpo emagrecido, que aparenta feições de meninas, de crianças.

Segundo os autores supracitados, a negação da forma adulta é uma forma de Anas e Mias se manterem seres assexuados, evitando apresentar contornos arredondados de seus corpos, se afastando da figura de suas mães. “Os conflitos existentes entre mãe e filha mobilizariam a anoréxica a não introjetar a figura feminina adulta (mãe), vista como negativa, e o desejo de não copiá-la” (SHULTE, 1981, apud BUSSE, 2004, p.54). Para Dowling (1988) é na adolescência que a jovem entra em uma crise existencial por começar a se sentir “exageradamente envolvida pela mãe”.

“A medida em que seu corpo adquire os contornos inconfundivelmente femininos, diz a Dra. Rosenbaun, ‘o medo e a atração da identidade com a mãe primitiva vem mais uma vez à tona’” (DOWLING 1988, p.90).

De acordo Dowling (1988), é na puberdade que acontece a real separação entre mãe e filha e é justamente no momento em que seus corpos tomam contornos similares. Voltar a ter um corpo infantil é se afastar desse imaginário de corpo materno, como uma forma de negação do envelhecimento, da maturação. Há uma ruptura nos vínculos maternos e as individualidades são assumidas. Para a autora, o esforço da filha para se separar da identificação com a mãe

pode ser, além de dramático, até autodestrutivo. Ela relata um caso de uma jovem de 14 anos tinha um pavor tão intenso em se parecer com a mãe que ela começou a passar fome, desenvolvendo a anorexia numa tentativa de que seu corpo voltasse à infância.

Oscilando violentamente entre a obesidade e a magreza anoréxica, a menina havia transformado o corpo num campo de batalha, onde lutava para se libertar do poder materno. “Desde que eu não me pareça com minha mãe, está tudo bem”, disse a menina à Dr<sup>a</sup>.Rosenbaum (DOWLING, 1988, p.90).

A autora explica que esse medo e essa recusa com o novo corpo ocorre devido a um estranhamento que nem todas as jovens estão preparadas para passar por essa metamorfose. Ela passa a perder um corpo que lhe era familiar e adquire outro com novas formas de “funcionamento”, com uma perda do seu “antigo eu”. Para Anas e Mias, tão seduzidas pelo desejo de chegar à ilusão da perfeição corporal, adquirir contornos e formas arredondadas pode se transformar em algo traumático que precisa ser combatido. Inconscientemente, uma das formas é tentar voltar ao corpo infantil por meio dos distúrbios alimentares, que lhes darão uma magreza absoluta e um perfil que não seja curvilíneo, como geralmente são os de suas mães.

Depois de conversar com um grande número de mulheres de vinte e poucos anos, pude perceber que essa geração está confusa quanto ao seu relacionamento com as mães – de uma forma profunda e dolorosa. Seus sentimentos refletem uma combinação melancólica de orgulho e decepção; orgulho ao verem o esforço da mãe para sair da concha e decepção ao constatarem que ela não é “tão liberada” quanto gostaria de ser (DOWLING, 1988, p.34).

Problemas com as mães são compartilhados com relativa frequência no Borboletas. Muitas das integrantes acusam suas mães serem as propulsoras do transtorno, demonstrando uma carência materna muito grande. Outras dizem que as próprias mães as incentivam a ter a ana e/ou mia quando as comparam com alguma outra jovem que esteja magra. Parentes e amigos próximos também são apontados como culpados por elas terem distúrbio alimentar. Agora, em relação à figura paterna, quase não é comentada, a não ser por assuntos que envolvem outros temas como “meu pai me levou na escola” ou “vou sair com meu pai”. A mãe aparece como a grande vilã, como mostram os depoimentos a seguir.

Eu sofria bullying na escola e um pouco d minha mãe, ele queria que eu fosse bailarina e como a minha estrutura não permitiu ela ficou muito puta e começou a descontar em mim ai descobri a ana e a mia (Nina) (15 de setembro de 2014).

Td isso e culpa da minha mãe , amo ela , mas quando eu era criança com 12 anos pesava 73 kg hj com 15 peso 60 e tenho 1,70 de altura minha meta e 45 kg , minha mãe jogava na minha cara q minha primas eram mais bonitas q tinha vergonha de sair cmg, Q eu era feia , e que ela preferia levar a afilhada dela no salão d beleza pq a afilhada era magra e bonita e eu era gorda. Ela não gostava de me mostrar. Daí quando viu q eu to paranóica pra emagrecer fica querendo me forçar a comer (Pâmela) (23 de agosto de 2014).

Outras situações que mostram a revolta das meninas com a mães são nos casos em que a figura materna começa a prestar mais atenção ao comportamento da filha, dificultando as práticas de “miar” (vomitar) e de jejum, ou por chamar a atenção delas por algum outro motivo. Nesse caso, as Anas e Mias passam a acusar as mães de impedir que elas tenham o corpo que sonham.

Cara ta tudo dando errado não to conseguindo mais miar.  
Minha mãe não sai do meu pé. To com nojo de mim Mesma  
(Pâmela) (23 de agosto de 2014).

Que ódio. Era pra eu ta com uns 57.5 hj. Ontem eu tava com 57.8 Só que ontem minha mãe me estressou mto mto mto e eu ataquei uma lata de leite condensado e nem deu pra vomitar. To com 58.2 (Lígia) (18 de setembro de 2014).

Geente eu acabei de miar e ouvi um barulho , quando sai so banheiro minha mae tava atrás da porta ouvindo mais ela nao disse nada porq nem deu tempo eu fiz uma cara de ódio e passei por ela sem falar nada e bati a porta do meu quarto ! Ela me irritou de verdade .. Agora ela sabe que eu mio (Cíntia) (19 de setembro de 2014).

Os problemas com as mães surgem a todo o instante, mas no Borboletas não são todas que desconhecem os transtornos alimentares (TAs) das jovens. Por muitas mães trabalharem fora ou se ocuparem de outros afazeres, Anas e Mias buscam formas de esconder a doença o máximo de tempo que puderem. No entanto, há mães que “preferem” ignorar ou não levar a questão com tanta seriedade. Para Dowling (1988), as mães negam os TAs de suas filhas por temerem não exercer mais controle sobre elas e se recusam a reconhecer que suas meninas estão dominadas por uma compulsão pela magreza.

Eu convido até minha mãe pra fazer as dietas comigo, ela me apoia, e disse que vai compra um shake pra mim. Claro, minha mãe não sabe da Ana e da Mia, mas me apoia em todas as dietas (Mari) (28 de agosto de 2014).

Sábado minha mãe disse q to seca w q se eu tiver doente ela me interna ou mata com as próprias mãos! Ai eu ri e falei q comia até passar mal...Menti!!!! (Gina) (17 de setembro de 2014).

Minha mae falando aki que eu vou ficar com anemia se eu continuar ficar assim sem comer e nao ta parando mais (Cíntia) (15 de setembro de 2014).

Meninas vou sair do grupo pois minha mãe viu e está brigando logo voltarei com o celular e se a Deby autorizar estarei aqui (Tamires) (6 de setembro de 2014).

Os conflitos existentes entre as jovens mulheres com suas mães versus transtorno alimentar se ampliam quando as próprias Anas e Mias se tornam progenitoras. Porém, nesse caso elas vivem num dilema que as aflige constantemente no grupo das Borboletas, causando um grande sofrimento: o fato de ter que comer para amamentar o filho. Uma das jovens que acompanhei decidiu largar a ana por colocar seu filho como prioridade. Outra, com três crianças, assumia a “ana” no intervalo de uma criança e outra. Já o caso de Gina demonstra toda a angústia em ter que cuidar da criança, que está doente, e precisa reforçar a amamentação. E, mesmo que suas companheiras de comunidade saibam o quanto que é importante para elas o emagrecimento, algumas demonstraram compreensão nesse quesito e acharam uma forma de incentivá-la: se ela amamentar, ela emagrece.

LÍGIA: Gina pelo menos até acabar de amamentar pensa na saúde do seu filho. Ele é um bebê que precisa de vc e que não tem nada a ver com seus problemas, com vc se sentir mal com seu corpo.

GINA: Lígia, está além de mim eu juro!

LÍGIA: Eu sei que é mto difícil comer, eu sei que da vontade de chorar, de sumir, de morrer. Eu sei que “engordar” é a pior palavra do mundo, mas agora tenta superar tudo isso e descer comida goela a baixo pelo seu filho

GINA: Se eu tomo água já passo mal. Tenho comido forçada por ele pelo amor q tenho por ele

VIVI: Tem que amamentar mesmo...

GINA: Num sei se engordei ou to inchada pq daki a uns dias fico menstruada

DEBY: Amamentar ajuda a não engordar. Pelo menos eu Não era tão baleia

VIVI: Quanto mais o bebe mama, mais a mae emagrece! E uma beleza!

(17 de setembro de 2014).

### 2.3 A REDE DAS BORBOLETAS

Assim como dizia Aristóteles, o homem é um ser social e político e precisa estar em interação com outros seres humanos a fim de se alcance sua plenitude, vivendo em ação recíproca com os demais. Para Simmel (1983), os homens se unem em sociações sejam elas econômicas, políticas, religiosas, irmandades ou mesmo criminosas por terem necessidades e interesses específicos e um sentimento de sociação e pela satisfação provinda disso. Para que ocorra uma sociação, é preciso que haja uma interação de, no mínimo, duas pessoas, sendo considerados fatores de sociação somente quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados, ou seja, uma associação, “em meios específicos de ser com e para um

outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação” (SIMMEL, 1983,p.166).

Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas (SIMMEL, 1983, p.166).

Sobre a sociabilidade, Simmel (1983) explica que devido ao alto grau de interação, ela faz com que os seres humanos se tornem mais tolerantes em renunciar certas formas de pensar e\ou agir para encontrar uma unidade, numa busca em se tornar socialmente igual: “(...) a sociabilidade demanda o mais puro, o mais transparente, o mais eventualmente atraente tipo de interação, a interação entre iguais.” (SIMMEL, 1983, p.173).

Uma grande demonstração de sociabilidade on-line é expressar seus sentimentos com atores desconhecidos no mundo off-line. E isso acontece com bastante frequência no Borboletas. Assim como Mauss (1921) abordou na obra “A expressão obrigatória dos sentimentos”, essas manifestações sentimentais são feitas de forma espontânea, demonstrando certa confiança nas participantes do grupo, que desenvolveram um grau de interação capaz de criar laços profundos como uma amizade em tom confidencial.

O nível de intimidade entre as participantes é altíssimo. Elas não têm receio em expor nada que faça parte de sua vida íntima e a sociabilidade criada por elas no Borboletas é feita de forma intensiva. São amigas que elas julgam verdadeiras por só elas entenderem umas às outras. E por estarem conectadas pelo celular praticamente o dia todo todos os dias, os vínculos formados se tornam mais fortes, gerando uma amizade na rede virtual que aparenta até superar a do universo off-line.

Para Le Breton (2012), sentimentos como a amizade são ritualmente construídos, organizados e significativos, tendo a confiança como pré-requisito para uma boa relação de amizade. E essas expressões de sentimentos on-line podem ser manifestadas tanto por palavras, com apelidos afetivos e também por uso de imagens como os *emoticons*. Esses estímulos são recebidos no grupo de forma amistosa, sensível e por vezes agressiva para com quem feriu a Ana (distúrbio alimentar) ou a alguma participante. As demonstrações de afeto e emoções virtuais são realizadas constantemente e fazem parte do cotidiano de quem participa das

comunidades on-line, revelando muitas vezes uma maior confiança nas amizades “virtuais” do que nas do mundo real.

PÂMELA: Meninas me ajudem. Cara minha vida ta um caos, Minha melhor amiga descobriu tudo. Disse q vai ligar pra minha mãe e contar. E ainda ta botando a culpa na minha segunda melhor amiga q também e ana e mia. O que eu faço?

CÍNTIA: Misericórdia! Se nao sabe de nenhum podre dela ? Sei la ! Nem eu sei o que eu faria, ameaçar ela ja que ela ta disposta a contar pra sua mae nao sei. Como ela descobriu?

GIOVANNA: Caramba! Faz chantagem com ela, fala que nunca fala com ela. Faz mo escândalo . Sei lá.

RAFAELA: Se ela falar pra sua mãe desmente diz q ela deve ta achando isso pq vctava com estômago ruim nos últimos dias.

CÍNTIA: Isso! Boa desculpa  
(17 de setembro de 2014).

Em outras palavras, a sociabilidade seria a valorização da sociação pelos indivíduos, num grau maior de interação. Simmel (1983) diz que todas as formas de interação ou sociação entre os humanos são chamadas de “jogo social”. Dessa forma, observei no grupo das “Borboletas” que elas exigiam das participantes muito mais do que uma sociação ou associação. A sociabilidade entre elas é fundamental para a constituição da comunidade na medida em que fortaleciam a causa.

A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral de interação. A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual realizam seus interesses (SIMMEL, 1983, p. 60).

As diversas formas de se relacionar podem ser, por exemplo, por meio do conflito, harmonia, autoridade, subordinação, segregação ou aproximação. No entanto, os interesses emanados das sociações parecem surgir de instintos ou impulsos individuais. Da mesma forma que a sociedade (SIMMEL, 1983), os grupos pró-ana s só são possíveis pela existência de formas de sociação, pois as participantes se agrupam em comunidades para satisfazerem seus interesses. E são as interações que promovem a união da comunidade e, conseqüente, constroem sua sociabilidade.

No Borboletas, o grande nível de interatividades entre as Anas e Mias cria laços sociais muito fortes e um sentimento de solidariedade e amizade intensos. Para essas meninas, como disse anteriormente, o grupo é uma espécie de fuga do mundo real, que as discrimina por serem “gordas”, do seu próprio universo psicológico, que faz com que não se aceitem como são, além de ser um lugar de encontro de amigas, onde a compreensão e o estímulo a seguir seus

sonhos estão presentes nas falas das integrantes. A comunidade virtual passa a ser um lugar de cooperação e acolhimento diante dos problemas consequentes do distúrbio alimentar. Porém, desentendimentos também acontecem e os conflitos não são raros. Desrespeitar uma Borboleta ou ofender alguém com a qual elas têm certa estima pode se transformar numa discussão com a saída voluntária ou forçada da participante, além da revolta das demais. E as Anas e Mias parecem ter mais liberdade em falar o que pensam via rede social do que se fosse no mundo off-line. Mas a harmonia do grupo sempre é estimulada.

CLÁUDIA: Pelo menos ela não é doente como vc Josi

JOSI: Cláudia, voce é ridícula, diz ser ana, mas chama os outros de doente, repensa seus conceitos

(JOSI saiu)

MELISSA: Que ridículo Josi

CIBELE: não entendi qual foi a da Jo. Chamou a menina de gorda, e ainda acha ruim

CAROL: Jo foi errada em chamar os outros de gorda desse jeito ate pq nós sabemos como é ruim ser chamada assim ne

MARI: As duas estão erradas, Jo não devia ter chamado a menina de gorda e Claudia não devia ter chamado a Jo de doente! Meninas, não podemos brigar aqui

CLÁUDIA: Eu fico mega feliz com 1 kilo perdido, e vejo aqui que tem meninas assim tbm, eu sei que tem dias que nos sentimos mal, um lixo, mas com ela é sempre sempre e sempre. Mas não queria causar tumulto aqui. Desculpe meninas.

CIBELE: é verdadee. Ela vive mandando fit falando que conseguiu emagrecer num sei quantos quilos ai fica falando que ta obesa e blablabla. Acho que não precisava disso. Mas enfim, ela saiu

CLÁUDIA: Mas gnt, a Jo sabe o quanto ela é forte, eu super acho ela linda, mas ultimamente, isso tem me enchido dela ficar implorando atenção aqui. Não sou seguidora dela p/ falar a cada minuto que ela da ótima.

GINA: Kkkkkk Pau quebro aki hein?!

CLÁUDIA: Mas enfim ne, chega desse assunto massante. Quero ver o que a Deby vai achar da Claudia barraqueira aqui kkkkk

ELISA: Achei ridícula vocês...enquanto A Jo tava aki vcs não falavam nada só foi ela sair pra vcs descerem o pau ...isso é falsidade e outra em primeiro lugar se sua irmã é gorda impossível xamar ela d magra e vc xamar ela d doente...vc tinha q sair desse grupo pq aki todas somos ana e ou mia ... Pq vc se engana axando q é

MANU: An?? Ta falando com quem Elisa?

ELISA: E não estou defendendo a Jo...eu gosto dela mas não é por esse motivo mas é pq odeio hipocrisia e vc é uma

MELISSA: Não fui falsa não Elisa, sempre falei isso pra ela e na cara dela

CAROL: Gente isso já passou esquece isso porra pra q tomar as dores dos outros agr? O assunto já encerrou

CAROL: Hipocrisia é vc falar de hipocrisia e não saber nem escrever a palavra ne amiga

MELISSA: Eu entendo a Claudia por que a Jo chamou a irmã dela de gorda

CIBELE: Oxe. Põe ela no grupo que a gnt fala então. Todo mundo aq é ana ou mia sim, mas não precisa ficar chamando ngm de gorda. Vc ia gostar de mandar uma fit e alguém falar que vc tava gorda ?

Claudia não tem que sair de grupo nenhum. Se vc está incomodada, pega e sai vc.

MELISSA: E se voos tiver falando que eu que sou a hipócrita fique sabendo que não sou tá

CLÁUDIA: Ai gnt, não queria causar tanta polemica assim pqp

DEBY: Mas se vocês querem saber mesmo eu estava cansada da miss Jo pegar as MINHAS BORBOLETAS e colocar no grupo dela. Pronto falei (22 de agosto de 2014).

Além da confusão sobre ter chamado alguém de “gorda” e “doente”, outro conflito também é notado no final da conversa uma das líderes do Borboletas e criadora grupo, a Deby, se pronunciou acerca de uma participante convidar as outras Anas e Mias do Borboletas para participarem de outro grupo pró-anorexia, demonstrando muito desconforto com isso. Segundo Simmel (1983), toda interação é uma forma de sociação, sendo o conflito uma das mais enérgicas formas de interação, negando a unidade do grupo. Porém, para o autor, é comum que existam formas de desarmonização dentro de um conjunto porque é isso que o torna real.

“Um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma ‘união pura’ (*Vereinigung*) não só é empiricamente irreal, como não poderia mostrar um processo de vida real” (SIMMEL, 1983, p.124).

Dessa forma, Simmel (1983) explica que uma sociedade é formada por categorias de interação, não sendo constituída apenas de forças positivas. Porém os fatores negativos existentes não podem atrapalhar a constituição do grupo. E para o autor, as associações com menor número de participantes tendem a interagir mais por terem uma melhor coesão, ao contrário os grupos grandes onde a interação é menor. Usando como exemplo os partidos alemães, Simmel esclarece que o radicalismo está mais presente em grupos menores, mas que os próprios sabem até onde podem ir com seus extremismos: “(...) em geral, os partidos pequenos são muito mais radicais do que os grandes, nos quais, é claro, é claro que formam a base do próprio partido colocam limites a seu radicalismo. O radicalismo aqui é sociológico por própria natureza” (idem, p.97). No grupo das Borboletas, embora existam dezenas de “borboletas” adicionadas, nem todas participam cotidianamente. Mas em se tratando de radicalismos, para estimular as integrantes a cumprirem as metas que as farão magras e felizes, os discursos extremistas são constantes.

Cadê aquela garota que estava disposta a fazer tudo para chegar na sua meta?, cadê aquela garota que dizia que preferia morrer de fome do que morrer gorda?, Cadê ela?. Já está na hora de você se determinar e voltar com seus NF/LF. Chega de ter compulsões, fecha essa boca e só abra para tomar chá e água. Garotas bonitas não precisam de comida. Nunca é tarde para recomeçar. Não deixe para fazer depois o que pode ser feito agora!. (Lari) (26 de agosto de 2014).

O sociólogo alemão explicou que, é na solidariedade incondicional entre os grupos que se torna possível exercer o radicalismo, mas para manter essa solidariedade o grupo precisa ser homogêneo e em menor número porque, do contrário, corre o risco de ter a presença de

inúmeros pensamentos heterogêneos que podem desarmonizar a comunidade, ameaçando a sua existência. Por isso, é importante evitar a presença de rebeldes.

E a pessoa que pertence, por assim dizer, idealmente ao grupo, mas fica fora dele por mera indiferença, esta sua não-filiação, positivamente, prejudica o grupo. Essa não-participação pode tomar a forma de competição, como no caso de coalizões de trabalhadores; ou pode mostrar a quem está de fora os limites de poder a que se submete o grupo; ou pode prejudicar o grupo porque este não pode ser constituído, a menos que todos os candidatos em potencial se unam como membros, como no caso de certos cartéis industriais (SIMMEL, 1983, p.98).

Ao me adicionarem no Borboletas, embora não tivesse demonstrado nenhum tipo de pensamento heterogêneo, a minha não-participação foi questionada pelas integrantes mais fieis da comunidade. Não militar em prol da causa das Anas e Mias e desconhecer o *modus operandi* da anorexia e bulimia são faltas graves. Por minha não-interação, quase fui excluída em um momento no qual o WhatsApp só permitia um número máximo de 50 participantes. Outra participante não teve a mesma sorte de ficar no Borboletas como eu tive:

CHARLOTE: Removeu quem? Pq?  
 DEBY: Calma, gente. A menina me perguntou qual a diferença de mia e ana. Como assim? Já tive uma espiã aqui. Não quero outra.  
 CHARLOTE: Ah do trabalho da escola né Kkkkk Eu lembro dessa  
 GINA: Putz! Ela nao sabia?  
 CHARLOTE: Vai ver ela e iniciante, Sei lá  
 DEBY: Se ela pega fotos e depoimentos, e nos expõe. Era estudante de jornalismo a garota lá.  
 CHARLOTE: Eu lembro  
 CLÁUDIA: Uhuu Deby cuidando da gente eeeeh  
 CHARLOTE: Aquela puta. Que raiva  
 CLÁUDIA: Tbm lembro daquela puta  
 GINA: Gente todos sabem a diferença  
 DEBY: Pois é  
 GINA: Pelo menos todas desse mundo AnaMia  
 DEBY: A Hyllare eu removi e bloqueei!  
 (14 de agosto de 2014).

Durante a constituição de uma comunidade, seja ela simples ou complexa, a elaboração e sistematização de regras entre os membros da sociedade se torna fundamental para que exista um bom convívio. No grupo das Borboletas não foi diferente. No período em que estava agregada à rede social aprendi a identificar as regras sociais que auxiliaram na manutenção da comunidade.

Ao falar sobre moralidade dos grupos, Simmel (1983) diz que as comunidades assumem uma moralidade privada, com formas normativas que recebem conteúdos próprios, chamados de comportamentos ou estados dos indivíduos, para sua constituição e alcance de sua autonomia.

“O que estava sobre a coerção da lei, tornou-se meramente bons costumes.” (idem, p.102). Dessa forma, com o grupo coeso e constituído de direitos delimitados, Simmel diz que “o que o grupo pode exigir incondicionalmente do indivíduo aquilo que deve exigir incondicionalmente” (ibidem, p.103).

E é por meio da moralidade e dos costumes que um grupo mantém um comportamento adequado de seus membros. Se o indivíduo tem uma moral duvidosa que não oferece confiança e se recusa a obedecer aos costumes, no caso do grupo das Anas e Mias, o membro pode ser punido, como a Hyllare foi no dia 14 de agosto de 2014.

Entre as normas criadas estava a divulgação e explicação de procedimentos e resultados de cada dieta, exercício e medicamentos encontrados, a obrigatoriedade de receber bem uma nova Borboleta e dar força sempre que ela precisar em todos os assuntos, principalmente sobre o fortalecimento da anorexia e bulimia, participar ativamente das conversas, ensinar estratégias de como enganar pais e amigos sobre o problema, a obrigação de fazer Low Food (LF) ou No Food (NF) e expurgação da comida por meio de laxantes ou do “miar” (vômitos), prática de exercícios físicos, publicação de fotos de thinspos diariamente, não falar mal de nenhuma participante, assumir a Ana como parte fundamental de sua vida para encontrar o sucesso e cumprir as punições.

Percebi que as penalidades foram construídas ao longo do percurso do grupo. Assim como as mutilações ou *cutting*, as punições são feitas para fazer com que Anas e Mias se sintam melhores após um erro de conduta, que seria quebrar a dieta, se procrastinar e não fazer nada para diminuir seu peso. A principal sanção é fazer No Food e Low Food, tomar laxantes e termogênicos juntamente com uma série de exercícios físicos após um ato de compulsão. É uma forma de compensar a Ana por ter comido o que não deveria. Também é muito relevante que se “mie” para tentar eliminar o máximo do alimento ingerido. E as punições são expostas por meio de selos, como se fossem “selos de qualificação”. Assim cada uma sabe quanto de punição terá que fazer pela quantidade que comeu.

Outra punição que surgiu na internet em uma rede social de vídeos conhecida como Snapchat de uma subcelebridade pró-cultura da magreza e que ganhou notoriedade foi a divulgação de fotos nuas ao se quebrar uma dieta. A modelo fitness Gabriela Pugliesi gravou um vídeo

pedindo que uma amiga tirasse fotos nuas que pudessem constrangê-la e que publicasse-as nas redes sociais caso Gabriela saísse da dieta.

Eu estava muito desleixada na dieta, comendo muita besteira no final de semana, e eu não quero mais. E pra mim essas coisas funcionam meio à base da promessa. Falei: O que eu vou prometer para ficar focada na dieta sem furar? Vou mandar nudes pra minha amiga. Se eu sair da dieta ela vai jogar nas redes os nudes. Ou seja, não posso sair da dieta e ela tem meus nudes. Olha que mara? (PUGLIESI, 2015, apud Revista Quem<sup>27</sup>).

Embora Pugliesi não tenha revelado se possui algum tipo de transtorno alimentar, sua ação em se auto punir por se considerar indisciplinada em não cumprir uma dieta mostra que esse tipo de castigo está presente tanto fora quanto dentro de comunidades pró-ana s e pró-mias. E quem passa por um período de vulnerabilidade emocional e psicológica têm mais chances de sucumbir a atos dessa natureza:

CIBELE : Eu nao estou conseguindo fizr a dieta :(  
 LÍGIA: Vou ter que fazer 4 punições, pq não faço Nf. Vou fazer duas hj assim que chegar em casa  
 DEBY: Então punições pra nós  
 CÍNTIA: Ixi pra mim tbm porque sou péssima em nf  
 LÍGIA: To devendo duas punições, vou fazer hj  
 DEBY: Q ótimo  
 CLÁUDIA: Deby coloca a punição em um selinho! Eu sempre esqueço qtos sao :/  
 DEBY: Ta bom Claudia  
 MILI: Gostei da série de punição do desafio fiz mais meia agora e antes da caminhada faço mais uma.  
 RAFAELA: Ontem de madrugada eu comi aquela bolacha de goiaba. Só q não consegui fazer a punição pq tava com sono. To fazendo em dobro agora. E tomei franol ainda. Hj deu efeito. To tremendo mto  
 MILI: Alguem sabe quanto queima com essa punição??  
 RAFAELA: Eu não sei não  
 MILI: Bom como ontem fiz o dia do lixo. Eu tomei lax e cumpri a punição. 100 polichinelos + 100 abdominais + 200 pulos parada no lugar. Morta aqui  
 DEBY: Gente tenho q fazer a droga da punição  
 SIMONE: Ontem a noite comi quase um pacote inteiro de biscoito recheado. E ainda comi uns 10 biscoito agua e sal. To me sentindo um lixo hj  
 MILI: Hj pretendo segurar no nf p compensar ontem.  
 SIMONE: Eu tbm (19 de setembro de 2014).

Além das penalidades há também os desafios. Não existe um período certo em que pode surgir um novo desafio, podendo ser diário, semanal, mensal, mas sempre são feitos em grupos. Uma das líderes ou outra participante que esteja mais à frente lança uma competição e pergunta quem quer participar, fazendo, em seguida, uma lista das interessadas. O objetivo não é a punição (embora ela possa ocorrer como uma das etapas do desafio), mas uma atividade conjunta de forma que todas possam se dar um suporte emocional para auxiliar no

<sup>27</sup> Conforme: <http://migre.me/sCNe1>. Acesso em 15 de junho de 2015.

emagrecimento que atinge a parte física do corpo. E os resultados sempre são expostos ao término do desafio. Um exemplo foi o “Desafio da Calça Jeans”.

O desafio tem como objetivo emagrecermos até conseguirmos (em um determinado tempo) vestir uma calça de número menor do que vestimos atualmente, o desafio é em grupo, mas os objetivos alcançados são individual. O desafio deve durar 1 mês (do dia 15/09 ao dia 12/10). Haverão 4 sub desafios a serem cumpridos, um por semana a fim de fazer com q agente realmente seque. A cada compulsão deve se haver uma punição: 100 polichinelos + 100 abdominais + 200 pulos parada no lugar. Mesmo se miar ou usar laxantes a punição deve ser cumprida. P.S: não pretendo ser boazinha nem fraca, muito menos saudável. Libero o uso de qualquer tipo de remédio (marax, franol, laxantes, diuréticos), exercícios a vontade, durmam, bebam água, cortem ou pintem o cabelo, faça as sombrancelhas ou façam compras. Tudo pra se sentir mais magra, arranquem elogios. Terminantemente proibido cortes ou qualquer atitude que pisada deixa-las feias. Princesas não têm cicatrizes. (Deby) (12 de setembro de 2014).

Em meio aos desafios surgem alguns mais radicais, como por exemplo de quem aguenta mais NF durante a semana, perder um quilo por dia, ganhar pontos por calorias perdidas e até o Desafio das Quatro Cores com duração de um mês. Nele, cada participante é sorteada com uma cor que diz quanto de quilos terá que perder na semana e as cores vão mudando a cada sete dias. Aquela que não cumprisse todas as cores seria expulsa do grupo. E foi justamente durante a formulação de desafios que surgiu a atividade característica das Borboletas, a Foto-Pesagem.

Toda sexta-feira cada menina precisa postar a foto mostrando os quilos perdidos durante a semana. E quem perde mais peso tem o direito de estampar a foto perfil do grupo Borboletas e ainda tem o direito de ter sua foto divulgada no Instagram da comunidade, que é um motivo de honra para toda participante que conquista essa meta. Afinal, naquela semana ela se tornou um modelo a ser seguido, uma thinspo que ganhará muitos *likes* nas redes sociais. Para as Borboletas, vencer o desafio semanal é um momento de glória. E o desafio é levado tão a sério que até o nome do grupo muda na sexta-feira de Borboletas para Foto-Pesagem.

Na visão dessas mulheres, que no grupo Borboletas têm idades que variam entre 10 a 35 anos, a quantidade de curtidas determina como elas delimitarão seu transtorno na próxima semana. A alta audiência por meio de likes e comentários positivos podem ser sentidos como uma forma de estímulo à magreza ou de reconhecimento pela perda de peso. Se a audiência for negativa, ela pode ser interpretada no sentido de que “se ninguém me curte porque não há o que curtir” que traduzindo em linguagem de Anas e Mias significa “preciso emagrecer”. Desde que não deixem claro que não estão propagando a anorexia, não existem fronteiras no

Instagram que as impeçam de divulgarem suas fotos. As imagens são divulgadas sem interferências que limitem sua disseminação fazendo com que o mundo real flua para o digital e vice versa.

“Os modelos digitalizados impregnam corpos e subjetividades, pois as imagens assim editadas se tornam objetos de desejo a serem reproduzidos na própria carne virtualizada” (SIBILIA, 2005, p.1).

Para as Borboletas, o corpo deve ser mostrado, exibido como se fosse uma vitrine pessoal, pois o corpo se tornou um território espetacular. E a gordura é o principal empecilho para isso. No entanto, há uma contrariedade em suas ações. Ao mesmo tempo em que mantêm o distúrbio alimentar em segredo dos pais, namorados e pessoas mais próximas, nos grupos no WhatsApp de Anas e Mias e no Instagram elas assumem outro tipo de postura, de ostentação dos corpos sem se importarem de quem possa estar vendo. É uma prática de exibicionismo que se torna coletiva a partir o momento em que uma estimula a outra a mostrar seus progressos, a curtirem as fotos e a ganharem seguidores de forma recíproca.

Segundo Sibilía (2008), a intimidade se converteu numa espécie de cenário no qual devemos montar um espetáculo de nós mesmos. A espetacularização da vida privada foi propiciada pela popularização das novas tecnologias de informação e comunicação, principalmente das redes sociais, que ditou um novo modelo de vida social, no qual o sujeito contemporâneo se vê obrigado a publicizar sua intimidade, condicionando a própria existência à percepção do outro.

Uma das principais manifestações dessa virada é um crescente desejo de ser visto, uma vontade de se construir como um eu visível, como um personagem que os outros podem ver e, graças a esse olhar reconfortante, confirmam a existência de quem se exhibe (SIBILIA, 2008).

Para a autora houve uma mudança radical no sentido das palavras intimidade, público e privado, adquirindo novas conotações propiciadas pela Web 2.0. Ao contrário do que acontecia no século XIX até a primeira metade do século XX onde a privacidade era resguardada da intromissão alheia devido aos pudores de uma moral burguesa, atualmente é preciso montar uma vitrine da própria personalidade porque se algo não se torna público, ele deixa de existir dentro da lógica da sociedade do espetáculo. Há um distanciamento do homem moderno do século XIX no sentido de que hoje o indivíduo assume novas

subjetividades num processo constante de autoconstrução e venda de sua própria imagem, havendo uma grande necessidade de se exibir para alguém.

Sibilia (2008) acredita que isso seria uma forma de o sujeito encontrar seu lugar na sociedade ocidental moderno-contemporânea midiaticizada, que oferece a possibilidade de qualquer um se tornar uma celebridade, numa espécie de narcisismo virtual. A intimidade está relacionada ao desejo de “ser alguém”, que é conquistado com a visibilidade. É preciso ter um palco, no caso as plataformas digitais, e um público, como os internautas, que precisa ser alimentado constantemente com novas informações. Do contrário, o ator principal corre o risco de cair no esquecimento. E esse é um medo constante percebido nas Borboletas.

Tomando por base Lévi-Strauss, em seu texto “Tristes Tópicos”, de 1986, Sant’Anna (2001) relata que numa época de tanta exposição fugir da homogeneização das aparências e do totalitarismo fotogênico não é um caminho fácil devido a uma padronização estética, uma monocultura das aparências que tende a produzir seres “em massa” como se produzissem beterrabas ou até mesmo um produto em série numa alusão às formas e padrões de beleza e da postura física da sociedade moderna ocidental.

Em nossos dias, existem várias indicações que demonstram o quanto usufruímos maior liberdade do que no passado para tratar do corpo, modifica-lo e expô-lo. Mas talvez estejamos mais solitários do que antes diante das possibilidades que tal liberdade exige e, ainda, amplamente expostos aos holofotes das exigências de ser fotogênico (SANT’ANNA, 2001, p.68).

A prática de exibicionismo por causa do Foto-Pesagem se torna coletiva a partir do momento em que uma estimula a outra a mostrar seus progressos, a curtirem as fotos e a ganharem seguidores de forma recíproca nas redes sociais. Segundo Lakatos (1976), práticas coletivas podem tanto fazer com que os indivíduos se aproximem durante um processo de interação social quanto se afastem uns dos outros. E no caso das Anas e Mias pode-se citar a Foto-Pesagem como exemplo dessas práticas coletivas. Na instagramização das sextas-feiras nem todas as meninas têm a oportunidade de participar justamente porque não conseguem perder peso, gerando um sentimento de inferioridade perante as que conseguiram atingir a meta semanal.

Fatos como esse produzem processos sociais que ela categoriza como sendo associativos e os dissociativos ou não-sociativos. Tais processos sociais estabelecem a ligação entre relação

social e interação social. Para que ocorra um processo social é preciso ter como aspecto primário o contato social, fundamental para a interação, que neste caso acontece na rede social. “Podemos dizer que o contato é a fase inicial da interestimulação, e que as modificações resultantes são denominadas de interação” (LAKATOS, 1976, p.83).

Dentro do contato social, a autora estabelece a diferença entre os meios físicos, sendo esses fundamentados em percepções dos sentidos da visão, tato, olfato e audição tais como um assovio, um aperto de mão ou um piscar de olhos; e os significados, ou seja, a transmissão de ideias. O grupo Borboletas proporciona um contato físico mínimo não só por ser on-line, mas porque as participantes são de várias partes do País. Porém, há casos de integrantes que já eram amigas e entraram no grupo juntas ou que descobriram que moram na mesma cidade e buscam se relacionar de alguma forma, como para ir à farmácia comprar anorexígenos, por exemplo, estabelecendo assim o contato físico. E há o caso de audição em que elas conversam por meio de áudios enviados no WhatsApp.

Dentre as formas de contato direto categorizadas por Lakatos (1976) estão as realizadas face a face; contato voluntário por meio da vontade própria do indivíduo, sem coação; contato involuntário, feitos por meio de imposição; contato com o passado, tendo como objetivo transmitir a herança social por meio do intercâmbio com gerações vivas mais antigas ou através do estudo histórico; contato com o presente, no qual a finalidade é acolher os pensamentos, ideias e atitudes de outros grupos, originando um processo de transformação e mobilidade; o contato indireto, com algum meio de comunicação, aparelho ou objeto intermediando a relação, como o telefone fixo, livro, computador, celular e internet que é onde se encaixa o Borboletas.

Há ainda o contato primário, íntimo, pessoal e espontâneo no qual os indivíduos tendem a compartilhar suas experiências particulares como família, grupos de amizade e vizinhos; contato secundário, que é de cunho mais formal e impessoal; contato de “nosso grupo”, baseado no fenômeno do etnocentrismo e supervalorização dos costumes e culturas; contato categórico, resultante da classificação feita por nós a uma pessoa desconhecida baseada em sua aparência física, feições, profissão, segundo as características atribuídas a ela pelo “nosso grupo”; e, por fim, o contato simpatético, baseado em qualidades que os indivíduos manifestam. Lakatos salienta que os vários tipos de contatos existentes não são mutuamente exclusivos, ou seja, podem coexistir.

Passado o contato inicial, entramos nos processos sociais que se dividem em cooperação, competição e conflito, adaptação, acomodação e assimilação. Segundo Lakatos (1976), cooperação é o tipo de processo social em que os indivíduos ou grupos atuam em conjunto para alcançarem um objetivo em comum, sendo definida pela autora como solidariedade social em ação. A cooperação pode ser tanto temporária, para realizar determinada tarefa em um período de tempo específico, quanto direta, em que atividades semelhantes são executadas em conjunto. Por sua vez, a competição é um tipo de processo social que os indivíduos demonstram rivalidades no processo interativo.

Os conflitos são hostilidades que surgem entre os participantes do grupo e se caracterizam por ser um tipo de “luta” de caráter pessoal e consciente. “A conceituação mais aceita de conflito é, pois, uma contenda entre indivíduos ou grupos, em que cada qual dos contendores almeja uma solução que exclui a desejada pelo adversário” (LAKATOS, 1976, p.91).

A adaptação em um grupo pode ser realizada de três níveis: o biológico ou psicomotor, na qual o participante “desenvolve fisiológicas, gostos e atitudes corporais através do conhecimento de seu organismo” (LAKATOS, 1976, p.92); o nível afetivo, como o casamento; e o nível de pensamento, quando o indivíduo se adapta baseado em determinadas maneiras de pensar do grupo em que está inserido ou quer se inserir: “quando as faculdades intelectuais se desenvolvem através da incorporação de elementos da cultura” (idem, p.92).

Por meio da acomodação, tenta-se encontrar um *modus operandi* por meio de um ajustamento interno, diminuindo assim os conflitos entre os participantes e/ou grupos. Ela pode ser feita por meio da coerção, compromisso, arbitragem, tolerância ou conciliação. E por último, a assimilação consiste num processo social no qual os indivíduos participantes dos diferentes grupos “aceitam e adquirem padrões comportamentais, tradição, sentimentos e atitudes da outra parte” (LAKATOS, 1976, p.92), participando de uma vida cultural comum. Durante a pesquisa, percebi que essas características que por vezes divergem entre si estavam presentes no Borboletas, às vezes de forma mais explícita, como os conflitos, ou de forma mais singela, como a assimilação na qual a integrante vai se envolvendo com o grupo vagarosamente.

Lakatos (1976) também cita o isolamento como uma forma de processo social que é a ausência de contato entre membros ou grupos. Mas antes de abordar o isolamento social que

acontece entre as jovens com distúrbios alimentares, discutirei, primeiramente, um dos principais fatores que as leva a se afastarem do mundo off-line: a baixa autoestima.

#### 2.4 O SOFRIMENTO QUE LIBERTA

O grande nível de sociabilidade entre as Borboletas se deve, além do desejo de ser magra, a um enorme complexo de inferioridade. Anas e Mias que participam da comunidade se sentem com uma baixa autoestima que é ampliada pela existência das *thinspirations* ou apenas “thinpos”, consideradas por elas como modelos de beleza. Ao mesmo tempo em que elas postam imagens de modelos e mulheres comuns que tenham o corpo com o padrão da alta costura como forma de se inspirarem, essas imagens provocam uma profunda dor e fazem crescer o sentimento de ser inferior às demais jovens, que são magras. Anas e Mias elegem algumas principais fontes de inspiração, que são seguidas constantemente por elas em sites e redes sociais. As principais *thinspirations* são a cantora e atriz mexicana Anahí, que tem um longo histórico de problemas com anorexia, as artistas hollywoodianas Miley Cyrus, Vanessa Hudgens e Taylor Swift, que possui um corpo chamado de “mignon” (miúda), a top da barriga negativa, Candice Swanepoel e a brasileira Gisele Bündchen.

Desconsiderando os fatores genéticos que podem ter contribuído para a formação de um corpo longilíneo das thinpos, além de fatores culturais e econômicos que oferecem recursos para que essas artistas permaneçam com o corpo magro, as integrantes do Borboletas não levam isso em consideração. Na visão delas, o corpo é desse jeito por força de vontade e foco no que se deseja. E por isso elas se julgam fracas por não terem a energia para serem como querem. Tudo passa a ser uma questão de ter força de vontade, sendo necessário seguir os três Fs “Foco, Força e Fé”, numa espécie de discurso nativo para construírem sua motivação. E a Ana é fundamental nesse processo de dar esse estímulo.

Sereia ou fada? Talvez tenha q deixar de ser uma troll da montanha antes (Deby) (15 de setembro de 2014).

Do que adianta pesar 49 e parecer 60? Q inferno. Porra uma pessoa q pesa 49,7 com 1,73 de altura parecer q pesa 60 é o fiiim. Gente minha amiga me chamou de peppa, sim a porca do desenho (Carol) (17 de agosto de 2014).

Eu sei que falo que vou malhar a tempo, mas eu vou msm. Pelo menos tentar largar de ser uma porca gorda com a bunda colada na cama (Lígia) (3 de setembro de 2014).

TAMIRES: Meninas fui em uma festa domingo cara me senti tão mal minhas amigas magra e lindas e eu obesa.

MÁRCIA: Eu tbm fui em uma e cara sai destruída (2 de setembro de 2014).

Não tenho animo nem pra pentear o cabelo gorda desse jeito (Silvia) (23 de agosto de 2014). •

Eu reclamo reclamo mas não consigo focar em nada. Deixo a comida decidir por mim. Cara e tão nojento. Deve ser tão bom se olhar e não ver tanta gordura, gente eu to muito mal mesmo, quando eu vou tomar banho eu tampo o espelho do banheiro com a toalha, não consigo me ver gorda. Preciso emagrecer. To me sentindo um lixo de saber q hj e sábado e eu parei a dieta. Não consegui perde nada de peso. Não aguento mais ser essa baleia fora d água (Pâmela) (23 de agosto de 2014).

Afinal duvido q vc quer ficar gorda pra sempre né ? Eu não quero já to ficando com nojo de me olhar no espelho. Uma baleia (Lavínia) (23 de agosto de 2014).

Eu sou obrigada a ver td mundo ocupando meu lugar em tudo. Tudo q eu quero alguém vai la e consegue e esfrega na minha cara, to cansada. Minha amg tem 1,79 pesa 54 tem 60 de cintura e quadril 88. Como q compete com uma pessoa dessas, me sinto tao humilhada (Carol) (17 de agosto de 2014).

Eu sou um lixo, nao deveria ser chamada de ana (Josi) (19 de agosto de 2014).

Sou gorda como uma lutadora de sumô (Deby) (19 de agosto de 2014).

Porca imunda<sup>28</sup>, vaca, baleia e elefanta são referências comuns que elas fazem de si mesmas. Entretanto, quando conversam entre si, os apelidos mudam se tornando algo carinhoso como “amore, “gata”, amiga” “linda”, “flor”. O tom só se transforma para algo agressivo quando uma delas quer chamar a atenção para a falta de disciplina de alguma integrante, como uma falha na dieta ou um ato de compulsão. Assim, surgem frases como “você quer continuar sendo essa porca imunda ou quer ser linda e perfeita?”. As palavras “imunda”, “nojenta” e “suja” são bem frequentes ao se auto referenciarem. Para as Borboletas, tudo que está relacionado à gordura é imundo, principalmente as comidas e seus corpos. E já a água simboliza limpeza e pureza, principalmente por ser a refeição mais indicada nos períodos de No Food e Low Food . A água ajudará a saciar a fome e a limpar o organismo. E o jejum ajudará no ritual de limpeza corporal.

Ao publicar uma foto da Anahí, a pró-ana Deby descreve a característica da thinspo que ela busca e que mais a agrada, mencionando o ideal de pureza. “Linda né?! Ser fada. Leve. Sereia. Delicada. Limpa”. Diante da baixa autoestima e da incapacidade de lidar bem com a

---

<sup>28</sup> Porca imunda: Nas escrituras sagradas, como a Bíblia e o Alcorão, o porco é considerado um animal impuro. “Alguns diziam que era por os porcos serem impuros; outros, por serem sagrados. Isto (...)indica um estado nebuloso do pensamento religioso que ainda não distingue claramente as noções de sagrado e de impuro misturando-as numa espécie de solução difusa à qual damos o nome de tabu.(Spititus the Corn ando f the Wild, II, p.23) apud DOUGLAS, 2010, p.12

sua situação corporal, as Borboletas adquiriram o costume de se isolarem. Durante a pesquisa, muitas contaram que deixam de sair com os namorados nos fins de semana porque teriam que comer normalmente na frente deles; outras evitam festa de aniversário de amigos e parentes; passar dias trancadas nos quartos também é algo comum entre elas, preservando-se do convívio familiar, de namorar e até de sair com outras jovens de sua idade para evitarem a tentação de comer ou mesmo por querer se esconder da “feiura” em que se veem. Dessa forma, os grupos on-line se tornam fator fundamental para a socialização das Anas e Mias, constituindo seu mundo real de forma virtual, evitando o total isolamento das jovens, como se pode perceber nos depoimentos e diálogos abaixo:

Eu quando n to na escola ou no ballet to tracanda no meu quarto (Jennifer) (15 de setembro de 2014).

Eu fiquei 1 ano sem sair, só indo pra escola e voltando e eu tinha que correr pro banheiro no meio das aulas pra chorar no banheiro. Eu ainda faço isso na vdd kkkkkkk (Hadassa) (15 de setembro de 2014).

Quando eu perco peso me sinto bem determinada a continuar, tenho prazer em sair na rua e mostrar pras pessoas q eu to conseguindo mas quando eu to tipo hj deixando a comida me dominar eu tenho nojo até de olhar no espelho (Pâmela) (23 de agosto de 2014).

Eu só queria não me sentir assim, eu só queria me sentir feliz por estar viva e aproveitar a minha vida/adolescência, queria poder lutar por meus sonhos e enfrentar o mundo d cabeça erguida mas sou insegura até p/sair d casa (Silvia) (23 de agosto de 2014).

Dizem que muay Thai emagrece mto. Mas não to afim de contato social haha. Na academia posso entrar quieta e sair quieta. No Tennis só preciso falar com quem eu for jogar. Luta, dança e coisa e tal, tem que conversar com um monte de gente. Quero me esconder no meu quarto e ficar lá pra sempre (Lígia) (14 de setembro de 2014).

Morro de vergonha de academia. Sou lesada sabe (Deby) (14 de setembro de 2014).

Meninas vcs namoram? sei la eu acho q não estou preparada sabe. Mal consigo me controlar perto da comida imagina como agiria com um namorado (Rayane) (23 de agosto de 2014).

MILI: Ai minha amiga me convidou p ir na casa dela mas ela vai fazer lanche e batata frita

CLÁUDIA: Fogeeee Mili !!!

MARI: Concordo!

MILI: se fosse uma vez ou outra tudo bem mas todo dia toda hora (22 de agosto de 2014).

Antes de iniciar a pesquisa, pensava que muitas dessas adolescentes não tinham conhecimentos do que é a anorexia e a bulimia e eram apenas vítimas de uma má informação acerca do assunto. Mas no decorrer da etnografia percebi que estava errada. Além de serem

jovens que pertencem, em sua grande parte, à classe média alta e classe alta, elas contêm uma grande quantidade de conhecimento não só sobre o distúrbio alimentar, mas alimentação em geral. Pesquisam bastante sobre os nutrientes de cada comida ingerida, sabem as consequências da ingestão de cada uma, o que comer para ter determinado tipo de resultado entre outras informações sobre efeito de medicamentos que vão sendo passadas por cada borboleta, como elas mesmas as chamam. Um exemplo foi a conversa entre Lígia e Giovana.

LÍGIA: Tem que tomar pelo menos 2litroa de água pq sobrecarrega os rins  
 GIOVANNA: Ah sim.. bom eu diria pra vc distribuir a comida pelo dia inteiro .. pra o metabolismo não parar.. tipo escolhe uma fruta por dia pra fkr mais facil .. por ex. melancia, dai vc come um pouquinho a manha inteira .. almoça salada e alguma proteina.. dai a tarde come melancia (9 de setembro de 2014).

Outro exemplo é sobre o uso de medicamentos para ajudar na expurgação da comida, levando em consideração os efeitos que eles trazem:

SIMONE: Gente, Não Tem nenhum remédio que faça vomitar? Queria saber se tinha  
 LÍGIA: Tem Simone. Mas ele faz mto mto mto mal.Tipo, mata. Mas em pouco tempo. Nem vou dizer pq né (17 de setembro de 2014).

E em se tratando de medicamentos para ajudar no controle da fome, muitos remédios foram citados ao longo da pesquisa, bem como seus efeitos colaterais. Eles são usados como uma estratégia para perder peso e auxiliar as dietas, jejuns e exercícios. Outras formas relatadas para enganar a fome e perder calorias chegavam ao extremo como tomar detergente para ajudar a vomitar, ingerir algodão, chupar bala Halls preta o dia todo, tomar vinagre, comer papel A4, beber óleo de coco, tentar se envenenar com excesso de sal, antidepressivos e até ingerir a própria urina. Alguns dos motivos da ingestão desses produtos iam além da vontade de emagrecer, elas queriam acabar com a própria vida.

LEIDIANE: Vc tentou se matar?  
 BETINA: Eu me envenenei com sal. Quase morrer. Fazia todo dia  
 LIZA: Velho uma vez q tentei me matar com dorflex. Eu fiquei quase imobilizada Hahahahahahahah  
 BETINA: tentei com clonazepan.10 comprimidos  
 LIZA: Eu tomei duas cartelas Vei...  
 LIZ: Antidepressivos matam se tomar mt. E bombinha de asma também  
 LIZA: Estado vegetativo...  
 BETINA: Fiquei em coma  
 LIZA: Eu nem fui pro hospital  
 ADRIA: Pula de um prédio de 30 andares de mata Tb rrsrs  
 LIZA: Eh mas agr n quero mais tbm. Vo emagrecer. E ser feliz  
 (17 de março de 2014).

Vários nomes de laxantes também foram compartilhados como o Biscodil e a Lacto-purga, que se tornaram os mais populares. Termogênicos como Marax e Fluoxetina e o inibidor de apetite Sibutramina que “tiram a fome e emagrecem”, simpatias, detox, espartilho, videoaulas de exercícios físicos e até “mochilar” pela América Latina se tornaram alternativas para a perda de peso. “Bom dia! Morri a noite toda pq tomei 10 laxantes e vomitei e acordei com 58,9kg. Estava com 61,8kg. Valeu a pena (Cibele).”

As principais dietas relatadas foram da bolacha com água e sal, clara de ovos, dieta de dukan (consumir somente proteínas magras), dieta da USP (cardápio basicamente formado de ovos, presunto e café), SGD (Skinny Girl Diet) e da ECA (Efedrina Cafeína Aspirina).

Mas de todos os medicamentos consumidos pelas Borboletas, um foi o que chamou maior atenção por seu uso frequente durante todo o período da pesquisa, o Franol. Segundo as próprias “anemias”, outra denominação dada por elas a si mesmas, ele é um remédio de asma que custa cerca de cinco reais e é encontrado facilmente nas farmácias. De acordo com as próprias meninas, ele precisa de receita médica para comprá-lo, mas basta falar ao atendente da farmácia que é asmática que consegue adquiri-lo sem grandes problemas. Além de vários efeitos colaterais, o principal que têm relevância para as jovens é a perda de apetite justamente por ele causar vários tipos de mal-estares, chegando a perder cinco quilos em uma semana. Algumas disseram que já estão viciadas no medicamento e não conseguem mais deixá-lo. Outras jovens que descobriram pela comunidade que moram na mesma cidade chegaram a marcar um dia para irem comprá-lo juntas. Tudo, claro, sem o conhecimento dos pais.

NICOLE: Franol adiantou pra vc?

SABRINA: E mt caro ? Onde vende ?

DEBY: Vou mostrar

SABRINA: Precisa de receita oh eu Msm posso comprar ?

CECÍLIA: To com medo de tomar, mas estou desesperada

NICOLE: Franol é 5 reais. Eu tomei hj. Primeira vez

DEBY: Compro por 5,30. Tenho aqui guardado

CECÍLIA: Mas é ruim de acha

DEBY: Mas meu corpo não tá aceitando.5 kg menos gorda em 1 semana

NICOLE: Vc perdeu 5 kg em 1 semana?!

DEBY: Sim. 3 franols por dia. 400 a 600 calorias. Exercícios de força e abdominais tudo dia

CECÍLIA: Eu e a pam já tentamos encontrar e não achamos

SABRINA: Pq não Cecília?? Será q nem em Cuiabá ?

CECÍLIA: Fomos em todas farmácias perto e nada

NICOLE: Quais os horários q vc tomava o franol?

DEBY: 3 logo cedo. Mas pra quem nunca tomou Começa com 1/2

SABRINA: Nossa cara q ódio esse remédio é ilegal ?  
 DEBY: Pra emagrecer é  
 CECÍLIA: E a pam disse que foi no Nando perto do meu colégio precisava de receita  
 SABRINA: Mas ele e tipo laxante ?  
 DEBY: Não. Ele é pra asma na verdade. Ele é pra acelerar o metabolismo. Te deixa elétrica. Trincando  
 SABRINA: Vou procurar será q não faz mal a saúde.  
 DEBY: Faz sim. Faz muito mal. Tem efeitos colaterais. Quem tem problema de coração não pode tomar. Mas emagrece  
 SABRINA: Tenho medo pq meus pais vivem no Meu pé  
 CECÍLIA: Bora achar e toma quando fomos fazer academia  
 SABRINA: Eu tenho problemas renais sérios quase perdi meu rim , tenho medos  
 DEBY: Acho melhor não tomar  
 CECÍLIA: Quais o efeitos colateral?  
 DEBY: Vou listar. Dor de cabeça forte, tonturas, náuseas, tremedeira, aumento da pressão arterial, boca seca, falta de sono, falta de concentração, irritação, taquicardia, suor excessivo, perda total de apetite. Acho que é isso.  
 SABRINA: Perda total de apetite!!!! Vou tomar. Tenho q achar isso. E não precisa de receita né  
 DEBY: Quase sempre sentimos todos os efeitos. Na caixa diz que só deve ser vendido sob prescrição médica Pra q meninas como nós não morramos kkkk. Mas só dizer q tem asma. Tranquilo  
 SABRINA: To pesquisando aqueles fisiculturistas tomam. Cara quero mt mas to com medo mt medo Msm  
 (23 de agosto de 2014).

Embora tenha me causado muita estranheza no início esse costume em tomar remédios destinados a outras finalidades médicas, causando inúmeros males, aprendi a entender a frase tão comum que diz que “quem quer ficar bonita tem que sofrer”. Não só sofrer em cabelereiros, manicures, procedimentos estéticos ou não comer a sobremesa. No caso das Borboletas, o sofrimento é algo extremamente valorizado, que mostra força de vontade em atingir seus objetivos, que é a felicidade em ser bonita, ou excessivamente magra, ambos apresentando o mesmo sentido.

Elas aprendem a lidar com a dor física todos os dias como uma forma de se punirem por estarem num corpo que não querem. Presenciei vários relatos de meninas que ficaram doentes e felizes por isso, porque assim não sentiriam fome. Outras queriam buscar meios de se sentirem mal para perder o apetite. E essas ações eram sempre estimuladas pelas outras participantes, que as apoiavam e se solidarizavam com a dor de cada uma, mostrando que muitas já passaram pelas mesmas situações.

ÉRICA: Eu desenvolvi gastrite, e esofagite por causa da Ana e da Mia. Mas ao olhar no espelho Vejo o tanto que compensa  
 SIMONE: Eu gosto de me sentir mal por n comer, é um sinal sei la, sinal de que eu to fazendo direito, gosto da dor da fome  
 MELISSA: Duas kkkkkk E um dor gostosa praserosa

SIMONE: Demais, é um sinal de que tu tá obedecendo a ana. Eu n gosto de me sentir cheia  
 MELISSA: Tbm nao quando como me sinto pessima  
 SIMONE: Eu tbm  
 GIOVANNA: Tô precisando é d uma doença pra trancar a boca...Sou tão ruim q nem as doenças me qrem  
 SIMONE: Tbm tô querendo. Ai emagreço  
 DEBY: Oh Simone tbm pensava assim. Adoecei E só engordei  
 GIOVANNA: Nossa teve uma ves q fkei vomitando direto uns 3 dias.. foi maravilhoso..chega fkei palida, porem magra  
 DEBY: Tô doente. E é ótimo. Boa desculpa pra falar q não consigo comer. Mas eu não consigo aproveitar as oportunidades  
 (3 de setembro de 2014).

Qualquer dor física parece ser suportada por elas desde que consigam atingir o desejo de ser magra. E aqui não exponho somente as dietas, exercícios, jejuns ou doenças como gastrite, dor de dente e gripe que ajudam a não comer. Há também os relatos de mutilação, que são diferentes de tentativas de suicídio. Mesmo que pensamentos suicidas sejam ditos a todo o instante, as mutilações ou práticas de *cutting* não buscam a morte. São uma forma de expressão corporal levada por uma crise depressiva que se resume na autopunição por comer, por não cumprir uma dieta ou por serem como são. No Borboletas, muitas meninas já se cortaram, mas nem todas praticam porque, segundo elas, “princesas não têm cicatrizes” (Simone) (12 de setembro de 2014).

MELISSA: E eu que briguei com meu padrasto de novo a vontade de me corta esta aumentando eu quero ir embora sumir cara de vdd nao aqueito mas tô vendo um dia eu ir pra escola e nao voltar mas pra casa  
 GINA: Nao faça isso moça! Sua beleza vale mais que uns simples cortes q só trarão prazer na hora e depois só haverá tristeza!  
 LÍGIA: Ruth não se machuca, depois vc vai se arrepender e vai ficar marcado  
 MELISSA: Eu so nao tô aqueitando mas quero sumir morrer  
 (25 de agosto de 2014).

Após os cortes é muito comum elas mandarem fotos das partes que foram machucadas. Os lugares do corpo que mais recebem esses cortes são partes em que se podem esconder dos pais, como os braços, coxas e a barriga. Mas no caso da barriga, o corte se dá por ser a parte que mais incomoda as Borboletas. As mutilações no ventre são uma tentativa um tanto simbólica de arrancarem aquilo que as incomoda e as fazem sofrer.

SILVIA: Eu queria não sentir nojo d mim, e vontade d chorar, me bater, me cortar td vez q encaro o espelho. Eu queria simplesmente olhar p/ o espelho e me vê, tipo se o cabelo tá arrumado, se a roupa tá legal, se a maquiagem ficou boa como todo mundo faz  
 MELISSA: Hoje na hora que me olhei no espelho fiquei com vontade de corta minha barriga  
 AGATHA: Eu vou mandar fotos, mas quero a opinião de vocês. Porque sei lá... Eu realmente me acho gorda e feia. Eu sempre me corto depois que como algo.  
 ESTHER: Eu odeio, eu corto tudo minhas coxa

BRENDA: pra mim é quase impossível passar uma semana sem cortar e conseguir  
 ESTHER: Eu adoro me cortar. Pulso, coxas, barriga  
 (22 de setembro de 2014).

Muitas meninas não demonstraram sentir medo da morte, sendo o fato visto por elas até como um alívio ao sofrimento. O maior medo relatado pelas Anas e Mias é de continuarem gordas e, por não alcançarem a perfeição que buscam, não serem amadas. Nem por elas mesmas. Os sentimentos de inferioridade afloram a todo o instante e geram uma cadeia depressiva, que logo vem seguida de apoio e de frases como “seja forte” e “vamos conseguir”.

ISIS: Mas eu só comi pq eu tava quase desmaiando sabe? Tipo, não tava conseguindo ficar em pé. Amanhã tento comer 30kcal só  
 LÍGIA: Ai eu to decepcionada até não dar mais. Nem sei o que fazer  
 ISIS: Vc tem q ter mais força de vontade!! Sério. Vc consegue  
 (28 de agosto de 2014).

Segundo Le Breton (2012) as inscrições corporais são formas de marcação sociocultural do corpo na pele do autor.

Essas marcas corporais preenchem funções diferentes em cada sociedade. Instrumentos de sedução, elas são ainda com maior frequência um modo ritual de afiliação ou de separação. Elas integram, simbolicamente, o homem no interior da comunidade, do clã, separando-o dos homens de outras comunidades ou de outros clãs, ao mesmo tempo da natureza que os cerca (LE BRETON, 2012, p.59).

Assim como disse Le Breton sobre as marcas corporais, da mesma forma são os cortes, automutilação ou praticas de *cutting* que ocorrem em algumas Anas e Mias. Como punição por comer, por “furar a dieta”, por ser gorda ou por outra manifestação de estado depressivo, Anas e Mias costumam se cortar como uma forma de autopunição por não seguirem as regras e não alcançarem as metas de emagrecimento. Segundo relatos das próprias jovens, elas se sentem melhores após o ato.

Não é uma prática corporal incentivada diretamente pelas participantes, mas nem por isso deixa de ser incomum ou reprovada por todas elas. Se o objeto é conseguir atingir a meta, qualquer ato que as auxilie nesse processo é bem visto pelas outras. Assim como muitas usam pulseiras coloridas no pulso da mão com que costumam abrir a porta da geladeira para pegar comida como forma de lembrá-las que têm anorexia e/ou bulimia e que comer não é permitido, do mesmo jeito elas usam os cortes – que são mais frequentes na parte inferior do braço, onde podem escondê-los de familiares e amigos –, quanto na barriga, considerada a parte mais incômoda de seus corpos. A mutilação é a punição pela má conduta corporal, ou seja, o ato de comer. Para Matos (2013), a automutilação surge através de um sentimento de

culpa que nem sempre está claro e o ato de se cortar é um meio de amenizar a dor da depressão.

Uns acreditam que ao se cortarem os usuários liberam mais endorfina agindo no cérebro com uma sensação de bem-estar que diminui a ansiedade e a tristeza. Tornando a mutilação um vício. A outra parte dos especialistas acredita que a automutilação é um sintoma de doenças emocionais, como a depressão, ou seja, as pessoas que fazem isso não tem um modo saudável desenvolvido de lidar com emoções fortes, pressões intensas e problemas de relacionamentos abalados. (...) Mas normalmente a automutilação surge da culpa, começa em um impulso. A pessoa muitas vezes nem sabe de onde surgiu essa culpa, mas sente a necessidade de se ferir e se livrar de uma situação abaladora (MATOS, 2013).

## 2.5 SEREMOS PRINCESAS

Durante o percurso observado na comunidade Borboletas, percebi que há outra característica bem forte nas integrantes: a necessidade de ser feminina baseada num conceito de feminilidade ligada à imagem de menina, de infância. Práticas como musculação e natação, por mais que possam oferecer um emagrecimento, queima de gordura e definição corporal são atividades evitadas por elas. Algumas praticam lutas como muay thai por queimar uma grande quantidade de calorias hora/aula, mas nenhuma delas demonstrou levar o esporte a sério.

As meninas bissexuais ou homossexuais presentes no grupo também confessaram que se sentem estereotipadas por serem lésbicas e que sua condição sexual não interfere em sua feminilidade. Algumas, inclusive, disseram preferir namoradas do tipo “Barbie”.

O problema é que lesbica é estereotipada, ninguém acha que eu tenho que me vestir como homem só que eu sou muito feminina fiz curso de make uso vestido colado.

E eu não gosto de menina que parece homem (Pietra) (22 de setembro de 2014).

Prefiro minhas barbie patricinha que não pagam de princesinhas do rock hahahahaha (Eloá) (12 de novembro de 2014).

Porque tipo, uma vez uma menina pediu pra ficar cmg e eu fui, mas ela era tão feminina que eu me senti olhando no espelho e nem rolou. Atualmente namoro uma garota há quase 2 anos. Ela é feminina mas não totalmente, e não parece menininho. Eu não curto menininho, pra mim ou é 8 ou 80 haha. E eu TB não sou nem um pouco menininho (Ingrid) (12 de outubro de 2014).

Ser uma thinspo não significa ser fitness. Ao fazerem dietas, jejuns e exercícios, elas não estão preocupadas em terem um corpo definido, com músculos aparentes, e muito menos cuidar da saúde. Pelo contrário. Elas evitam o excesso justamente por gostarem de ossos

aparentes e por acreditarem que mulheres musculosas não são Anas, porque ser Ana é ser feminina. E por isso o ballet, ginástica rítmica, jazz, dança do ventre são suas atividades preferidas. Mas o ballet ganha notoriedade por, nas palavras delas, transformarem meninas em princesas.

Amo me sentir “menininha” (Kelly) (25 de março de 2015).

Quero voltar a fazer ballet. Qnd eu emagrecer vou voltar (Natana) (04 de outubro de 2014).

A professora do balé destruiu meu sonhos falando p eu parar de comer se não eu não ia parar na sapatilha de ponta, desisti e fui fazer ginastica olimpica, competi 3 vezes, ganhei ouro e 2 pratas, ai eu machuquei o pé e tive q sair (Hadassa) (4 de outubro de 2014).

Eu entro em depressão se parar de fazer ballet. Fiquei um ano sem fazer e foi horrível. O ballet é tipo a minha fuga da realidade (Ayla) (13 de março de 2015).

Anas buscam uma natureza feminina que, para Butler (2012) não há como ser definida. A feminista acredita que gênero, e aqui também insiro a feminilidade, é uma questão performativa, um ato feito de forma intencional que produz significados. “Pela repetição dos atos, gestos e signos, do âmbito cultural que reforçariam a constituição dos corpos masculinos e femininos tais como nós os vemos atualmente.” (BUTLER, apud SENKEVICS, 2012).

“O discurso habita corpos” (BUTLER, 2012) e faz esse corpo confundir-se com ele. Para Butler, a grande luta feminista de hoje não se baseia entre sexo e gênero, mas o respeito aos corpos que precisam encontrar liberdade dos discursos que os constituem. Anas e Mias desconstroem um corpo indesejado, gordo na visão delas, para construí-los finos, com aspectos infantis e mais “femininos”, assumindo uma atitude performativa embora elas digam que a feminilidade faça parte da natureza feminina.

Para Beauvoir (1975) a feminilidade é uma construção social. A mulher, antes de ter uma essência feminina como pode supor a biologia, ela aprende gestos, posturas, formas de pensar e expressões que são repetidos ao longo de sua vida para diferenciá-la do sexo masculino. E como afirma Butler (2012), esses atos são escritos nos corpos culturalmente por meio de discursos.

Partindo desse princípio de que não se nasce mulher, torna-se mulher, a feminilidade pode ser algo instável e fluido na medida em que se deve construir o “ser feminina” todos os dias.

Geralmente há modelos femininas que são copiadas cuja essência e discursos são transmitidos para os corpos, como no caso da Anahí, artista mexicana venerada por elas por já ter tido anorexia e por ter um corpo considerado inspiração. Essa discursão sobre feminilidade leva a perceber que há limites e convenções históricas impostas à mulher. O feminino é uma caricatura social e cultural.

“(…) nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a forma que a mulher ou a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, DSII, 1980, p.9).

A instagramização dos corpos é uma forma de ostentar o sucesso ou o fracasso. A vida das Anas e Mias giram em torno do sucesso do “não comer” ou do controle da comida. Segundo Quintela (2014) ao termos acesso aos meios de comunicação nos deparamos com conceitos, técnicas e instruções sobre como reforçar a essência feminina a fim de manter um comportamento aceitável.

Eles vão desde: “como ser bem sucedida em 3 passos”, “seja sexy e arranque suspiros na rua”, “como entrar em um jeans 36, manter um popô digno de mulher fruta e segurar o gato” ou “como conciliar trabalho, família, filhos e não perder o sex appeal”. Uma nova versão da Amélia nos é apresentada, afinal, ela que era mulher de verdade” (QUINTELA, 2014, p.154).

Dentre as características sugeridas pelo autor sobre a essência feminina está o depoimento de um médico que afirmou que uma mulher de verdade não deve chamar a atenção, tendo o recato como um dos itens principais para ser reconhecida como tal. O corpo passa a ser um “fator de demarcação de status”, o que gera a aceitação ou repulsa por parte da sociedade. Para Quintela, embora na sociedade atual existam outros tipos de corpos com novos contornos de feminilidade, o imaginário social de mulher feminina ideal se depara nos conceitos de “sensibilidade, docilidade e fraqueza”.

Quintela (2014) usa o termo “máfia que castra” para designar a dificuldade que existe em aceitar novas formas femininas que não seja a performance de mulher delicada e recatada, sendo considerada o meio correto de ser mulher, mesmo que esse conceito esteja, muitas vezes, no plano das ideias e não no cotidiano.

(…) Seja na escola, em casa ou por meio da mídia, cotidianamente somos apresentados a essa forma entendida como legítima, não desviante da forma correta de ser uma mulher. Características como sensibilidade, afetividade, cuidado, delicadeza, discrição entre outras são sempre trazidas à tona quando se questiona o que é ser mulher (QUINTELA, 2014, p.156).

Além disso, em seus estudos, Quintela (2014) observou a necessidade de se investir intensamente na produção de ser mulher, pois a dimensão estética para a sociedade está ligada na construção feminina que envolve toda uma indumentária, investimento corporal e tempo para “se montar como mulher feminina”.

Em suma, mesmo que o corpo da mulher ganhe evidência na atualidade e exista toda uma rede prol construção do corpo feminino que inclui exercícios físicos, dietas e procedimentos estéticos e cirúrgicos, tornando-se símbolo de sexualidade e beleza, segundo os estudos de Quintela eles não fazem parte de uma corporeidade feminina, pois não exibem em seus contornos toda a fragilidade, docilidade, recato e sensibilidade que constitui uma essência verdadeiramente feminina.

Essas noções de feminilidade estão intrínsecas nas ideologias de uma Ana ou Mia. Ser feminina vai de encontro até a perda de peso, como a prática de algumas atividades físicas que mesmo sendo reconhecidas como uma boa forma de eliminar calorias, não são praticadas por elas porque podem deixar os corpos “mais masculinos”, como a natação.

Como relatado em todo o percurso desse capítulo, Anas e Mias compreendem o transtorno alimentar da anorexia e bulimia de uma perspectiva muito particular. Embora muitas saibam que essa privação de comida tem consequências graves para suas vidas, não só no organismo, mas como também na vida social, elas acreditam que a Ana é o único caminho possível para que elas alcancem a felicidade. Os distúrbios alimentares passam a fazer parte de seu cotidiano como um estilo de vida que proporcionará, além de um corpo perfeito, toda uma aceitação individual e social. E a rotina na comunidade virtual é vista como uma escada onde cada degrau é alcançado com apoio coletivo, permitindo que elas encontrem a felicidade e tenham uma relação que saia do isolamento quase total em que muitas se encontravam. Os vínculos criados na cibercultura, como a amizade e a profunda interação com pessoas desconhecidas, se torna fundamental para que elas se mantenham firmes no propósito que desejam, de serem magras, lindas, femininas, desejadas.

No próximo capítulo abordarei sobre como as pró-ana s e pró-mias se apresentam e se relacionam fora da comunidade do WhatsApp, mas dentro do mundo virtual, tendo as redes

sociais uma importância significativa para a manutenção do transtorno alimentar da bulimia e anorexia.

### 3. A FUGA DAS BORBOLETAS: UM NOVO OLHAR METODOLÓGICO

No capítulo anterior foram abordadas as relações de sociabilidades criadas dentro da comunidade virtual das Borboletas no WhatsApp, além de uma breve discussão acerca da história e consequência sociais e individuais dos transtornos alimentares da bulimia e anorexia. Neste último capítulo, a intenção é mostrar por meio de uma análise de redes sociais como que as pró-anas e pró-mias se relacionam no Instagram e no Twitter. Essa abordagem permitirá termos uma noção das dinâmicas culturais e sociais criadas pelas Anas e Mias que extrapolam o grupo do Borboletas. Com isso foi possível completar a etnografia virtual que compõe esta pesquisa.

Esta pesquisa se fundamenta pela compreensão do papel e da importância do grupo das Anas e Mias para a manutenção dos comportamentos anoréxicos e construção de sociabilidades, tendo como objeto de estudo a atuação e ações coletivas dessas jovens mulheres nas comunidades virtuais pró-anorexia e pró-bulimia presentes em redes sociais, com especial atenção ao WhatsApp. A proposta defendida traz esse intercâmbio entre diferentes áreas, a partir do estudo dos usos e apropriações das mídias digitais, neste caso a internet, pelas meninas com transtornos alimentares, com especial atenção a algumas questões principais: o aprendizado e as possibilidades de construção do corpo e da identidade no ciberespaço, o consumo e a violência simbólica.

Neste contexto, Quadros (2001) afirma que o espaço cibernético é um espaço de destaque para o encontro da violência simbólica, já que o cenário da web reúne todos os pontos de sucesso das outras mídias. Assim, este é um lugar de grande troca de valores mercadológicos onde tanto o consumo quanto a violência podem ser encontrados. No entanto, as formas de entender e descrever a realidade social no espaço virtual já não podem mais se respaldar apenas nos métodos tradicionais. Diante do crescimento, aceleração e diversidade midiática, o pesquisador deve procurar novas formas e técnicas metodológicas que o auxiliem a saciar suas inquietações e a contemplam a dinâmica cultural do grupo estudado, como no caso das Anas e Mias.

“O fenômeno a pesquisar deve ser construído, entrecruzado, atravessado por métodos que respondam a esse emergir da pesquisa que está sendo elaborada” (DUARTE, 2003, p.2).

Em um questionamento sobre de que forma as questões acadêmicas perpassam às questões cotidianas, Duarte (2003) também faz uma importante reflexão sobre como as discussões relacionadas ao campo pesquisado e à ciência acadêmica podem interferir no olhar do pesquisador. Para o autor, o campo das mídias se define por sua natureza simbólica, não sendo as tecnologias a razão de ser do campo. A função deste é realizar a articulação e a mediação. “Isso demanda um olhar transdisciplinar que permita atravessar diferentes disciplinas para pensar e entender na sua complexidade e paradoxo o fenômeno e o objeto observado” (DUARTE, p.5,2003).

Ao citar Bourdieu quando diz que é preciso acabar com “os monoteísmos epistemológicos e metodológicos”, Duarte (2003) explica a importância de se buscar novas formas de se problematizar tanto as questões culturais quanto as de comunicação e o pesquisador deve estar preparado para se ajustar a essas dinâmicas sociais, respeitando as especificidades metodológicas das humanidades. É preciso procurar novas saídas epistemológicas, mas com o cuidado de não se desconectar de vez das tensões e dificuldades presentes em cada ciência.

“O método proposto pelo pesquisador se adapta a cada objeto estudado, mas não de forma mecânica e fixa, senão por meio da dinâmica do contato com o objeto, sua análise e conhecimento de sua realidade e matéria” (DUARTE, 2003, p.8).

E diante dos diferentes cenários atravessados dentro do próprio ciberespaço durante o percurso desta pesquisa, precisei me adaptar ao objeto estudado. As formas de sociabilidade das Anas e Mias passaram do público para o privado – ao saírem das páginas abertas do Facebook para os grupos fechados do WhatsApp – para, a partir de certo momento da pesquisa, voltarem a ser de domínio público numa incrível dinâmica midiática que se convergia entre blogs, Instagram, Snapchat, Twitter e outras formas de comunicação on-line.

Para Duarte, a comunicação é um processo de trocas simbólicas que se fundamenta na sociabilidade que constitui as culturas, não se reduzindo aos fenômenos tecnológicos. O autor entende a realidade da pesquisa como sendo uma “construção na própria interação dos

sujeitos” (Duarte, 2005, p.8) com valores relativos. Na visão de Boas (2004), a dinâmica cultural está presente na interação entre indivíduo e sociedade. E o antropólogo moderno deve estudar cada cultura como sendo uma cultura em si, respeitando suas similaridades, que inclui seu território ou “desterritório”, como no caso do ciberespaço.

O primeiro método que se oferece, e que tem sido geralmente adotado pelos antropólogos modernos, é isolar e classificar causas, agrupando variantes de certos fenômenos etnológicos de acordo com as condições externas sob as quais vivem os povos entre os quais elas são encontradas, ou de acordo com causas internas que influenciam as mentes desses povos, ou inversamente, agrupando essas variantes de acordo com suas similaridades (BOAS, 2004, p.27).

Dentro dessa busca de encontrar a melhor forma de analisar o grupo social das Anas e Mias, me deparei com inúmeras possibilidades de coleta e análise de dados sem me afastar das Ciências Sociais. Embora tenha utilizado ferramentas e instrumentos da comunicação para a extração de dados (e devido à complexidade do tema, que me exigiu um grau de sensibilidade maior ao olhar para as Anas e Mias), encontrei na etnografia virtual o método que poderia saciar minhas inquietações e me auxiliar na compreensão desta problemática social. Foi utilizado o método descritivo da etnografia tradicional, com a descrição densa proposta por Geertz (1989), mas com o aparato tecnológico da comunicação. “[...] a transdisciplinaridade permite entender – analisar no cenário midiaticizado elementos que nele se fortalecem, tencionam, geram e resistem” (DUARTE, 2003, p.11).

Com isso, devido a um novo olhar que desenvolvi ao conviver ciberneticamente com as Anas e Mias por cerca de um ano, pude entender suas angústias e medos, comecei a prestar mais atenção sobre como as pessoas percebem seus próprios corpos e corpos alheios, fui tomada por uma agonia com cada ato depressivo relatado e fotos de mutilação que elas postavam na comunidade virtual, com cada programação com a família e amigos que foi perdida por medo de ter que comer, com cada ofensa descrita por elas a si próprias e às outras que não seguem seu padrão de beleza estabelecido, por cada mãe que desconhece ou incentiva sem saber o distúrbio da filha.

A minha inquietude epistemológica social estava presente, da mesma forma que a de tantos pesquisadores e etnógrafos que registraram as práticas de diversos grupos sociais ao longo dos anos. E nessa procura por técnicas e métodos de pesquisa, outros dados das Anas e Mias que estavam fora do contexto da comunidade do WhatsApp foram coletados no Laboratório e

Imagem e Cibercultura (Labic). A intenção era ter uma noção maior de como elas se comportam em outras redes sociais já que o fortalecimento da causa da pró-anorexia e pró-bulimia não se dava somente naquela comunidade virtual, justamente pelo fato delas terem os *likes* e/ou curtidas em suas imagens como uma forma de termômetro que mede o grau de beleza de seus corpos.

Mas antes de avançar nas formas metodológicas utilizadas para o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa, é necessário fazer uma explanação sobre o que seria uma comunidade virtual. De acordo com Kozinets (2014), o termo foi desenvolvido por Howard Rheingold (1993), definindo-a como “agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas empreende [...] discussões públicas por um tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço” (RHEINGOLD, 1993, apud KOZINETS, 2014, p. 15).

Para o autor, o fato de a comunidade ser formada por pessoas reais, que interagem socialmente, criam laços sociais e discutem assuntos ligados à sua vida, não deve ser chamada de virtual, e sim de eletrônica ou on-line. E elas se assemelham ainda mais com as comunidades tradicionais na medida em que compartilham normas de comportamento e até aplicam sanções morais.

As comunidades formam ou manifestam culturas, ou seja, “crenças, valores e costumes aprendidos que servem para ordenar, guiar e dirigir o comportamento humano de uma determinada sociedade ou grupo” (ARNOULD e WALLENDORF, 1994, apud, KOZINETS, 2014, p.19).

Recuero (2009a) faz uma discussão sobre o conceito de comunidade virtual, levando em consideração as transformações ocorridas na modernidade juntamente com a reconstrução das principais teorias da Sociologia Clássica. Dentre os vários autores citados pela autora destaca-se Palacios (1998) que enumerou elementos que fornecem características ao conceito de sociedade baseado na coesão social. Entre eles destacam-se o sentimento de pertencimento que estabelece relações sociais, sendo o indivíduo considerado parte de um todo; o sentimento de comunidade; a permanência; a ligação com os outros membros; caráter corporativo; existência de formas próprias de comunicação; a emergência de um projeto em comum; e a territorialidade que seria o *locus* comunitário. Para Recuero (2009<sup>a</sup>), todas essas questões, em especial o senso de pertencimento, a estabilidade para garantir a permanência e um sentimento entre os membros, promovem a afetividade que manterá a comunidade virtual.

No período anterior à modernidade e à urbanização, o sentido de comunidade, segundo Recuero (2009a), estava ligado a uma ideia de família, de comunidade rural, na qual os membros se reuniam para passar o tempo, compondo a ideia de comunidade de Sociologia Clássica. Com o surgimento das grandes sociedades, o sentido desapareceu na teoria, mas manteve-se na prática. Rheingold (1995) explica que esse desaparecimento da comunidade na vida moderna está relacionado à ausência de lugares para se reunirem denominados por ele de *texttrigreat good places*. Para o autor, a vida cotidiana é composta por três tipos de lugares que são o lar, o trabalho e os “terceiros lugares” que são os locais onde são criados laços sociais fora dos outros dois lugares, constituindo ambientes propícios para a relação social como uma igreja, praça, bar, clube entre outros. Isso ajudaria a formar o sentimento de comunidade. Com o desaparecimento desse “terceiro lugar”, devido ao desenvolvimento urbano, os indivíduos estariam perdendo o sentimento comunitário.

Pelo fato de comunidade virtual não possuir um *locus* específico, mesmo existindo sociações e sociabilidades, o conceito foge da teoria da Sociologia Clássica de que uma comunidade precisa de um agrupamento humano dentro de uma base territorial. Dentro dessa discussão, Jones (1997) separa comunidade virtual do lugar que ela ocupa no ciberespaço. Para ele, uma comunidade virtual está associada à existência de um *virtual settlement* (estabelecimento virtual), que seria um lugar cibernético onde ocorre a interatividade delineada por tópicos de interesses.

Dentre as características descritas por Jones (1997) para a constituição de uma comunidade eletrônica está a existência de um espaço público com uma quantidade significativa de pessoas ligadas pela Comunicação Mediada por Computador (CMC) com interação constante. O autor faz uma importante diferenciação entre o conceito de público e privado dentro do ciberespaço. Público seria a comunidade virtual onde as mensagens são trocadas e todos os membros e\ou associados têm acesso; privado seria o espaço no qual ocorrem as trocas de mensagens individuais.

Nesse sentido, com a interação ocorrendo no espaço público da comunidade, sua base territorial passa a ser o ciberespaço, um *locus* virtual com fronteiras simbólicas e não concretas que utiliza diversas plataformas, sendo o WhatsApp uma delas. Além disso, entre as características essenciais para compor uma comunidade virtual Jones (1997) afirma que é

necessário que as mensagens tenham uma sequência, tendo relação uma com as outras (posteriores com anteriores), como ocorre no Borboletas.

Fazer parte de um grupo e estar em contato constante com ele é cada vez mais comum na vida das pessoas. As comunidades on-line se tornam “lugares’ de pertencimento, informação e apoio emocional” (KOZINETS, 2014, p.21), como no caso das Anas e Mias. Para se ter uma ideia do tamanho dessa interação mediada por computador, somente a rede social Facebook possui 1,32 bilhão de usuários ativos<sup>29</sup>.

Segundo a pesquisa Annenberg realizada em 2006, uma comunidade on-line é significativamente importante para nossa sociedade porque ela perpassa o mundo virtual e permite o encontro face a face: 52% dos entrevistados, que são membros das comunidades, disseram que se encontravam com outros membros.

A maioria dos membros das comunidades on-line conecta-se com sua comunidade ao menos uma vez ao dia; 29% delas, várias vezes ao dia – lembrando que a pesquisa excluiu os Websites de redes sociais desses números. Os números do projeto Annenberg harmonizam-se muito bem com o achado do Pew Internet Report (2001) de que 79% dos que foram pesquisados mantiveram contato regular com ao menos uma comunidade (KOZINETS, 2014, p.20).

Diante desse intenso crescimento dos grupos de discussão mediados por meios eletrônicos, não é de se admirar que jovens que apresentam distúrbio alimentar encontrem um refúgio nessas comunidades. Com crenças, valores e convenções morais bem determinados, aquele grupo específico e seletivo se depara com uma nova forma de viver e experienciar a realidade, que se torna dinâmica ao mesmo tempo em que precisa criar um diálogo entre os dois mundos. Neste caso, o mundo das Anas e Mias, que existe dentro das comunidades eletrônicas, é o das mesmas jovens que precisam conviver omitindo suas enfermidades perante a sociedade.

As novas tecnologias mudaram a forma como as pessoas se relacionam com as outras e com o mundo, sendo as experiências sociais on-line significativamente distintas das experiências face a face. Segundo Kozinets (2014), o ingresso na comunidade on-line é diferente, pois

---

<sup>29</sup> Ver: <http://www.tecmundo.com.br/facebook/60937-facebook-chega-1-32-bilhao-usuarios-atinge-80-brasileiros-Web.htm>

diverge em termos de “acessibilidade, abordagem e extensão da potencial inclusão” (2014, p.12). O autor conta que, diferentemente da Web 1.0, que em suas etapas iniciais presumia-se que os participantes dos grupos on-line quase nunca se encontravam fisicamente e mantinham seu anonimato de forma vigilante, teve sua noção revista a partir do momento em que se percebeu que algumas reuniões on-line, como em fóruns, eram um tipo de comunidade. E com o surgimento da Web 2.0 a interatividade se ampliou por meio dos blogs, vlogs, wiki, grupos de discussão entre outros. Sobre a Web 2.0, Primo (2007) a define como:

A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. A Web 2.0 refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web syndication, etc), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados por computador (PRIMO, 2007, p.1).

E completa:

A Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática (PRIMO, 2007 p.1).

Citando O’Reilly (2005), Primo (2007) destaca uma importante característica da Web 2.0 que é a formação da arquitetura da participação, que permite a interconexão e compartilhamento entre os usuários. Para O’Reilly, quanto mais pessoas compartilham informações, melhores se tornam os serviços na Web. E essa concepção pode se estender para as militâncias sociais e/ou ativismos no ciberespaço. Quanto mais Borboletas na rede, mais fortalecida se torna a causa corporal. E nessa gestão coletiva do trabalho comum encontra-se a interação, uma construção grupal que se torna mais forte quando há laços sociais envolvidos, unidos por interesses em comum.

A interação social é caracterizada não apenas pelas mensagens trocadas (o conteúdo) e pelos interagentes que se encontram em um dado contexto (geográfico, social, político, temporal), mas também pelo relacionamento que existe entre eles (PRIMO, 2007, p.7).

Entre as mudanças mais significativas proporcionadas com o advento da internet, Recuero (2009a) aponta a sociabilidade e possibilidades de expressão que são feitas por meio de ferramentas de comunicação mediada pelo computador. Dessa forma, os atores, também chamados de nodos, interagem, ajudam na construção da rede e se comunicam com outros usuários. E no ciberespaço, um ator pode ser identificado por meio de um perfil na rede social

do Twitter, Facebook, Instagram, blog entre outros, o que dá a ele características próprias dentro da rede.

Recuero (2009a) diz que o estudo das redes sociais na internet requer também o estudo de seus elementos e processos dinâmicos, focando na problematização das estruturas sociais, sobre seu surgimento, tipos e composição. A rede social é constituída por atores que formam os “nós” ou “pontos” (pessoas, grupos ou instituições) e suas conexões, que são os laços sociais e as interações. Diante disso, pode-se saber como essas interações mediadas por computador podem gerar trocas sociais e fluxos de informação que acabam por impactar nessas estruturas. E essas conexões são mediadas por sites de redes sociais, como o Facebook, ou o aplicativo WhatsApp que também pode ser acessado via Web, além dos smartphones.

“Os processos de difusão das informações são emergentes e resultados das interações e dos processos de conflito, cooperação e competição” (RECUERO, 2009a, p.116).

No período de coleta de dados o Facebook não foi utilizado devido à constante exclusão das fanpages e perfis que faziam alusão a comportamentos autodestrutivos como a anorexia e bulimia. Isso dificultou que dados fossem retirados dessa rede social.

A rede (Facebook) costuma remover posts por escrito, fotos e vídeos que encorajem distúrbios alimentares como bulimia ou de automutilação. Nos Estados Unidos, o site trabalha em parceria com a Clinton Foundation e Jed Foundation para oferecer assistência a pessoas em situação de angústia. (SOARES, 2014).

Perante esse empecilho, a equipe do Labic me auxiliou na coleta de dados de outras redes sociais, o Instagram e o Twitter. Todos os dados foram retirados de perfis abertos de usuários que procuram formas de resistir e burlar as regras de conduta da rede, fazendo alusão à ideologia do comportamento anoréxico. Dessa forma tive a possibilidade de constatar que as jovens mulheres que se reúnem no WhatsApp são apenas uma ínfima porcentagem de “borboletas” nesse enorme panapaná<sup>30</sup> que é a rede no ciberespaço.

Porém, essa forma de cartografar a rede provoca um afastamento maior do acadêmico com o grupo estudado pelo fato de diminuir o grau de interação do pesquisador com os usuários, tendo uma visão mais geral do que acontece na rede por meio de dados e estatísticas. Nesse

---

<sup>30</sup> Panapaná: coletivo de borboleta

ponto, toda a coleta é realizada por programas e scripts tecnológicos no qual não é possível ter um grau maior de envolvimento como se tem no WhatsApp, por exemplo.

Como o pesquisador deve caminhar seguindo seu objeto de pesquisa, se a sociabilidade entre as Anas e Mias foi se desenvolver em outras redes sociais, pensei na importância de saber mais sobre o assunto. Após a Foto-Pesagem, as borboletas tendem a voar pela rede e se conectam a outras que conseguiram despertar a atenção do público ou às que buscam o mesmo sucesso, contemplando o resultado da metamorfose de suas companheiras que servem de fonte de inspiração. Nesse grande bando abrigado pelo ciberespaço, não há como saber quem é do grupo do WhatsApp das Borboletas, mas é possível descrever as dinâmicas do comportamento anoréxico desses atores nas redes sociais que se conectam por nós (ou pontos) e arestas.

“[...] conexões são aqueles elementos que unem os atores em grupos sociais (representados pelos grafos, pelas arestas) e abarcam, principalmente, os laços e relações sociais” (RECUERO, 2009 b, p.3).

Para apresentar os resultados da etnografia virtual decorrentes de um ano de acompanhamento no grupo das Borboletas precisei usar a técnica da observação flutuante – sem minha interação e participação direta –, o que não me impediu de estar a par a todo o instante de tudo o que foi dito e vivido no grupo das Borboletas. Essa forma de observação permitiu que elas estivessem à vontade, sem se sentirem pressionadas por dar uma resposta correta ou limitada diante da minha presença como pesquisadora.

Uma das possibilidades de se estudar o imaginário virtual e seus atores sociais se faz pelo método da observação. Assim como é comum para a antropologia, a observação no ciberespaço é relevante. Porém, devido à natureza desterritorializada do ciberespaço, o que se pergunta é a forma de se fazer a observação participante à distância. A premissa básica da aproximação ao objeto de estudo merece, então, um redirecionamento (ROCHA e MONTARDO, 2005, p.9).

Segundo Kozinets (2014), durante uma pesquisa muitas netnografias combinam diversas técnicas durante seu processo de elaboração, de forma a complementá-la. Para o autor, muitas dessas técnicas podem atuar em harmonia menos intrusiva do que a etnografia tradicional, tendo como vantagem “(...) a opção de espreitar invisivelmente, ou a possibilidade de recuar no tempo para rastrear com perfeição conversas comunais” (KOZINETTS, 2014, p.58), que são proveitos que os etnógrafos em pessoa não possuem. De acordo com o autor, a etnografia

virtual possui um conjunto de procedimentos e práticas próprios que são adaptados de acordo com a dinâmica da pesquisa e do grupo estudado, distinguindo da conduta face a face.

Partindo do princípio de que a netnografia é uma metodologia recente que tem como base o estudo das dinâmicas sociais e culturais on-line, ela não se difere, na sua essência, da etnografia clássica definida por BASTÁN (1995) como sendo “(...) o estudo descritivo da cultura de uma comunidade, ou de algum de seus aspectos fundamentais, sobre a perspectiva de compreensão global da mesma” (1995 apud ROCHA e MONTARDO, 2005, p.3), sendo o campo virtual sua principal distinção. Porém, por ser um método com bases antigas, mas técnicas recentes, ainda não há padrões claramente definidos para sua execução, mas há diretrizes que devem ser seguidas como as relatadas a seguir por Kozinets:

“A netnografia, portanto, segue esses seis passos da etnografia: planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, garantia de padrões éticos e representação de pesquisa” (KOZINETTS, 2014 p.62).

Devido a essa novidade, o pesquisador precisa encontrar formas de combinar métodos e técnicas na etnografia virtual, que foram elaborados para outras situações e contextos, e adequá-los para a nova realidade empírica. As autoras Santos e Gomes (2013) enfatizam a necessidade do pesquisador de campo das ciências humanas e sociais não se aterem somente a dados estatísticos para entender os fenômenos e dinâmicas culturais.

Estudos empíricos conduzidos em espaços virtuais de socialização enfrentam o desafio de definir um método que seja apropriado e consiga propiciar o levantamento e a análise das dinâmicas sociais e culturais próprias do ambiente estudado segundo os objetivos previamente fixados (SANTOS e GOMES, 2013, p.1).

No entanto, embora o desempenho da pesquisa dependa, em alguns casos, da utilização de multimétodos, Beneti (2010 apud SANTOS e GOMES, 2013) defende a observação não participante na fase exploratória do estudo do comportamento on-line. Isso porque durante o campo pode surgir um grau de envolvimento do investigador com os “nativos” originando algumas posturas que podem influenciar na pesquisa, já que o ambiente virtual está disponível a todo o instante.

O grau de envolvimento do pesquisador *insider* nas etapas posteriores depende dessa observação inicial. Dentre essas posturas que podem surgir no campo virtual, as autoras citam

a *newbie*, na qual o pesquisador opta pela observação não participativa, a *lurker*, na qual o pesquisador frequenta blogs, chats e fóruns, mas mantendo o anonimato ao não participar das discussões, ou a *flaneur*, que remete ao “personagem popularizado por Baudelaire que leva a vida observando o burburinho da cidade, em itinerários errantes” (SANTOS e GOMES, 2013, p.7).

Para acompanhar a movimentação das *personas* nos espaços virtuais, alguns pesquisadores têm adotado a técnica de participação flutuante, conforme proposto por Péttone (2008). Esse método coloca o pesquisador na posição de flaneur, fazendo-o seguir o fluxo nômade de seus pesquisados, estando a mercê dos acontecimentos e das circunstâncias (SANTOS e GOMES, 2013, p.8).

Há ainda, segundo as autoras, a possibilidade de haver uma combinação entre os métodos, dependendo do direcionamento da pesquisa.

### 3.1 MUDIATIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL E RESISTÊNCIA NA REDE

A intimidade se transformou numa verdadeira troca de *likes*. Anas e Mias vivem em constante busca de uma individualidade, uma diferenciação que termina na ambiguidade de querer se igualar às demais, numa tentativa de normalização corporal baseada no próprio conceito do que é ser normal e de que corpo é considerado perfeito. Para essas jovens mulheres, ser gorda é anormal por não ser uma situação aceita na sociedade moderna, como mostrado nos capítulos anteriores. Na visão das Anas e Mias, o que realmente pode trazer felicidade é a diminuição do peso refletido na balança:

NATI: Sai dos 58. Fiz avaliação na academia .. Considerando que estou menstruada e inchada ele me pesou e deu 55

DEBY: Parabéns Nati. Tá tão sumida Tipo eu kkkk

GINA: Parabéns Nati! Feliz demais por vc flor (14 de agosto de 2014)

MELISSA: Oii meninas estava sumida esses dias. Me pesei ontem e emagreci 1 kilo. E pouco mas sei la estou feliz

ANDREA: Oiii

MILI: Q bom Melissa

MELISSA: Siim • (22 de agosto de 2014)

Eu fico mega feliz com 1 kilo perdido, e vejo aqui que tem meninas assim tbm (Cláudia) (22 de agosto de 2014).

Fico super feliz quando perco 1 kilo tbm (Melissa) (22 de agosto de 2014).

So de saber q almocei e nao engordei já me sinto mega feliz! (Gina) (22 de agosto de 2014).

CAROL: Essa fit do short foi essa semana q fui provar um short e fiquei feliz por ter ficado largo na cintura. Fiquei realmente feliz esse dia kkkkkk esse tipo de coisa n acontece sempre

GINA: Ql seu peso e altura?

CAROL: Eu acho q to pesando 50 agr, tava com 49 mas com crtz engordei, tenho 1,73/74  
(22 de agosto de 2014).

Eu era feliz quando pesava 70 kilos. Nao completament feliz mas era (Melissa) (23 de agosto de 2014).

Meninas emagreci mas um kilo. fiquei feliz (Melissa) (26 de agosto de 2014).

MELISSA: Estou. mtmt feliz

CÁSSIA: O q houve Melissa ?

MELISSA: A minha calca que minha mae comprou nao estava servindo e acabei de colocar e serviu

PÂMELA: Q bom, qual o motivo magrela ?

DRIELLY: Eu n consigo pensar em n ter balança. Peso me sempre

MELISSA: Mds estou mtmt feliz de vdd

PÂMELA: Aiiii q bom parabéns

(22 de agosto de 2014)

Da mesma forma, no percurso da pesquisa pude notar que muitas se sentem infelizes por se sentirem gordas ou mesmo por ter o distúrbio alimentar que as impedem de comer sem culpa e de se aceitarem. No entanto, há uma contradição em seus anseios. Elas sofrem por terem que levar essa vida de privações, muitas manifestaram o desejo de abandonarem a ana e mia, mas nenhuma delas tem coragem de serem apenas mais uma na rede, de continuarem sendo quem são. Querem ter seu estrelato, precisam brilhar.

DEBY: Sabe oq essa imagem me diz? O quanto as magras são felizes despreocupadas e naturalmente sexy. Eu quero isso pra mim (Deby) (30 de abril de 2015).

Deby é difícil mas ser magra linda e perfeita não é fácil senão todas seriam... Só as fortes vencem... E vc é forte (Gina) (12 de maio de 2015).

MIRELA: Apesar de tudo é das gostosas que os homens gostam

TIANE: Fodasse os omis

NAYARA: Hahaha. Concordo. Foda se. Eles falam que gostam. Mas alguem já viu uma angel<sup>31</sup> solteira??

TIANE: Eles gostam é de ppk. O resto é bônus

MIRELA: Elas são lindas e Ricas

ANTÔNIA: Eu gosto de corpo magro

NAYARA: Eu gosto de corpo magro e proporcional

ANTÔNIA: Nada de coxao bundao nao curto

---

<sup>31</sup> Angel na concepção das Anas e Mias é uma mulher magra, delicada, com contornos leves, que se parece com um anjo.

MIRELA: Eu acho que ser magro é elegante. Por isso busco ser  
 ANTÔNIA: Acho mais femenino  
 NAYARA: Cara ate a waleska popozuda se ligou que tinha que emagrecer  
 ANTÔNIA: Kkkkkk  
 MIRELA: Magreza leveza delicadeza. Quero ser magra  
 NAYARA: Concordo plenamente. Nenhum cara quer casar com essas mina que parece panicat. Pq já pensam que são putas e deram p um monte Papo reto tah  
 (20 de maio de 2015)

TIANE: Gosto daquela magreza que faz a pessoa parecer uma criança  
 NAYARA: Muitos amigos já me disseram  
 MIRELA: Mais não acho legal debochar , e zombar de quem é diferente  
 (20 de maio de 2015)

GERUSA: o dia foi perfeito e agora veio essá fome. não comi nada  
 DAIANA: Entao. Imagina 24h sem comer O orgulho q vai vir. Vc vai ficat magra  
 NATI: Verdade Daiana  
 DAIANA: E aí vai poder comer. Forçaaa Gerusa! N vale a pena comer. Eh melhor ser magra e desejada  
 IEDA: água ajuda!  
 GERUSA: tá. eu vou resistir  
 (24 de março de 2015)

DEBY: Ain gente. Eu queria tanto ser linda Como a Isabella. Como a Anahi  
 PAULINA: Eu. tbm invejaaaaa  
 DEBY: Essas mulheroos poderosas perfeitas  
 PAULINA: Mtoooo  
 (16 de agosto de 2014)

E esse fato de quererem ser notadas é facilmente observado quando elas expõem seus corpos e sua intimidade no ciberespaço, midiaticando suas vidas. Para elas, não serem percebidas nas redes sociais, serem excluídas de processo de visibilidade que a rede proporciona se assemelha a ser excluído na sociedade, pois sua beleza é medida pela quantidade de *likes* e curtidas que apresenta cada foto. “Nós não vivemos com a mídia, vivemos na mídia” (DEUZE, 2012, apud HOLANDA, 2015).

As práticas de sociabilidade virtual propiciam a exteriorização da intimidade contribuindo para que mais jovens queiram estar na mídia. E junto com essa sociabilidade aparece o sentido de comunidade propiciada por uma sociação de meninas que têm os mesmos anseios, dúvidas e angústias. E o ciberespaço se tornou o lugar de encontro de todos esses sabores de suas vivências. Por isso, já não é possível negar a dinâmica sociocultural dessas micro-organizações on-line da mesma forma que não se pode ignorar seus distúrbios e o uso que elas fazem de seus corpos. Porém, se o WhatsApp serve como um diário coletivo que oferece apoio à causa ana e mia, como citado anteriormente, as redes sociais já não permitem que esse tipo de comportamento autodestrutivo seja divulgado. Mas como lidar com essa dicotomia de

querer estar na rede e não poder estar nela? Como fortalecer a pró-anorexia e pró-bulimia se toda forma de alusão feita ao transtorno alimentar é banida do ciberespaço?

Diante dessa situação, assim como fizeram quando o Facebook deletou as páginas pró-ana e mia, essas militantes da causa corporal encontraram novas formas de resistir à opressão dos sites das principais redes sociais e conseguem se camuflar a fim de continuar no mundo virtual. Afinal, depois de tantos sacrifícios na busca pelo corpo perfeito, elas precisam divulgar esses resultados por menor que eles sejam, justamente para saberem se o seu público/sociedade está reconhecendo todo esse esforço individual que teve apoio coletivo num tentativa de se adequarem às normas pré-estabelecidas da magreza que fogem do universo simbólico estabelecido no Facebook.

Para Malini e Antoun (2013) a comunidade ativista transformou o sentido da palavra resistência no ciberespaço em algo prático, não se deixando mais aceitar as determinações do Estado, seus dispositivos de governo e instituições de poder quando se trata de manifestação. “Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente” (idem, p.142).

Baseando-se numa definição de Spinoza que diz que homem livre é “aquele que se realiza na sociedade civil, onde se vive de acordo com leis comuns, e não na solidão e no isolamento, onde se obedece apenas a si mesmo” (MALINI e ANTOUN, 2013, p.160)”, os autores debatem essa não-liberdade no ciberespaço através do biopoder de Foucault (1977) que está presente na rede como uma nova forma de “governar a liberdade” dos indivíduos.

Na lógica do biopoder, já não se governa somente o corpo da população, mas todo o seu ambiente, a sua comunicação, os seus conhecimentos e seus afetos, através da geração incessante de riscos. O risco serve para limitar a independência (portanto, ação livre), expandir o medo e a aceitação de discursos e práticas de segurança (MALINI e ANTOUN, 2013, p.161).

A censura na rede se torna uma forma de reduzir a cooperação e a comunicação entre os usuários, limitando os assuntos que podem ser discutidos no ciberespaço. Com isso, os internautas se sentem oprimidos, desviando por outros caminhos da Web de forma a conseguir se manifestar. Mesmo não tendo a liberdade desejada e com receio de ter suas ações

limitadas novamente, Anas e Mias encontram meios de se exporem nas redes sociais e comunidades virtuais.

Como o WhatsApp ainda não sofre censuras, e mesmo assim elas buscam mudar o nome do grupo sazonalmente para que não sejam censuradas, nas outras redes sociais suas ações se tornam um tanto mascaradas. Um exemplo é na exposição de corpos anoréxicos no Instagram, mesmo que a rede, assim como o Facebook, proíba essa prática de alusão e disseminação de comportamentos autodestrutivos. Como forma de burlar a rede, elas usam hashtags e palavras-chaves que ainda não foram proibidas ou descobertas na rede, atraindo a atenção dos demais usuários. Como afirmaram Malini e Antoun, a internet transborda fronteiras.

“Porque, dentro da rede, multiplicam-se processos de cooperação social que resultam em redes de valorização social e de produção de subjetividades alternativas” (MALINI e ANTOUN, 2013, p.194).

A pesquisa partiu de uma perspectiva micro, que foi a vivência na comunidade virtual do WhatsApp, para uma visão macro, que é a posição das jovens nas demais redes sociais. Anas e Mias querem mostrar que estão buscando formas de se adequar a um dos padrões corporais aceitos pela moderna sociedade ocidental, mas são censuradas porque suas ações não são consideradas atitudes normais. Elas se deparam com o discurso médico que diz a forma correta de emagrecer, sendo a anorexia um meio não-saudável de conseguir perder peso. Portanto, a censura na rede é uma tentativa de calar vozes de jovens, mas de acordo com Malini e Antoun (2013), no campo da circulação midiática, a Internet se tornou uma mídia de vazamento.

Assim, no novo pacto hegemônico do capitalismo 2.0, o compartilhamento deve ser controlado ao mesmo tempo em que é difundido. Ao gerir o compartilhamento, esse capitalismo não trata de comandar a produção, mas de controlar a circulação, gerir o tempo de socialização do conhecimento, do saber, da criação (MALINI e ANTOUN, 2013, p.200).

Embora as postagens no Instagram e Twitter sejam ações de caráter mais individual se comparadas com a vivência numa comunidade virtual, os laços sociais também estão presentes nesses espaços. Cada comentário, retuíte, curtida, *like* se torna uma forma de interação com outro usuário da mesma rede social, estabelecendo assim um vínculo no ciberespaço que pode tanto ser positivo quanto negativo.

Assim, travestido de aura resistente, a quantidade de retuítes, a quantidade de links trocados, a quantidade de comentários, a quantidade de atualizações, a quantidade de curtidas, faz valer o poder de ‘pequenas maiorias’ que produzem verdades universais através de uma política conservadora do link. (MALINI e ANTOUN, 2013, p.203).

Segundo Biondi (2015), os sujeitos se apropriam dos recursos tecnológicos que se desenvolvem a todo o instante, e que se tornam cada vez mais comuns em seu cotidiano e, a partir disso, passam a existir na rede relatos, por vezes dolorosos, de suas “vivências ordinárias”. Dessa forma, por meio da exposição de uma “cartografia de trajetórias individuais”, os atores exploram diversas temáticas sociais que podem variar entre fazer uma *selfie* num passeio turístico ou diante de um acidente com vítimas, renovando e dando sustento ao interesse pela vida e sofrimento tanto pessoal quanto alheio. O que poderia explicar tanto a necessidade de expor fotos depressivas, de mutilação ou exibição total da magreza quanto o de pessoas que corroboram com essas postagens.

[...] a crescente espetacularização da vida privada alimenta um fluxo de anônimos ensandecidos pela corrida de “fama e fortuna”, que circunscreve seus atores em um processo de superficialidade intelectual e valorização narcísica conduzido pelas estratégias de poder flexíveis próprias à lógica do consumo ocidental (BIONDI, 2015, p.3).

Para Biondi (2005), o intuito de mostrar sofrimento na rede é proporcionar interações afetivas entre os internautas. Curtidas, comentários e compartilhamentos afirmam a legitimidade da causa graças à solidariedade contemporânea por parte de quem observa as postagens. “Quanto mais pessoas visualizarem, curtirem e compartilharem certa ocorrência postada, maior parece ser a força mobilizadora e afirmativa do fato, que potencialmente adquire o estatuto de uma causa” (BIONDI, 2015, p.5).

### 3.2 ANÁLISE DO INSTAGRAM

Com a finalidade de saber como se dá a manifestação das pró-anas e pró-mias no Instagram foi necessário descobrir quais palavras-chaves elas usavam para identificarem suas fotos. Como as palavras “proana”, “promia”, “proanorexia”, “probulimia” dentre outras tags conhecidas foram banidas da rede, foi preciso utilizar, primeiramente, um site que me desse variações de hashtags.

A equipe do Labic, que me auxiliou em todo o processo de coleta de dados, me indicou o site Websta.me, que me mostrou outras palavras-chaves semelhantes que estavam sendo usadas pelos usuários da rede para identificarem suas imagens. A partir disso, as palavras “proanna” “promiaa” e “thinspo” conduziram a pesquisa. No início optei por usar, também, outras palavras que são muito utilizadas pelas anoréxicas como magra, balança, gorda, anorexia e bulimia. Entretanto, essas palavras não apresentavam somente fotos que indicavam transtorno alimentar, e sim imagens de todos os tipos e, diante da enorme quantidade de postagens com essas tags, o sistema do Labic parou de coletar quando o número chegou aos nove milhões de fotos. O próprio Instagram não permitiu mais a coleta durante cerca de 24 horas. As milhões de imagens com as tags anorexia e bulimia, por exemplo, que travaram o sistema, estavam relacionadas ao combate à doença e não à sua apologia.

Para realizar a coleta de imagens do Instagram relacionadas a essas hashtags que representam uma luta pró-transtorno alimentar foi utilizado o programa denominado Letícia, desenvolvido no Labic. Ele foi criado a partir de outro software, o Java e do API (Interface de Programação de Aplicativos) do Instagram, sendo API um conjunto de ferramentas que o Instagram oferece para construir scripts que funcionem a partir dele. O script detecta imagens de perfis fechados, mas somente coleta fotos compartilhadas em perfis abertos, ou seja, perfis nos quais qualquer usuário pode ter acesso não precisando de aprovação para ser seguidor daquele perfil.

O Letícia funciona a partir de um comando onde serão definidas as informações a serem coletadas: tags coletadas tanto de perfis quanto de comentários, desde quando quer que colete, onde quer que salve o documento, se deseja fazer download das imagens e vídeos e/ou somente gerar um arquivo de dados. O tempo de coleta varia dependendo da quantidade de posts compartilhados na rede social. E como nem todos os usuários do Instagram postam sua localização, não foi possível delimitar a pesquisa por país ou mesmo saber a predominância de países ou regiões que compartilham essas imagens.

As imagens foram coletadas sem período de tempo específico, ou seja, desde o início das postagens que apresentavam essas tags escritas e cada palavra-chave foi organizada em uma pasta. Em cada pasta havia um documento em formato csv, disponibilizado em planilhas que poderiam ser abertas no programa Excel, do Windows, ou programas semelhantes. Também foram reunidas todas as imagens coletadas de perfis abertos.

Durante a busca de imagens pró-anas e pró-mias pode-se notar a diferença de cor e saturação em cada tag, destacando a importância de se analisar o parâmetro cor dentro de um grande número de imagens em busca de uma padrão visual.

A cor pode ser um elemento de extrema valia, identificada através do caráter numérico do arquivo digital que pode nos apontar para uma série de padrões e questões de grandes conjuntos de dados (HONORATO, CARREIRA e GOVEIA, 2014, p.3).

Na classificação, as imagens maiores que ficam no topo são aquelas que tiveram maior número de *likes* e na medida em que se percorre a imagem até chegar à parte inferior vê-se o número menor de imagens curtidas. Segundo os autores supracitados, a cor como critério de organização pode revelar os sentimentos presentes nas participantes. E mesmo sendo transtornos alimentares que às vezes são similares ou que, por vezes, se completam, há uma diferença de saturação nas imagens. E se nos basearmos nos conceitos de psicologia e comunicação visual, cada cor expressa nas fotos e imagens pode denotar um sentimento ou uma sensação que o usuário sente ou deseja expor.

“[...] um grupo de imagens da mesma cor pode representar todo um pensamento acerca de algum fato ou movimento, mostrado além das características visuais iniciais” (HONORATO, CARREIRA e GOVEIA, p.14, 2014).

No artigo denominado Psicodinâmica das Cores, Freitas (2007) diz que é comum associarmos significados conotativos às nossas sensações visuais como, por exemplo, “estou vermelha de vergonha”. A autora explica que associação se deve as três ações exercidas pelas cores numa comunicação visual, que é a de causar uma impressão na retina, comunicar uma ideia por meio da construção de uma linguagem própria e provocar algum tipo de reação em quem observa a imagem.

É tamanha a expressividade das cores que ela se torna um transmissor de ideias, tão poderoso que ultrapassa fronteiras espaciais e temporais. Não tem barreiras nacionais e sua mensagem pode ser compreendida até por analfabetos (FREITAS, 2007, p.1).

Como pode-se notar nas figuras que seguem abaixo, há uma predominância de tonalidades de cinza, preto e branco, que são chamadas de cores acromáticas porque suas sensações visuais, segundo Freitas (2007), se estabelece somente na dimensão da luminosidade. São as cores frias, que emitem sensações de frieza e distância.

Através de experimentos feitos por Rorschach, foi descoberto que caracteres alegres correspondem intuitivamente à cor, enquanto as reações de pessoas deprimidas correspondem à forma. Pessoas sensíveis, que se deixam influenciar, e que têm tendência à desorganização e a oscilações emocionais, são geralmente indivíduos que têm preferência pela cor. O temperamento frio, controlado e introspectivo, são características daqueles que reagem à forma (FREITAS, 2007, p. 4).

Entre as sensações acromáticas, o branco pode ter uma associação afetiva que remetem, de acordo com Freitas (2007), à limpeza, pureza, alma, paz, ordem, divindade e infância. Em relação ao preto, na associação afetiva ele pode significar desgraça, tristeza, melancolia, dor, angústia, renúncia e intriga, sendo de caráter angustiante e expressivo. O cinza, por sua vez, é afetivamente associado à velhice, passado, tristeza, sabedoria e aborrecimento. Ele remete a uma ideia e sensação de isolamento e de não querer se envolver. Tem uma forte presença emocional.

Baseado nos estudos de Lüscher, Freitas (2007) explica que a cor preta geralmente indica uma atitude negativa diante da vida. “A preferência por essa cor denota revolta do indivíduo contra o destino, ação insensata e precipitada. Obstinadamente ele quer renunciar a tudo” (FREITAS, 2007, p.9).

### #Thinspo

Na coleta realizada no dia 12 de agosto de 2015 pelo Labic, 552 imagens com a palavra-chave “thinspo” foram colhidas nos perfis abertos do Instagram sem uma data específica, ou seja, vieram resultados desde o primeiro dia em que “thinspo” foi usada na rede social. O mesmo acontece com as outras palavras-chaves proamiaa e proanna. Nessa busca não foram encontradas postagens anteriores ao ano de 2014.

A pesquisa retornou uma tabela organizada por URL de cada foto, nome do usuário, número de *likes* da foto aberta, latitude e longitude de algumas fotos, filtros usados para dar uma cor diferente à imagem, data de postagem e comentários. Também notou-se uma predominância da Língua Inglesa tanto nas descrições das fotos quanto nos comentários. A foto mais curtida obteve 212 *likes*.

O grafo apresenta uma predominância de cores acinzentadas com corpos de mulheres extremamente magras que, em sua maioria, não revela o rosto. As partes do corpo mais exibidas são as pernas e abdômen. Muitas mulheres estão usando somente roupas íntimas nas fotos, aparentando uma intenção de mostrar a magreza em sua forma desnuda. O grafo também contém algumas frases motivacionais de pró-ana e mia e também foto de mutilação, sendo a segunda mais curtida, com 154 *likes*.

A organização das fotos segue a ordem de esquerda para direita e superior para inferior, obedecendo à relevância de mais curtida pra menos curtida. O resultado também revela fotos com corpos de antes e depois de uma possível dieta, sendo a foto de “antes” sempre mostrando um corpo com mais peso do que a foto de “depois”, com corpos mais magros. Tanto nas fotos quanto nos comentários também foram encontrados símbolos e mensagens de desprezo pelo próprio corpo. As fotos de thinspos, em sua maioria, são de pessoas comuns, no sentido de não serem famosas, numa demonstração de que é possível obter o corpo que se deseja.

As imagens mais coloridas são as duas primeiras mais curtidas que mostram, a primeira, uma mulher magra aproveitando um momento na praia e, a foto seguinte, de uma pessoa que sugere ter cometido um ato de mutilação na qual se vê sangue, que dá cor à imagem, escorrendo e caindo na pia.

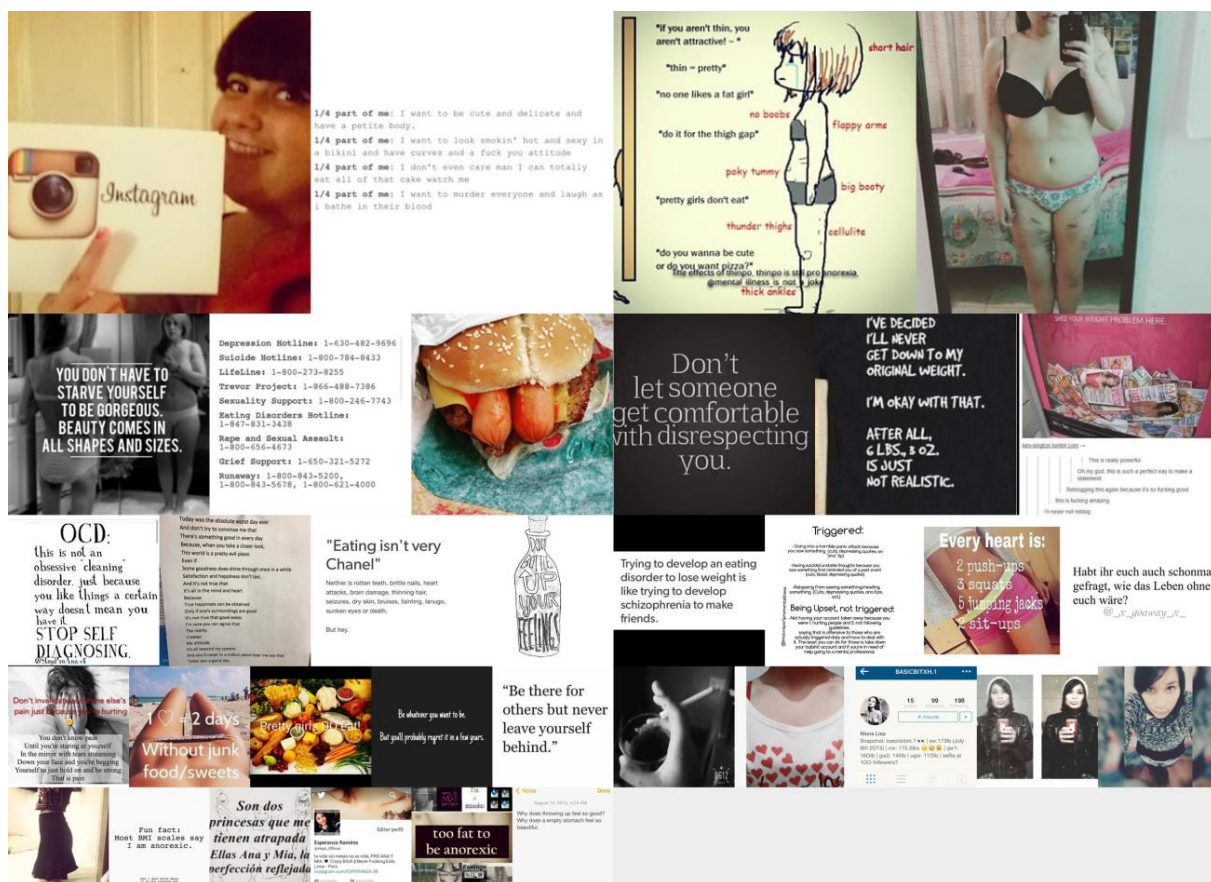


## #Promiaa

A pesquisa com a palavra-chave *promiaa* retornou 35 postagens, todas referentes ao ano de 2015, com predominância da Língua Inglesa tanto nas descrições das fotos quanto nos comentários. A foto mais curtida obteve 165 *likes*. Nas poucas imagens coletadas do *promiaa* percebe-se muitas frases postadas como imagens que divergem nas opiniões. Tanto podem ser de estímulo ao padrão corporal *ana e mia*, quanto pode ser de autoafirmação, de tentar ser feliz com o próprio corpo.

A quarta foto mais curtida, com 99 *likes*, mostra uma pessoa do sexo feminino que não revela seu rosto por completo, aparentando estar acima do peso permitido pelas pró-anemias, e com o corpo sujo, remetendo a ideia de que ser gorda é ser suja, como já foi abordado no capítulo anterior. Como a coleta retornou poucas imagens, não é possível afirmar, com clareza, se esse conjunto de fotos tem um sentido único, mesmo porque há imagens coloridas, sendo algumas de comida. E as fotos de corpo, geralmente, em tons de cinza ou rosa, revelando algum detalhe da vestimenta ou do local de quem estampa a imagem.

Figura 2 – As Formas da Bulimia



Fonte: Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura da Ufes (Labic). Utilizando a hashtag “promiaa”, a figura mostra uma compilação das imagens mais curtidas e compartilhadas de perfis abertos no Instagram relacionados com o tema “bulimia” (2015).

## #Proanna

Com 1.427 imagens, a coleta com a palavra-chave proanna foi a maior das três, com fotos e imagens no período de 2013 a 2015, também com predomínio de Língua Inglesa. As fotos no grafo têm predominância de cores branca (na maior parte apresentando imagens de frases e desenhos), preta e cinza, revelando uma melancolia e um estado depressivo. A foto mais curtida, aparentando ser uma mulher com um corpo extremamente magro, tem 233 likes. A segunda imagem mais curtida é da atriz hollywoodiana Angelina Jolie, considerada uma thinfo pelas Anas e Mias, e tem um histórico de transtorno alimentar e problemas relacionados ao corpo.

As imagens são de mulheres, na maioria jovens, com um ar de seriedade, tristeza ou depressão. As fotos de pessoas que mostram o rosto são, em sua totalidade, de mulheres muito

magras, mas que nunca sorriem. Há muitas fotos de pernas e abdômen. Algumas mostram parte do rosto, tampam a boca e mostram os olhos. Há muitas fotos de mulheres de lingerie e com roupas de cores escuras, numa predominância do preto. Na parte inferior, onde estão as fotos menos curtidas, há predominância da cor branca e pouquíssimas imagens de comida (chás e café).

Figura 3 – Muitos Tons de Cinza



Fonte: Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura da Ufes (Labic). Utilizando a hashtag “proanna”, a figura mostra uma compilação das imagens mais populares de perfis abertos no Instagram relacionadas com o tema da anorexia (2015).

### 3.3 ANÁLISE DO TWITTER

Durante a formatação do projeto para esta pesquisa, observei que no Twitter surgiram perfis com nomes relacionados à anorexia e bulimia como “SouAna”, “SouMia”, “AnaForever”, “Borboletas” entre muitos outros. As usuárias publicavam várias frases diárias em forma de mensagens e, dessa forma, se aproximavam até o momento em que o microblog, aparentemente, perdeu o interesse para esse grupo justamente por ser de fácil visibilidade, diminuindo a quantidade de postagens ou até abandonando e excluindo o perfil.

Após realizar o estudo na comunidade eletrônica do WhatsApp e com recursos tecnológicos do Labic ao meu dispor, quis fazer uma busca no Twitter num período de quatro semanas para saber se as pró-anemias permaneciam ou não no microblog. De fato, a interação no WhatsApp é muito maior por ser uma comunidade virtual, mas nem por isso elas deixaram de utilizar o Twitter como pensava anteriormente. Porém, assim como acontece no Instagram, as usuárias da rede social utilizam novas tags para identificarem seus posts, mesmo que o Twitter, até o momento, não tenha proibido manifestações pró-anorexia. Na minha visão, seria uma forma de dar apoio à causa e ter o cuidado para que, futuramente, não tenham seu perfil e postagens banidos também dessa rede.

Para a coleta no Twitter foi utilizado o gerenciador de scripts desenvolvido pelo Labic denominado Ford Parse, que coleta e sistematiza os dados, elencando variáveis de análise. Ele fornece dado bruto que, a partir daí, pode realizar análises de rede social, de conteúdo, estatística, de imagem, de georreferenciamento entre outras. O script gerenciado pelo Ford Parse se chama Flashback. Ele organiza os dados num total de 47 variáveis analíticas tais como quantidade de postagens e usuários, ordenamentos das postagens mais populares (como top tweets e/ou top retweets), usuários mais seguidos, usuários mais mencionados, local de publicação entre outras.

O script coleta informações de sete dias anteriores ao dia da coleta. Dessa forma separei por semana os dados que considere mais relevantes para que se tenha um comparativo do comportamento das Anas e Mias no Twitter. Após a leitura dos dados foi feito um grafo no site Tagxedo que dá destaque, por tamanho, das palavras mais utilizadas naquele período.

Primeira semana (23/11/2015)

Total de tweets: 672

Top words (20 palavras): Thinspo (117), corpo, (42), acabou (38), comer (36), ficar (28), pense (24), magra (26), gorda (22), queria (22), calorias (18), passando (18), meta (18), comida (18), morra (17), melhor (17), fome (17), vomitar (17), anorexia (17) e ossos (16).

Tweets por data

16/11/2015: 126

17/11/2015: 120

18/11/2015: 123

19/11/2015: 101

20/11/2015: 106

21/11/2015: 52

22/11/2015: 44

Média de tweets diários: 96

Tweet com mais *likes* (Top tweet) totalizando 15 curtidas: RT @impurge: calorias, gorda, morra de fome, comer, vomitar, dietas, meta, ossos, thinspo, anorexia. to cansada de todas estas palavras passando pela minha cabeça.

Top retweet, com 9895 retweetadas: RT @troxando: vamo se beja até o brasil melhora.







Quarta semana: 15/12/2015

Total de tweets: 855 tweets

Top words (20 palavras): Thinspo (289), corpo (41), consegue (41), cintura (35), foquem, (34), comida (31), queria (29), foto (28), foda (28), opinião (27), conseguiu (21), lindo (21), linda (20), fácil (20), dizendo (19), clavícula (19), magreza (18), negócio (18), beja (18) e desista (17).

Tweets por data

08/12/2015: 72

09/12/2015: 168

10/12/2015: 181

11/12/2015: 157

12/12/2015: 140

13/12/2015: 59

14/12/2015: 78

Média de tweets diários: 122,14

Tweet com mais *likes* (Top tweet) totalizando 34 curtidas: RT @lovatrowxa: foquem nessa cintura, preciso #thinspo #askanamia <https://t.co/jSL6qjpxTJ>

Top retweet, com 994 retweetadas: RT @humdaora: eu quando conhecer o meu ídolo <https://t.co/KZeZtYkDOb>



### Grafo 5 – Comparação os grafos1, 2, 3 e 4

23 de novembro de 2015



1º de dezembro de 2015



8 de dezembro de 2015



15 de dezembro de 2015



Fonte: Laboratório de Estudos de Cibercultura e Imagem (Labic – Ufes), 2015.

Ao comparar os grafos percebe-se que as palavras thinspo, normal, meta e as tags #askanamia e #quervermeuosossos aparecem nas quatro imagens com destaque, indicando que foram bastante citadas durante as quatro semanas. Quando as top words são comparadas é possível notar que há divergências entre as palavras com maior destaque nos grafos e as citadas como palavras mais ditas na semana. Isso porque os grafos representam tanto a quantidade de palavras ditas quanto as hashtags utilizadas naquele período. Em relação as top words, as quatro semanas apontam uma similaridade de ocorrências com as palavras thinspo, gorda, comer e foquem.

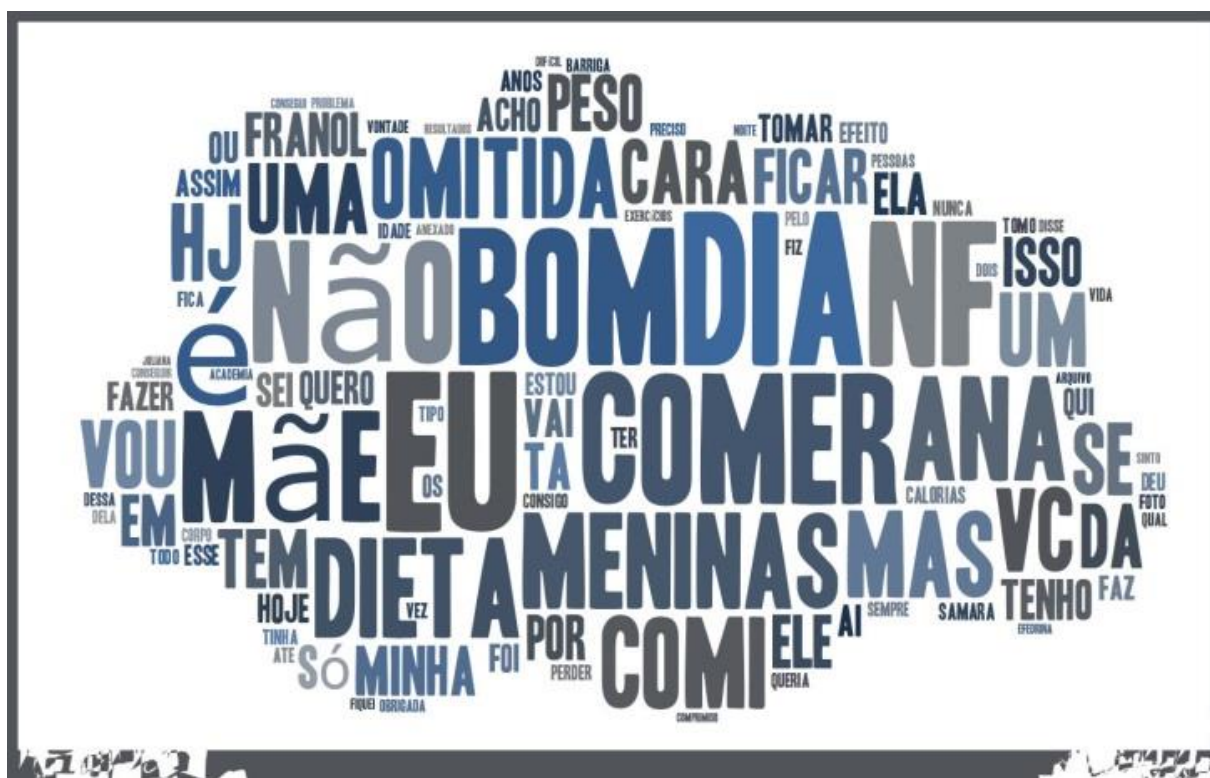
### 3.4 ANÁLISE DO WHATSAPP

Utilizando um script semelhante ao do Twitter para organizar e sistematizar as conversas ao longo dos meses em que acompanhei o grupo das “Borboletas”, foi possível elencar as principais palavras utilizadas num período de mais ou menos um ano na comunidade virtual.

As top words (20 palavras) são: Bom dia (7547), comer (3049), nf (2449), meninas (2184), hoje (1889), ficar (1663), ana (1634), mãe (1539), dieta (1399), tomar (1295), queria (1269), água (1260), dias (1219), gorda (1216), agora (1161), melhor (1062), linda (1029), peso (1025), gosto (1008) e magra (978) <sup>32</sup>.

Dessa forma foi possível montar o grafo geral, também por meio do Taxgedo, que ilustra em uma imagem as principais palavras usadas na comunidade virtual.

### Grafo 6 – Nuvem de Tags do Whatsapp



Fonte: Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura da Ufes (Labic). O grafo mostra uma compilação das palavras mais ditas na comunidade virtual do WhatsApp pelas Anas e Mias durante o período de agosto de 2014 a agosto de 2015. As cores das palavras foram “dadas” pelo programa Taxgedo, não tendo nenhum significado em particular.

Se compararmos os grafos do Twitter com o do WhatsApp percebe-se uma diferença em relação as palavras-chaves e ao destaque que o programa dá a elas. No WhatsApp, a palavra mais utilizada era “Bom-dia”, como uma forma de saudação às participantes. No microblog,

<sup>32</sup> Na top words do WhatsApp foram retiradas algumas variações de verbos como “comi” e “fica” para que pudesse dar espaço para outras palavras que realmente fazem parte do cotidiano das jovens.

que oferece somente 140 caracteres para que o internauta diga tudo o que pensa naquele momento, esse tipo de saudação aos demais usuários da rede não demonstrou ser comum de acordo com os dados analisados.

Embora tenha similaridades em palavras como gorda, dieta, peso, água... que são ocorrências muito comum nas pró-anemias, nota-se ainda uma semelhança ainda maior. Nas duas redes sociais as jovens expõem sua vontade de ser magra com mais liberdade do que acontece no Instagram e Facebook. Isso porque WhatsApp e Twitter não sofrem sanções, até o momento, de conteúdo postado, mas em ambas pude notar que há uma tentativa de resguardar o transtorno ao mesmo tempo em que se faz alusão a ele, como nas hashtags #queroovermeusossos e #askanamia, muito presentes no Twitter.

Diante desses dados apresentados percebe-se que as pró-anemias e pró-mias, assim como diversos grupos sociais que são aceitos ou não pela sociedade estão presentes e atuantes no ciberespaço. E assim como diz Marc Augé (2012) que “a antropologia sempre foi uma antropologia do aqui e do agora” (idem, p.33), a utilização das redes sociais para a luta e construção de sociações e sociabilidades no ciberespaço precisa de uma atenção maior por parte do pesquisador antropólogo.

As relações entre essas jovens mulheres ultrapassam os espaços pré-concebidos. Elas estão construindo suas identidades e estilos de vidas nos não-lugares, nos espaços desterritorializados, sendo que o pesquisador contemporâneo precisa estar disposto a se abrir para essa nova realidade que se tornou constantemente desafiadora perante os avanços tecnológicos para, só assim, poder encontrar novas formas metodológicas de entender essas especificidades e transformações presentes na dinâmica social da atualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças econômicas e socioculturais que ocorreram no Ocidente após o processo de industrialização, juntamente com a formação das sociedades complexas trouxeram à tona várias ocorrências que modificaram a forma de pensar e agir desde as micro até as macro organizações presentes na sociedade atual. O intenso processo de globalização e o surgimento da Era da Informação fez surgir o ideal de corpo instantâneo, no sentido em que, para que haja uma aceitação social é preciso estar em forma e compartilhar esse estado.

Para alcançar projetos individuais, que são repletos de referências externas, o sujeito moderno-contemporâneo tem a possibilidade de renunciar a sua identidade. Já não se admite mais as particularidades da genética, e características culturais que regem toda a estrutura corporal do indivíduo. O todo não é mais valorizado e sim a sua fragmentação, podendo ser tanto de ideias quanto de formas de vida e de culturas que compõem a sociedade moderno-contemporânea.

Ao pesquisar sobre as relações de sociabilidades presentes no grupo das pró-ana s e Mias ficaram evidentes todas essas consequências das sociedades complexas. Vítimas de uma cultura que valoriza um determinado estado de magreza, dentro dos parâmetros de uma “normalidade” corporal, que é categorizado baseado nos conceitos da medicina, jovens mulheres tentam se adequar aos padrões e normas vigentes por receio de receber sanções morais que podem surgir na família, escola, na rua, entre os amigos, no trabalho ou em qualquer outro meio em que elas são obrigadas a circular. Qualquer rosto mais arredondado, pernas mais grossas ou uma barriga saliente se torna motivo de ridicularização, e a mídia tem um papel fundamental nesse processo. Claro que estou me referindo a certos setores e/ou grupos sociais cujo padrão predominante é o ideal da “magreza”.

Assim, mesmo que haja vários padrões corporais que podem ser seguidos, nem todos eles são apreciados nessa dinâmica midiática. O que muito se vê em jornais, revistas, televisão e internet são dicas para ter um corpo fitness, com musculatura aparente. São mulheres que assumem o desejo de terem o perfil corporal das chamadas “gostasas”, que ganharam

conotação sexual com o surgimento das dançarinas do axé e do funk, as mulheres frutas, que foram popularizadas a partir da década de 1990. Ou então buscam o padrão da alta-costura europeia e norte-americana, de mulheres magras no estilo top model, muito comum nas passarelas da moda, relatando corporalmente uma magreza que nem todas as mulheres têm predisposição genética para alcançá-la.

Esses dois exemplos são alguns dos mais difundidos e valorizados pela cultura ocidental. No entanto, há também dicas para somente conquistar um corpo magro, sem ser fitness, sem ser manequim. Mas a partir do momento em que há o emagrecimento, outras maneiras de controle corporal surgem para acabar, por exemplo, com a pele flácida, resultado do processo de emagrecimento, ou para desintoxicar o corpo, eliminando todos os resíduos que não podem fazer parte do organismo, além de cirurgias plásticas, procedimentos estéticos, atividade física e quaisquer outras estratégias que dão seguimento à ordem de normalidade vigente. E a partir disso surgem as dificuldades em encontrar roupas com tamanhos maiores ou até mesmo com o tamanho que sempre foi usado, pois há marcas de roupas que apresentam a mesma numeração, mas em fôrmas menores, exigindo que o público que a vista tenha aquele corpo que a marca precisa.

Todas essas etapas fazem parte do planejamento para se ter um corpo de sucesso, e assim fechar o círculo que completa o projeto individual. Entretanto, esse projeto individual nem sempre tem um fim, como no caso das Anas e Mias. Sem ter noção ao certo do quanto podem emagrecer sem que isso coloque em risco a sua saúde, as vítimas dos distúrbios alimentares criam metas absurdas e fazem todo um planejamento para atingi-las. Porém, as metas sempre aumentam quando estão perto de serem concluídas. A magreza nunca se torna um fardo para se carregar, ao contrário do excesso de peso.

Vivemos numa sociedade em que vários grupos possuem tendências lipofóbicas, que acreditam que a gordura precisa ser eliminada para que, principalmente as mulheres, possam se sentir felizes, completas, realizadas e inseridas na normalidade, distante de qualquer discurso tanto médico quanto midiático ou familiar que termine por diminuir sua autoestima. Gordura se tornou semelhante a descuido, relaxo, a sujeira. E assim que as Anas e Mias se sentem quando se consideram acima do peso: sujas ou, mesmo, monstruosas.

Embora fosse leviano e precipitado da minha parte dizer que as Anas e Mias querem construir uma cultura dentro de outra cultura dominante a fim de propagar para que todas as pessoas que sofram do “mal da balança” busquem a “Ana” como salvação e cura para seus “problemas físicos”, não há como negar que elas acreditam que a gordura é o mal da sociedade, que está inserido nelas mesmas. Demonizando as calorias, elas demonstraram que a gordura é a principal impureza que dá sentido negativo em toda sua vida, sendo que se ela não estivesse presente em seus corpos, na perspectiva das Anas e Mias, suas vidas seriam mais leves, puras, limpas.

Mesmo que a anorexia e bulimia não sejam, nem de perto, consideradas práticas religiosas, as participantes do Borboletas demonstraram acreditar que a “Ana” é uma força superior que as ajudará a se livrarem de seus sofrimentos. Segundo Douglas (2010), no século XIX (embora alguns antropólogos como Evans-Pritchard desconsiderem estas afirmações) as religiões primitivas se diferenciavam das grandes religiões consagradas por serem as primitivas inspiradas pelo medo e por estarem “intrinsecamente misturadas com as noções de impureza e de higiene” (idem, p.6).

A higiene, ao contrário, mostra-se como um excelente caminho, desde que o sigamos com algum conhecimento de nós próprios. Tal como a conhecemos, a impureza é essencialmente desordem. A impureza absoluta só existe aos olhos do observador. Se nos esquivamos dela, não é por causa de um medo cobarde nem de um receio ou de um terror sagrado que sintamos. As ideias que temos da doença também não dão conta da variedade das nossas reacções de purificação ou de evitamento da impureza. A impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio (DOUGLAS, 2010, p.6).

Ora, todo esse terror que elas vivem diariamente por causa do peso, considerando a gordura como uma sujeira que precisa ser eliminada urgentemente, não são crenças que se assemelhariam a uma religião primitiva? Bem, essa é uma discussão que acredito ser de grande relevância para pesquisas futuras na antropologia porque se trataria de uma “nova religião/crença contemporânea baseada em raízes primitivas”. Mas como disse, esse é um estudo que poderia ser aprofundado em um doutoramento.

Diante da constatação de que o corpo está repleto de impurezas, surgem os processos de expurgação da comida, para se livrarem do alimento que poderá trazer “mais sujeira” para o corpo. A água é vista até como refeição principal ou estratégia para enganar a fome. E assim

como a água cristalina, elas querem ser sentir puras e limpas, sem se importarem com o que isso pode lhes custar.

SUELLEN: Qual o jeito mais rápido e mais eficaz de perder peso? Mesmo que seja MT difícil. Msm que seja loucura  
 ANTÔNIA: Ficar sem comer. So tomar agua  
 SUELLEN: Só água e nenhuma caloria?  
 GABRIELLE: Ficar sem comer  
 DAYANE: So tomar agua  
 SUELLEN: Ok  
 (30 de maio de 2015)

NAYARA: Não como nada desde o almoço  
 ANTÔNIA: Eu tbm não tinha comido. Mas nao resistir o jantar. Mais miei  
 NAYARA: Nem me fala. Tá difícil resistir  
 ANTÔNIA: E ja tomei lax . Bebi agua, muita água antes da janta dai fiz e quando fui servir não aguentei  
 (28 de maio de 2015)

As jovens citadas na pesquisa, principalmente as mais ativas nas práticas de ana e mia, ainda estão na fase da adolescência, um período considerado de grande vulnerabilidade social e psicológica. E elas vivem numa época em que as identidades são consideradas, ainda, muito instáveis, dinâmicas – é momento crítico do processo de formação de subjetividades. Logo, numa sociedade complexa, na qual elas estão expostas às diversas possibilidades de representação e apresentação de si, o próprio ato de escolha e de investimento numa persona, é marcado por angústias e dúvidas.

As identidades que antes eram mais definidas hoje se tornaram fluidas (BAUMAN, 1999), o que as tornam ainda mais suscetíveis a adotarem comportamentos que vão de encontro até mesmo à sua saúde, como no grupo das Borboletas em que há tanto mulheres que apresentaram ter o distúrbio alimentar quanto jovens que desejam ter uma psicopatia que não deveria fazer parte de sua rotina. E cada uma que entrou ali foi movida pelo projeto individual de se tornarem magras para que se sintam aceitas numa sociedade que diz respeitar a diversidade.

Todavia, essa diversidade está amparada em categorias específicas que nem sempre a pessoa considerada gorda está incluída já que a obesidade pode ser evitada, ao contrário de ser negro ou homossexual, por exemplo. O papel social do gordo na nossa sociedade ocidental está relegado a algumas funções como o de bom ouvinte, de pessoa que sempre deve estar feliz e disposta a ajudar, de comediante, cozinheiro, lutadores de sumô. Por isso, diante de um

constante bombardeio diário de imagens de mulheres magras ou que aparentam estarem magras graças ao uso de softwares de edição de imagens, associadas à ideia de serem bem sucedidas em vários aspectos, como no trabalho e no amor, Anas e Mias de todas de idades incorporam a anorexia e bulimia em suas vidas para que esses transtornos alimentares as ajudem a serem amadas tanto por seus próximos quanto por elas mesmas.

E, quando encontram um grupo social presente numa comunidade virtual que está ao seu alcance ao toque do celular, elas se veem em um campo de possibilidades para realizarem seus sonhos de serem desejadas como as grandes mulheres de sucesso expostas na mídia. E dentro desse grupo de apoio, elas se juntam para fazer ações coletivas que lhes darão meios para chegarem ao êxito. Mas todo esse percurso até alcançar uma magreza que muitas vezes está no mundo da fantasia é gerido por vários desafios e privações que podem terminar em isolamento social ou mesmo em práticas de mutilação como as citadas no segundo capítulo.

Uma característica desses grupos que nem sempre estavam evidentes nos blogs pró-ana s é que elas têm como foco a exibição de seus corpos nas redes sociais, pois já não basta estar magra. É preciso mostrar o resultado de tanto esforço e privações. E para isso não se importam em expor sua intimidade para pessoas desconhecidas, como no caso das imagens coletadas no Instagram. No entanto, para que isso aconteça é necessário que o corpo cumpra a sua função atual de ser totalmente fotogênico para que não surjam constrangimentos pessoais na rede devido aos seus defeitos.

Durante todo esse processo de emagrecimento, Anas e Mias buscam criar uma individualização para não se sentirem apenas mais uma em seu meio social. Elas têm a necessidade de serem notadas, curtidas, comentadas, sempre de forma positiva, de serem modelos de inspiração para outras jovens. Com isso, elas passam a criar fortes laços sociais com pessoas com pensamentos semelhantes e que tem por objetivo principal única e exclusivamente a necessidade de ser magra.

Para atingir essa finalidade elas deixam de comer, passam a contar calorias de cada alimento, expurgam a comida, se machucam e se sentem traídas por si mesmas quando comem uma barra de chocolate, por exemplo. Além disso, muitas evitam namorar ou sair com os amigos não anoréxicos para não ter que se alimentar na frente deles, ficam felizes quando estão doentes porque assim perdem a fome, tomam medicamentos sem receita médica para asma e

outros fins, mesmo não tendo nenhum problema respiratório. Tudo isso porque, segundo as Borboletas, os efeitos colaterais que vão desde a taquicardia até mal estar em geral, cortam ou diminuem a fome, um sacrifício à saúde que elas assumem sem apresentarem grandes problemas. A maior cobrança se torna interna, pois como vimos elas se dizem responsáveis por mudarem suas vidas.

Quando comecei a pesquisa, tinha uma breve ideia de como os grupos eram importantes para as pró-anas e pró-mias. No entanto, não tinha a dimensão do tamanho de sua importância. O Borboletas não é apenas uma comunidade virtual que reúne jovens com problemas relacionados ao corpo que sentem um pavor mórbido da gordura. A relação criada e estabelecida dentro do Borboletas pode ser comparada a uma irmandade, a um grupo familiar, algo tão forte que gera uma sensação de pertencer a um lugar onde elas trocam segredos com pessoas que nunca viram (salvo algumas exceções) ou possivelmente nunca terão um contato pessoal. Entretanto, o nível de intimidade compartilhada que acontece dentro da comunidade no WhatsApp é tão forte que dispensa o contato face a face.

É tão bom poder me abrir com pessoas que me entendem e não me criticam (Nayara)  
(20 de maio de 2015)

INÊS: Amo vcs

ANA CLARA: Eu também amo vocês  
(3 de março de 2015)

JÚLIA: Tavá com saudades de vocês

DEBY: Onw

JÚLIA: Vocês são muito especiais pra mim, mesmo não conhecendo pessoalmente  
(25 de agosto de 2015)

Vocês são uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida (Ana Clara)  
(21 de outubro de 2014)

O medo de serem excluídas do grupo, os depoimentos de não se sentirem dignas de fazerem parte do Borboletas porque não conseguem manter uma dieta até o fim, as palavras carinhosas que oferecem apoio, que perdoam as falhas e dão força pra continuar fazem com que elas se sintam acolhidas dentro de uma sociedade que não as aceita e que só enxerga defeitos, segundo elas mesmas relataram em todo o percurso da pesquisa.

CAROL: Eu sou obrigada a ver td mundo ocupando meu lugar em td. Td q eu quero  
alguem vai la e consegue e esfrega na minha cara, to cansada

CLÁUDIA: Calma Carol

CAROL: N posso tentar Cla, n tenho medidas suficientes. Minha amg tem 1,79 pesa  
54 tem 60 de cintura e quadril 88

Como q compete com uma pessoa dessas, me sinto taoo humilhada  
(17 de agosto de 2015)

A frase, que já foi dita várias vezes em comunidades, redes sociais e blogs, “juntas chegaremos à perfeição”, mostra, por um lado, que a perfeição que elas buscam realmente existe, ao menos nas suas concepções, e por outro demonstra que somente com a união de seus anseios é que poderão ser felizes e realizadas, serem as princesas que tanto sonham, numa grande prática de narcisismo coletivo.

Um lucrativo mercado do corpo foi criado para estimular essas práticas de narcisismo coletivo, e também o individual. Cortine (1995) mostra que o corpo é um produto sociocultural que se submete a regras, normas, mudanças e interdições e se tornou altamente lucrativo porque toda uma rede de produção industrial de mercadorias para sua manutenção. Com isso, o estilo de vida americano, o *American way of life* se expandiu a partir do século XX dos Estados Unidos para o mundo, dando vazão para a criação de suplementos nutricionais, vitaminas, aparelhos de ginástica, profissões superespecializadas, revistas destinadas à promoção da saúde, dietas, cuidados com o corpo e alcance e manutenção da boa forma. Além disso, destacam-se também os papéis da televisão, cinema e, atualmente, da internet na disseminação de um ideal de beleza. Para o autor, não há mais fronteiras que impeçam as pessoas de se criar a “embalagem” que se deseja, pois há toda uma rede que sustenta a cultura de aparência do corpo.

Nos Estados, o músculo está por toda a parte. Ele escapou, desde muito tempo, ao circuito do estádio e às cordas do ringue; Reina sem distinção nas grandes e nas pequenas telas. Deixou de ser privilégio de um sexo e o signo esmagador de sua dominação sobre o outro doravante não há mais sexo frágil. A reivindicação muscular democratizou-se, as práticas de body-building tendem a se generalizar e a potência anatômica se exhibe como um espetáculo permanente, obsessivo, universal (COURTINE, 1995, p.82).

Durante todo esse percurso, percebi que para as Anas e Mias, o único problema com a visibilidade é ela não existir, ou existir de forma errada. E o corpo tem um papel de extrema importância durante todo esse processo de se tornar visível, de se tornar uma pessoa digna de comentários positivos no meio em que elas circulam. Embora as Anas e Mias não

demonstraram o desejo de terem todo o corpo fitness, com musculatura aparente, bem definida, elas praticam atividade física para terem um corpo magro que, assim como qualquer pessoa adepta ao body-builder, querem que ele seja exaltado, ostentando-o tanto nas ruas quanto nas redes sociais e comunidades virtuais com sendo um grande troféu.

Antes de tudo, o espetáculo está nas ruas. Entre a multidão de passantes, os body-builders destacam-se por sua forma de andar: braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez, balanço mecânico. O body-builder não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente. Não ao modo do obeso, este outro indígena das multidões americanas, que arrasta sua anatomia como um fardo que o entrava e o estigmatiza. O corpo do body-builder pretende, ao contrário, tirar todo o benefício do peso no campo do olhar, saturá-lo de massa muscular. “Impõe-se” pesar no olhar alheio, através da ação combinada de um efeito de massa e de um deslocamento mecânico (COURTINE, 1995, p.82).

Courtine (1995) abordou a indústria, o comércio e a mídia como sendo os principais responsáveis por todas essas práticas de body-builders. Porém, tantos anos de discursos propagados por esses grandes setores fizeram com que essa ideologia hedonista em prol da beleza se tornasse intrínseca no cotidiano de várias culturas que se submetem às diretrizes de uma sociedade ocidental que estimula constantemente o consumo. E a partir disso, neste caso, as Anas e Mias, repetem e promovem práticas de culto ao corpo nas redes sociais e comunidades virtuais, como o WhatsApp, onde recebem o apoio rotineiro de outras participantes.

É uma comunicação e sociabilidade que se tornaram essenciais em seus cotidianos, da qual elas não acreditam conseguir mais viver distantes. Todo esse esforço se baseia na necessidade de se acharem lindas, de se sentirem amadas. A beleza, como foi abordada no primeiro capítulo, é um conceito socialmente construído que se modificou no decorrer dos anos no Brasil e continua nesse processo de transformação, tendo como amparo o circuito de beleza mundial. A trajetória do conceito do que é belo no Brasil mostrou que, o que antes era admirado e apreciado foi sendo modificado no decorrer das décadas e assume novas posturas a partir do momento em que a mídia e outros grandes setores sociais sentenciam que “isso, hoje, é bonito”, da mesma forma que acontece com a moda.

Enquanto ser magra for sinônimo de ser saudável e de ser bonita, vários grupos podem ser criados a fim de satisfazer essa necessidade de agradar. A pesquisa com as Anas e Mias e seus comportamentos autodestrutivos em busca do que elas acreditam ser um bem maior aparenta ser só a ponta do iceberg nesse emaranhado de complexos que constituem a sociedade, de

pessoas que não querem ser estigmatizadas como desviantes ou outsiders. Assim como “surgiram” as Anas e Mias no Facebook, Twitter, blogs, Instagram, WhatsApp..., vários outros grupos sociais estão presentes no ciberespaço, construindo suas identidades, ideologias, estilos de vida e criando laços sociais.

Embora busquem uma diferenciação, Anas e Mias terminam por quererem se igualar a um grupo de sucesso, e por isso normalizam comportamentos que colocam em risco as suas vidas. Vidas que aparentam ter tão pouco valor e que só terão sentido diante do olhar de aprovação do outro. Suas vidas dependem da sensibilidade do olhar de outras pessoas que tanto podem ser de alguém próximo ou um desconhecido numa rede social.

A netnografia foi utilizada com o intuito de fazer um estudo virtual descrevendo a forma de comportamento e relações de sociabilidades de um grupo pró-anorexia e pró-bulimia numa comunidade virtual, apresentando novas possibilidades de pesquisa no ciberespaço. Mesmo tendo como base a etnografia tradicional, o campo on-line exige do pesquisador um novo olhar perante as dinâmicas que ocorrem com o desenrolar da pesquisa e dos avanços tecnológicos. Na minha opinião, o que mais difere, ou ao menos nesse caso das Anas e Mias, entre etnografia tradicional e netnografia é realmente o campo estudado, que não pode ser um delimitador, mas é preciso que suas especificidades sejam consideradas.

Dentro dessas subjetividades que envolvem o mundo dessas jovens extremamente sensíveis e suscetíveis a um padrão estético corporal baseado em super models, se torna-se necessária ter toda uma sensibilidade para se abordar esse transtorno, que muitas vezes é resultado de forte pressão social e psicológica e, evidentemente, de uma lógica de consumo muito presente na sociedade ocidental. E como lidar com essa contradição, já que existem alguns fatores da sociedade que favorecem a criação de Anas e Mias ao mesmo tempo em que existem outros que vão querer criticá-las por buscar uma magreza absoluta? Além disso, como nós pesquisadores poderemos lidar com todos esses novos desafios contemporâneos que o ciberespaço oferece sem ferir os princípios básicos da pesquisa acadêmica? Esses são apenas alguns pontos que precisam ser aprofundados em algum estudo futuro.

Além de mostrar que o conceito de beleza depende do período histórico e das dinâmicas culturais daquele espaço de tempo e das sociabilidades criadas na comunidade virtual do Borboletas, essa dissertação buscou também abordar novas formas metodológicas que não

podem ficar à margem da Antropologia e das Ciências Humanas em geral. Considerando esses novos espaços de interação simbólica da sociedade atual em que a internet se consolidou como uma poderosa e presente forma de comunicação que abrange os quatro cantos do globo, percebo a necessidade de nós pesquisadores sairmos da zona de conforto em que muitas vezes estamos doutrinados.

Se os grupos sociais buscaram uma forma de se comunicar diante desse intenso processo informacional que está disponível a um clique, é preciso que a academia também se abra e busque estratégias para adequar suas pesquisas a essas especificidades da cultura contemporânea. Seguindo esse fluxo estaremos mais abertos a entender de forma mais ampla as dinâmicas que regem o espaço sociocultural e que estão muito além das práticas de culto ao corpo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKI, Fábio E., SAKAE, Eduardo K., e BARACAT, Glaucia Heleza Z. **Construção do sulco palpebral superior em pacientes orientais sem incisão cirúrgica - Experiência em 13 anos.** Arquivos Brasileiros de Oftalmologia. Scielo, 2003. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-27492003000300013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-27492003000300013&script=sci_arttext). Acesso em 20 de abril de 2015.

ALVES, Fábio Lopes. **A dinâmica da sociabilidade em Georg Simmel. Contribuciones a las Ciencias Sociales.** Enciclopedia y Biblioteca Virtual de Las Ciências Sociales, Economicas y Juridicas, 2013. Disponível em <http://www.eumed.net/rev/cccss/25/georg-simmel.html>. Acesso em 22 de abril de 2015.

ARNOULD, Eric J.; Melanie WALLENDORF, Melanie. **Market Oriented Ethnography: Interpretation Building and Marketing Strategy Formulation** in Journal of Marketing Research, 31 (November), 1994. p. 484–504.

AUGÉ, M. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** 3ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BALATA, Patrícia; COLARES, Viviane; PETRIBU, Katia; LEAL, Mariana de Carvalho. **A bulimia nervosa como fator de risco para distúrbios da voz.** Revista Brasileira de Otorrinolaringologia. Vol. 74. Nº 3. São Paulo: 2008. Disponível em [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-72992008000300021&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-72992008000300021&script=sci_arttext). Acesso em 6 de abril de 2015.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Lisboa, Portugal: Edições 70, Lda, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas.** Tradução: Marcus Penchel. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1999.

BEAUVOIR, S. (1949). **O segundo sexo.** Lisboa: Bertrand, 1975.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BIONDI, A. **Ensaio para solidários: visibilidade e experiência de vítimas na cultura contemporânea.** Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. XXII Encontro Compós, em 2013

BOARDMAN, John. **Greek Art and Architecture**, in The Oxford History of the Classical World, eds. John Boardman, Jasper Griffin e Oswyn Murray, Nova Sork, Oxford University Press, 1986.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural.** Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. Disponível em: [www.compos.org.br/biblioteca/ensaioparasolidárioscompleto\\_2792.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/ensaioparasolidárioscompleto_2792.pdf). Acesso em 25 de janeiro de 2016.

BORGES, Eliane Medeiros. **Corpo, espetáculo e consumo: novas configurações midiáticas para a infância**, 2007, n.11. Disponível em: <http://bit.ly/15AcyEp> .Acesso em 23 de agosto de 2014.

BRITTO, Patrícia Duarte de. **Mídia e produção discursiva de novas identidades femininas na pós-modernidade**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2008.

BUSSE, S. R. (organizador). **Anorexia, bulimia e obesidade**. Barueri, SP: Manoele, 2004.

CAMPAGNA, Viviane Namur e SOUZA, Audrey Setton Lopes de. **Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina**. Bol. psicol [on-line]. 2006, vol.56, n.124, pp. 9-35. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0006-59432006000100003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0006-59432006000100003&script=sci_arttext). Acesso em 23 de julho de 2015.

CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 11ª ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2008.

CHAGAS, Tonica. **Paulo Poiret: o estilista que criou a silhueta feminina do século 20**. O Estado de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,paul-poiret-o-estilista-que-criou-a-silhueta-feminina-do-seculo-20,20395>. Acesso em 14 de junho de 2015.

CHRISTAKIS, Nicholas A., FOWLER, James H. **O Poder das Conexões**. São Paulo, SP: Papyrus, 2010.

CORDÁS, Táki Athanássios; CLAUDINO, Angélica de Medeiros. **Transtornos alimentares: fundamentos históricos**. Vol. 4. São Paulo: Revista Brasileira de Psiquiatria, 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462002000700002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000700002). Acesso em 20 de abril de 2015.

COSTA, Sandra Regina Soares da. **Universo Sonoro Popular: um estudo da carreira de músico nas camadas populares**. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. **Os stakanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo**. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.) Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. (p. 81-114).

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. Nº 24. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000300004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000300004&script=sci_arttext). Acesso em 12 de maio de 2015.

DEBERT, Guita Grin. **O idoso na mídia**. Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, 2002. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env12.htm>. Acesso em 23 de maio de 2015.

DEGENNE, A.; e FORSÉ, M. *Introducing Social Networks*. London: Sage, 1999.

DELAZARI, Luciene Stomato. BRANDALIZE, Maria Cecília Bromato. **Análise de redes sociais a partir do uso da informação espacial**. Universidade Federal do Paraná Departamento de Geomática. Vol. 18. Nº 2. Curitiba: 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/bcg/v18n2/02.pdf>. Acesso em 29 de abril de 2015.

DELUCA, Gabriela, OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; CHIESA, Carolina Dalla. **Contribuições de Gilberto Velho para os Estudos sobre Carreira: Projeto e Metamorfose de Indivíduos e Coletividades**. XXXVIII Encontro da ANPD. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014\\_EnANPAD\\_GPR1542.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_GPR1542.pdf). Acesso em 20 de abril de 2015.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu**. Lisboa, Edições 70: 2010.

DOWLING, C. **O Complexo de Perfeição**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1988.

DUARTE, Pedro Russi. Processos epistemológicos...arena e circo no olhar – lugar analítico – do pesquisador. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. GT Epistemologia da Comunicação. XII COMPOS. RECIFE/PE: COMPÓS, 2003. Disponível em: <http://compos.org.br/biblioteca.php>. Acesso em 04 de janeiro de 2016.

DUARTE, Pedro Russi. A dinâmica da pesquisa como processos e interações comunicacionais...Reflexões. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 69-80, jul./dez 2005. Disponível em: [www.ucs.br](http://www.ucs.br). Acesso em 04 de janeiro de 2016.

DUMONT, L. **O Individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESCOBAR, A. 2000. **Welcome to cyberia: notes on the anthropology of cyberculture**. In: D. BELL; B. KENNEDY (orgs.), *The cyberculture reader*. Londres, Routledge, p. 56-76

FILHO, Kleber Prado; TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Universidade de Santa Cruz do Sul. Barbaroi, Santa Cruz do Sul (RS): 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/2471/2743>. Acesso em 3 de maio de 2015.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso no College de France (1975-1976)**. Tradução Man Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos). Aula de 17 de março de 1976, p. 285-316.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

FREITAS, A. K. M. de., **Psicodinâmica das cores em comunicação**. ISCA Faculdades. Limeira, SP: 2007. Disponível em: [http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica\\_das\\_cores\\_em\\_comunicacao.pdf](http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica_das_cores_em_comunicacao.pdf). Acesso em 01 de janeiro de 2016.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIACOMOZZI, Andreia Isabel da Silva; BOUSFIELD, Andréa Bárbara. **Representação Social do Corpo de Participantes de Comunidades Pró-Anoréxicas no Orkut**. *Psicologia, Saúde e Doenças*, vol. 12, núm. 2, 2011, pp. 255-266. Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde Lisboa, Portugal. Disponível em <http://bit.ly/1zNtk26>. Acesso em 30 de abril de 2015.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel. **“Juntas chegaremos à perfeição”**. **Representações sociais da anorexia no Orkut**. *Interação em Psicologia*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC): 2010. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/view/11016/13929>. Acesso em 2 de maio de 2015.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada**. Brasil, Zahar Ed. 1988.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, Editora Vozes, 8ª edição, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia. Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. **Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira**. *Saúde e Sociedade*. vol.20. Nº.3 São Paulo July/Sept. 2011. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902011000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000300002). Acesso em 19 de janeiro de 2015.

HOLANDA, A. F. C. **Apontamentos para uma teoria da vida midiaticizada**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. GT Comunicação e cibercultura. Compós: Brasília, DF, 2015. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-20699834-cb48-4742-82b3-76cce7e22a1d\(2\)\\_2741.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-20699834-cb48-4742-82b3-76cce7e22a1d(2)_2741.pdf). Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

HONORATO, CARREIRA e GOVEIA. **Análise de Big Data pelos parâmetros de características visuais**. XIX Intercom Sudeste: Vila Velha, ES, 2014. Disponível em: [www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1279-1.pdf](http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1279-1.pdf). Acesso em 13 de janeiro de 2016.

JONES, Quentin. **Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology: A Theoretical Outline**. In *Journal of Computer Mediated Communication* vol. 3 issue 3.

December, 1997. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00075.x/full>. Acesso em 14 de janeiro de 2016.

JORGE, Stella Ricci Ferreira; VITALLE, Maria Sylvia de Souza. **Entendendo a anorexia nervosa: foco no cuidado à saúde do adolescente**. Arq Sanny Pesq Saúde, 2008. Disponível em <http://www.cepsanny.com.br/pdf/v1n1a8.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2015.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line*. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAKATOS, E.M. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 1976.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LE BRETON, D. **Sociologia do Corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LYONS, Elizabeth J., MATTHIAS, R. Mehl; e JAMES, W. Pennebaker (2004). **Pro-anorexics and recovering anorexics differ in their linguistic Internet self -presentation**. *Journal of Psychosomatic*, ed. 60, p.253 - 256.

MARTINES, Wânia Regina Veiga; MACHADO, Ana Lúcia; COLVERO, Luciana de Almeida. **A cartografia como inovação metodológica na pesquisa em saúde**. Revista Tempus - Actas de Saúde Coletiva. Brasília: 2013. Disponível em <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2012/06/15/na-rede-pistas-do-metodo-da-cartografia-pesquisa-intervencao-e-producao-de-subjetividade/>. Acesso em 23 de maio de 2015.

MATOS, F. **Automutilação: curando a dor da alma**. Site Ligação Teen, 2013. Disponível em: <http://www.ligacaoteen.com.br/mundo-teen/saude/automutilacao-curando-a-dor-da-alma/344/>. Acesso em 01 de janeiro de 2016.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. In: Mauss, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU. p.211-233. 1974.

MOREIRA, Virgínia; NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. **Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade**. Psicologia USP. São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642008000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100009). Acesso em 30 de maio de 2015.

NASCIMENTO, Sara Filipa Ferro de. **Anorexia Nervosa: Percepções Familiares**. Dissertação de Mestrado na área de Psiquiatria e Saúde Mental. Portugal: Faculdade de Medicina da Universidade do Porto FMUP, 2010. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55415>. Acesso em 2 de maio de 2015.

NETO, Paulo Poli. CAPONI, Sandra N.C. **A medicalização da beleza**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.11, n.23,p.569-84. Botucatu, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000300012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000300012&script=sci_arttext). Acesso em 23 de maio de 2007.

PARK, Robert E. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano.** In: VELHO, Otávio. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1967.

PARRY-JONES, B.; PARRY-JONES, WL. **Bulimia. Na archival review of its history in psychosomatic medicine.** Int J Eat Disord 1991; p.129-43.

PATRÍCIA, Karlla. **Para se tornar modelo, jovem gasta milhares de dólares com cirurgias para alongar as pernas.** Diário de Biologia. Disponível em: <http://diariodebiologia.com/2015/02/para-se-tornar-modelo-jovem-gasta-milhares-de-dolares-com-cirurgias-para-alongar-as-pernas/#.VUU2cflVikp>. Acesso em 27 de abril de 2015.

PEREIRA, Réia Silvia Gonçalves. **Fé em Deus, DJ: Funk e pentecostalismo entre jovens das camadas populares.** Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Espírito Santo - UFES: Vitória, 2014.

PIOTO, Luciana. **Cantora africana clareia a pele e abre discussão sobre autoestima de negros.** Uol Notícias Internacional, 2014. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/04/14/cantora-africana-clareia-a-pele-e-abre-discussao-sobre-autoestima-de-negros.htm>. Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

PONTE, E.; RAPETTI, N.; e PORÉM, M. **Webcelebridades: A Internet como Mola Propulsora da Fama.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1632-1.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2015

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

QUADROS, Paulo da Silva. **Ciberespaço e Violência Simbólica.** Comunicação e Educação, 2001, n.21. Disponível em: <http://bit.ly/1cYdk0i>. Acesso em: 27 de julho de 2014.

QUINTELA, H.F. **Para além do arco-íris: a construção social da mulher e as experiências da transexualidade.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em redes sociais na internet: um estudo de uma rede pró-ana e pró-mia.** Faro, Valparaíso, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/ana\\_mia.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/ana_mia.pdf). Acesso em 23 de janeiro de 2015.

\_\_\_\_\_. **Mapeando redes sociais na Internet através da conversação mediada pelo computador.** In: Hetkowsk, T. M.; Nascimento, A. D. (Org.). Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: Edufba, 2009b, p. 251-274. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/mapeando.pdf>. Acesso em: 15 de dezembro de 2015.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet.** Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009a.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: Homesteading on the eletronic frontier**, 1993. Disponível em: [www.rheingold.com/vc/book](http://www.rheingold.com/vc/book). Acesso em 25 de março de 2015.

\_\_\_\_\_. **La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995.

RIFIOTIS, Theóphilos. **Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade**. Antropologia em Primeira Mão. n.51, Florianópolis, SC: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFSC, 2002.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **A formação da consciência civil entre o “real” e o “virtual”**. In: GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Monica. (Org.). Liga, Roda, Clica – estudos em mídia, cultura e infância. Ed. Papirus. Campinas (SP): 2008.

ROCHA, P. J.; MONTARDO, S. P. **Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura**. E-Compós, Brasília, v. 4, p. 2-22, 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/55/55>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2015.

RODRIGUES, Meghie. **O gordo, o belo e o feio: o embate entre obesidade e padrões**. Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Campinas, 2013. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542013000100005&lng=es&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000100005&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 22 de maio de 2015.

SANT’ANNA, D. B. **Corpos de Passagem**. Ensaios sobre a subjetividade contemporânea. 3ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, F. M. GOMES, S, H, A. **Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura**. Eixo 1 – Educação, Processos de Aprendizagem e Cognição do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. 20 a 22 de novembro de 2013. Disponível em: [http://www.abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo\\_1\\_Educacao\\_e\\_Processos\\_de\\_Aprendizagem\\_e\\_Cognicao/26054arq02297746105.pdf](http://www.abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_1_Educacao_e_Processos_de_Aprendizagem_e_Cognicao/26054arq02297746105.pdf). Acesso em: 18 de janeiro de 2016.

SENKEVICS, A. **O conceito de gênero por Judith Butler: a questão da performatividade**. Ensaios de gênero, 2012. Disponível em [migre.me/szBG5](http://migre.me/szBG5). Acesso em 23 de dezembro de 2015.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SHIRKY, C. **Lá vem todo mundo. O Poder de Organizar Sem Organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SIBILIA, Paula. **Show do eu: a vitrine da própria personalidade**. IHU on-line. Revista do Instituto Humanas Unisinos. Rio de Janeiro, 2008, Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/18437-show-do-eu-a-vitrine-da-propria-personalidade-entrevista-especial-com-paula-sibilia>. Acesso em 19 de julho de 2015.

\_\_\_\_\_. **O bisturi de software (Ou como fazer um “corpo belo” virtualizando a carne impura?)**. Compós. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Niterói (RJ), 2005. Disponível em: [http://compos.org.br/data/biblioteca\\_909.pdf](http://compos.org.br/data/biblioteca_909.pdf). Acesso em 18 de julho de 2015.

SIMMEL, G. **O dinheiro na cultura moderna** (1896). In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. Simmel e a modernidade. Brasília: UnB. 1998. p. 23-40.

\_\_\_\_\_. **Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal**. In: Moraes Filho, E de. P.165-181. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, I. **Psicopatologia de Desenvolvimento: Trajectórias (in) adaptadas ao longo da vida**. Coimbra: Quarteto, 2000.

SOARES, Karla. **Facebook tem regras de conduta, saiba o que é proibido na rede social**. TechTudo, 2014. Disponível em <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/03/facebook-tem-regras-de-conduta-saiba-o-que-e-proibido-na-rede-social.html>. Acesso em 2 de maio de 2015.

TONI, Míriam de. **Visões sobre o trabalho em transformação**. Sociologias [on-line]. 2003, n.9, pp. 246-286. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n9/n9a09.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2015.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 7ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

VIEIRA, Érico; STENGEL, Márcia. **Individualismo, liberdade e insegurança na Pós-modernidade**. ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade. Vol. 2. Nº 2. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/740>. Acesso em: 14 de junho de 2015.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis. Methods and Applications.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

WEINBERG, C. CORDÁS, T.A. **Do altar às passarelas: da anorexia santa à anorexia nervosa.** São Paulo: Annablume, 2006.

ZAMPIEIR, Kiko. **Borboletas Azuis: Um amor além da vida.** Pará de Minas, MG: Editora VirtualBooks, 2012.

ZORZANELLI, Marcelo. **Anorexia e morte no Instagram.** Diário do Centro do Mundo, 2013. Disponível em <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/anorexia-e-morte-no-instagram/>. Acesso em 12 de janeiro de 2015.